



13-A

**ECONOMIA EVOLUCIONÁRIA E *PATH DEPENDENCE* DO INVESTIMENTO EXTERNO JAPONÊS:
um estudo do Leste Asiático no período pré Segunda Guerra Mundial**

BANCA EXAMINADORA

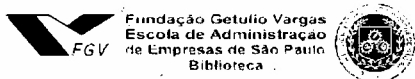
Prof. Orientador Robert Norman Vivian Cajado Nicol
Prof. Luiz Antônio de Oliveira Lima
Prof. Fernando Celso Garcia de Freitas
Prof. Otaviano Canuto dos Santos Filho
Prof. Nobuaki Hamaguchi

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS DE SÃO PAULO

SILVIO YOSHIRO MIZUGUCHI MIYAZAKI

**ECONOMIA EVOLUCIONÁRIA E *PATH DEPENDENCE* DO INVESTIMENTO EXTERNO JAPONÊS:
um estudo do Leste Asiático no período pré Segunda Guerra Mundial**

Tese apresentada ao Curso de Pós Graduação em
Economia de Empresas da FGV/EAESP
como requisito para obtenção de título de doutor
em Economia.



582/2002



1200200582

Orientador: Professor Robert Norman Vivian Cajado Nicol

SÃO PAULO

2002

| | |
|---|---------------|
| Escola de Administração de Empresas de São Paulo | |
| Data | Nº da Chamada |
| 04.04 | 339.727.22 |
| Título | (520) |
| 582/2002 | 00685e |
| | Tese |
| | 2-1 |

SP-00025386-7

MIYAZAKI, Silvio Y. M.. *Economia evolucionária e path dependence do investimento externo japonês: um estudo do Leste Asiático no período pré Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: EAESP/FGV, 2002. 161 p. (Tese de Doutorado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Economia de Empresas da EAESP/FGV).

Resumo: A abertura da economia e o reinício das relações econômicas japonesas com o exterior e o processo de industrialização da economia japonesa na Era Meiji levaram o Japão a investir no exterior. Os investimentos japoneses no exterior cresceram preponderantemente no Leste Asiático, concentrando-se nessa área até o término da Segunda Guerra Mundial. A tese mostra que existem restrições de caráter institucional e histórico, que impõem limitações às empresas quanto ao leque de opções para investirem no exterior. Uma vez que as empresas japonesas fizeram a opção, impostas por aquelas restrições, de investir no Leste Asiático, *feedbacks* positivos, propiciados pelos eventos históricos e institucionais, geraram auto-reforços, levando a um resultado de inflexibilidade - *lock-in* - para sair dessa região. A tese comprova que explicar os investimentos externos japoneses pelo modelo de economia evolucionária, através do processo de *path dependence*, que incorpora o caráter institucional e histórico, é mais plausível do que as interpretações convencionais.

Palavras-Chaves: Investimentos estrangeiros, economia evolucionária, *path dependence*, Leste Asiático, Japão, economia internacional, economia política.

À NOBUE MYAZAKI, TIA DE SANGUE, MÃE DE CORAÇÃO E IRMÃ NO DIA-A-DIA

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Robert Nicol - meu orientador - sem igual em integridade, inteligência e senso de humor. Ao Professores Bresser, Nakano, Lima, Arthur, Arício e Dall'Acqua, da "academia PAE" que tanto me ensinaram, pelas lições de economia e pelas atitudes pessoais, durante o curso de pós graduação. Aos Professores Fernando de Holanda, Darcy Carvalho e Peter Spink, pelo apoio dado nos estudos sobre economia japonesa.

No exterior, ao Professor Ippei Yamazawa da Hitotsubashi University, Professor Yoichi Koike do Institute of Developing Economies, Professor Ronald Palmer da George Washington University e Professor Akira Kudo da University of Tokyo, assim como a essas instituições acadêmicas que me acolheram durante o período da coleta de dados.

Ao CNPq pela bolsa de estudo do curso de doutorado e ao governo japonês pelas bolsas de estudo que possibilitaram as pesquisas no exterior.

Pela amizade e pelas leituras, críticas e comentários das versões preliminares dos capítulos da tese, ao Luis Eduardo e ao Elvino. Aos amigos que sempre me apoiaram, nos melhores e nos piores momentos durante o período do curso, Tuca, Fred, Toninho, Heitor, Alberto, Marcão, Leo, Lo, Cláudio, *in memorian*, grande amigo que o destino levou antes do tempo, e à Andrea, companheira inseparável.

Aos funcionários da EAESP, principalmente da Secretaria de Pós-Graduação e da Biblioteca. E um agradecimento especial à Joana, Secretária do PAE, eficaz, leal e amiga.

Gratidão eterna à minha tia Nobue Myazaki, que me ofereceu todas as condições tangíveis e intangíveis para que eu pudesse cumprir toda a trajetória escolar, que culmina com a conclusão do doutorado.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| Introdução..... | 1 |
| Capítulo I - Resenha das teorias e contribuições para o estudo do investimento direto estrangeiro | 4 |
| Introdução | 4 |
| 1.1.1. Investimento direto japonês: uma caracterização da empresa multinacional japonesa..... | 4 |
| 1.1.2. Teoria do ciclo do produto | 6 |
| 1.1.3. Modelos de localização | 7 |
| 1.1.4. Custos de transação e transações neoclássicas | 9 |
| 1.1.5. Teorias de internalização..... | 10 |
| 1.1.6. Pacote gerencial | 12 |
| 1.2.1. Economia evolucionária..... | 13 |
| 1.2.2. Economia evolucionária: modelo <i>path dependence</i> | 14 |
| 1.2.3. Teoria do catching-up product cycle como abordagem evolucionária | 16 |
| Conclusão | 19 |
| Capítulo II - O caráter do investimento externo japonês: a influência da modernização e das relações internacionais | 21 |
| Introdução | 21 |
| 2.1. Eventos históricos como motivadores do investimento | 21 |
| 2.1.1. Abertura da economia | 21 |
| 2.1.2. Restauração Meiji: abertura e industrialização econômicas..... | 23 |
| 2.1.3. Guerras e Tratados | 27 |
| 2.1.4. Expansão do território e interesses econômicos..... | 32 |
| 2.2. Investimentos externos e comércio externo japoneses..... | 35 |
| 2.2.1. Empresas: seu crescimento das empresas e sua ida ao exterior | 35 |
| 2.2.2. Estoque do investimento japonês..... | 38 |
| 2.2.3. Fluxo dos investimentos japoneses..... | 43 |
| 2.2.4. Comércio externo..... | 46 |
| Conclusão | 54 |
| Capítulo III - Investimentos japoneses na China: da concessão territorial à indústria têxtil..... | 55 |
| Introdução | 55 |
| 3.1. Investimentos japoneses iniciais na China | 57 |
| 3.2. Investimentos japoneses: <i>zaibatsu</i> e apoio do governo..... | 58 |
| 3.3. Comércio externo..... | 65 |
| 3.4. Indústria algodoeira..... | 69 |

| | |
|---|-----|
| Capítulo IV - Investimentos japoneses na Coréia: industrialização em benefício dos japoneses..... | 77 |
| Introdução | 77 |
| 4.1. Investimentos japoneses iniciais | 77 |
| 4.2. A anexação do país e os investimentos japoneses | 81 |
| 4.3. Investimentos e industrialização: incentivo da Primeira Guerra Mundial | 83 |
| 4.4. Esforço de guerra: ponto de inflexão dos investimentos | 85 |
| Capítulo V - Investimentos japoneses na Manchúria: em direção a uma economia planificada | 94 |
| Introdução | 94 |
| 5.1. Os acidentes históricos e os investimentos japoneses..... | 94 |
| 5.2. Investimentos com a constituição de um Estado | 102 |
| 5.3. South Manchuria Railway Company | 108 |
| Capítulo VI – A evolução dos investimentos japoneses em Taiwan..... | 112 |
| Introdução | 112 |
| 6.1. Ocupação, desenvolvimento e investimentos japoneses..... | 114 |
| 6.2. Investimentos japoneses na agricultura..... | 119 |
| 6.3. Setor não agrícola e investimentos | 125 |
| 6.4. Comércio externo..... | 126 |
| 6.5. Esforço de guerra e investimentos..... | 132 |
| Considerações finais..... | 140 |
| Referências bibliográficas | 145 |
| Anexos..... | 158 |

INTRODUÇÃO

A abertura da economia e o reinício das relações econômicas japonesas com o exterior e o processo de industrialização da economia japonesa na Era Meiji¹ resultaram na aquisição de tecnologia do exterior, na ampliação de mercados externos, na substituição de importações, na produção de bens a serem exportados e na possibilidade de acumular capitais a serem investidos no exterior.

O Japão, transformando-se no início do século XX como o único país industrializado do Leste Asiático, tornou-se um exportador de capitais, com o governo e as suas empresas investindo em outros países, principalmente asiáticos, desde essa época.

Entretanto, a ocorrência de uma industrialização precoce é insuficiente para responder por que os investimentos japoneses no exterior cresceram preponderantemente no Leste Asiático, concentrando-se nessa área até o término da Segunda Guerra Mundial.

No final do século XIX, outros países industrializados, tais como a Rússia, a Inglaterra, a França e a Alemanha possuíam zonas de influência e territórios na Ásia, avançando cada vez mais para áreas próximas ao Japão. Nesse contexto, para diminuir e bloquear o domínio dessas potências, o Japão assegurou também a sua influência na região através de guerras e tratados, que propiciaram a ocupação territorial, de forma a obter o controle político parcial ou integral de países.

O norteamento da expansão econômica japonesa ao exterior esteve relacionado com aspectos geopolíticos, no que concerne às questões da segurança nacional do Japão.

¹ Período de 1868 a 1912

Depreende-se, assim, que as circunstâncias institucionais e políticas – eventos ou acidentes históricos – motivaram os investimentos japoneses no exterior. A evolução desses eventos, tais como as guerras, tratados e a ocupação política e territorial, causou a ampliação dos investimentos externos japoneses nos países do Leste Asiático pelo processo de *path dependence*, através do qual esses fluxos econômicos internacionais auto-reforçavam-se para se concentrarem nessa região a cada evento ou acidente histórico que ocorria.

Na visão das teorias convencionais de economia internacional, as empresas decidem os investimentos no exterior num leque ilimitado de escolhas, sem considerarem as limitações de cunho institucional e histórico. Contrapondo-se à essa visão, uma das nossas contribuições com a tese é mostrar que existem restrições de caráter institucional e histórico, que impõem limitações às empresas quanto ao leque de opções para investirem no exterior. Essas restrições são traduzidas na forma de ocorrência de acidentes históricos e eventos institucionais, que levam a uma inflexibilidade - *lock-in* - dos resultados. Uma vez que as empresas japonesas fizeram a opção, impostas por aquelas restrições, de investir no Leste Asiático, *feedbacks* positivos, propiciados pelos eventos históricos e institucionais, geraram auto-reforços, levando a um resultado de inflexibilidade para sair dessa região. A tese comprova que a explicação dos investimentos no exterior através do modelo de economia evolucionária, que incorpora o caráter institucional e histórico, é mais plausível que as interpretações convencionais.

Outra contribuição da tese é a qualidade do levantamento dos dados uma vez que é o resultado de pesquisas realizadas no Japão e nos Estados Unidos, onde os dados foram coletados. Não somente porque parte da bibliografia levantada no Japão é em língua japonesa mas principalmente pela descoberta de documentos anteriormente secretos do governo americano, que mostram dados de ativos externos japoneses entre 1900 e 1945; esse achado foi resultado de um trabalho exaustivo de pesquisa em inúmeras visitas ao *National Archives* em Washington. Ressaltamos que não encontramos nenhum autor que utilizou esse material para analisar o investimento japonês no exterior na bibliografia japonesa ou em língua inglesa que consultamos, apesar de terem sido liberados para consulta pública há cerca de dez anos. Os dados desses documentos do governo americano

propiciam uma melhor dimensão na análise dos investimentos japoneses no Leste Asiático no período considerado da tese.

Na primeira parte da tese realizaremos a revisão das teorias tradicionalmente aceitas em economia internacional para se estudar o investimento externo e do pensamento da economia evolucionária, que é o modelo teórico adotado nesta tese. Na segunda parte, analisaremos os eventos históricos causadores dos investimentos externos japoneses. Serão analisados à luz da economia evolucionária, os investimentos japoneses na China, Coréia, Manchúria e Taiwan. Cada uma dessas áreas compreende um capítulo, que mostra que a manutenção dos fluxos internacionais de um país gerador para outros, receptores, é explicada pelos acidentes históricos e pelas mudanças institucionais ocorridas durante o longo período de tempo, compreendido entre a abertura da economia japonesa no final do século XIX e a Segunda Guerra Mundial. O que levou a um padrão - da concentração dos investimentos japoneses para o Leste Asiático - para comprovar a hipótese de que os investimentos externos japoneses ocorreram devido ao processo de *path dependence*.

CAPÍTULO I - RESENHA DAS TEORIAS E CONTRIBUIÇÕES PARA O ESTUDO DO INVESTIMENTO DIRETO ESTRANGEIRO

Introdução

O estudo do investimento direto estrangeiro pode ser realizado através de diferentes enfoques uma vez que a literatura comumente utilizada como referencial teórico é extensa. As pesquisas concernentes ao investimento direto estrangeiro tem utilizado a teoria do ciclo do produto, os modelos de localização e os custos de transação. Portanto, existem diferentes abordagens que poderiam ser utilizadas para o embasamento teórico da tese. Entretanto, ao se estudar o padrão dos fluxos internacionais de um país a outros em períodos longos, a alternativa adequada é interpretá-los através do modelo de economia evolucionária. Nesse modelo, as relações econômicas internacionais são interpretadas como processos *path dependent*, ou seja, dependentes da sua trajetória histórica. Por este referencial teórico, a ocorrência dos fatos históricos e das mudanças institucionais resultam na continuidade ou na descontinuidade dos fluxos internacionais no longo prazo.

Realizamos, primeiramente, uma revisão da literatura, caracterizando a empresa multinacional japonesa pelo seu investimento direto estrangeiro, resumimos as teorias tradicionalmente aceitas para o estudo do investimento direto estrangeiro. Em seguida, mostraremos uma síntese do escopo da economia evolucionária e uma revisão dos principais autores do modelo de *path dependence*, mostrando que é adequado analisar a economia internacional através dessa abordagem.

1.1.1. Investimento direto japonês: uma caracterização da empresa multinacional japonesa

Para se realizar uma caracterização da empresa multinacional japonesa para o seu comércio ligado ao investimento, privilegiamos a obra de KOJIMA (1978).

Segundo KOJIMA (1978), pode-se identificar dois tipos de investimento direto estrangeiro: o investimento direto orientado ao comércio (que seria o modelo seguido pelas empresas japonesas) e aquele não orientado ao comércio ou anti-orientado ao comércio (que seria o modelo seguido pelas empresas americanas).

Para KOJIMA (1978: 84), o investimento direto estrangeiro pode, ainda, ser orientado aos recursos naturais, orientado à mão-de-obra, orientado ao mercado, oligopolizado e com internacionalização da produção e do marketing.

Apresentando sucintamente os tipos de investimento direto temos que o:

- dirigido aos recursos naturais é orientado ao comércio, gerando-o. O país investidor aumenta as importações dos produtos inexistentes domesticamente ou que são produzidos desvantajosamente, resultando num crescimento da especialização vertical entre produtores de manufaturas e de produtos primários (KOJIMA, 1978: 84).

- orientado à mão-de-obra também propicia o comércio. Como os salários nos países investidores avançados elevam-se, relativamente ao capital, e como novos produtos (normalmente mais intensivos em capital e conhecimento que os tradicionais) são criados continuamente, torna-se lucrativo e racional diminuir as indústrias tradicionais, intensivas em trabalho, e transferir a localização da produção para países com salários baixos, com custos de mão-de-obra barata. Há uma mudança dinâmica na vantagem comparativa quando, com o investimento direto, há a reorganização da divisão internacional do trabalho, promovendo o crescimento do comércio entre países com mão-de-obra escassa e mão-de-obra abundante. Deve-se observar que o investimento orientado à mão-de-obra objetiva estabelecer uma base de exportações, a substituição de importações e o desenvolvimento de exportações tanto para o país investidor quanto a outros mercados (KOJIMA, 1978: 84).

- aquele orientado ao mercado pode ser subdividido em duas categorias, a saber: investimento direto estrangeiro induzido por barreiras comerciais, o que é substituidor de importações, ou o oligopolizado. Por exemplo, se para os produtos finais houver tarifas altas, há a substituição de exportações de produtos finais para exportações de partes e componentes, produtos intermediários, máquinas, equipamentos e tecnologia necessária à produção de bens finais do país investidor. Neste tipo de investimento, há o interesse do país receptor em promover a substituição de importações. Se a indústria substituidora de importações crescer e tornar-se orientada às exportações, então, o investimento direto estrangeiro deste tipo torna-se investimento orientado à mão-de-obra (KOJIMA, 1978: 84-5).

Depreende-se da leitura da obra de KOJIMA (1978: 85) que não há diferença significativa entre o investimento orientado à mão-de-obra e o investimento induzido por barreiras, exceto pelo fato de que enquanto um objetiva mercados mundiais e o outro é restrito a mercados domésticos protegidos.

O investimento direto estrangeiro oligopolizado é um subtipo do investimento orientado ao mercado, praticado, em geral, por investidores americanos em indústrias de novos produtos manufaturados e é anti-orientado ao comércio. Num investimento com internacionalização da produção e marketing através da integração vertical e horizontal de uma grande empresa multinacional, a orientação ou não ao comércio depende da atividade em que houve o investimento direto (KOJIMA, 1978: 85).

O autor expõe que o investimento direto estrangeiro japonês em países em desenvolvimento deveria ser orientado ao comércio, complementando e fortalecendo vantagens comparativas nos países receptores (KOJIMA, 1978: 87).

Ainda de acordo com KOJIMA (1978: 85), o Japão investiu em países em desenvolvimento com o intuito de assegurar as importações de produtos primários, de importância para sua economia. Essa política foi denominada de “assistência ao desenvolvimento para as importações”. Foi dirigida aos projetos de desenvolvimento de recursos naturais, tais como petróleo, gás natural, ferro e carvão. Os benefícios desta assistência ao desenvolvimento eram limitados aos países com recursos naturais abundantes. Outro tipo de investimento direto japonês era o que buscava a criação da capacidade industrial em países em desenvolvimento. As indústrias escolhidas eram aquelas em que o Japão tinha perdido a sua vantagem comparativa e que os países em desenvolvimento poderiam receber. Estas indústrias deveriam ser orientadas à exportação (KOJIMA, 1978: 86).

1.1.2. Teoria do ciclo do produto

Numa outra abordagem, em que há a conexão entre o investimento internacional e o comércio, há a teoria do ciclo do produto de VERNON (1966). Essa teoria assume a

existência de diferentes estágios de desenvolvimento de um produto, caracterizado por diferentes requerimentos de tecnologia. A maior parte dos produtos é concebida e desenvolvida em países industrializados, nos quais a tecnologia e o conhecimento estão mais avançados e onde eles são produzidos até o ponto em que as técnicas de produção estejam padronizadas. Então, esses produtos são exportados aos países em desenvolvimento. Quando o produto torna-se maduro, essas firmas inovadoras deslocam a produção para países em desenvolvimento onde os custos fixos são menores. Num estágio final do ciclo do produto, verifica-se que os produtos se tornam obsoletos, quando surgem produtos novos, superiores e mais sofisticados. Há a ligação entre o comércio e o investimento direto não somente pelo tipo da atividade da empresa multinacional, mas também pelo estágio de desenvolvimento do país receptor e do investidor.

1.1.3. Modelos de localização

Segundo a abordagem de localização, empresas multinacionais escolhem países para as suas atividades de produção e vendas, alocando, via investimento direto, unidades da empresa nesses países. A aplicação dessa abordagem pode ser encontrada, entre outras, em VERNON (1979), CASSON (1985) e em KRUGMAN (1991).

VERNON (1979: 89- 90), para analisar a localização internacional, coloca primeiramente os pressupostos da teoria clássica de comércio internacional e as contrapõe com a existência da empresa multinacional. Na teoria tradicional de comércio há a hipótese de imobilidade dos fatores de produção, de outro lado, a empresa multinacional possibilita a mobilidade dos fatores, agindo como um condutor de capital e mão-de-obra. Na teoria tradicional de comércio, a falta de informações não é uma barreira para o comércio internacional, mas a empresa multinacional, como detentora e difusora de informações entre países, aumenta a disponibilidade delas. A hipótese das teorias de comércio de mercado perfeitamente competitivo não se adequa com a existência de empresas multinacionais, pois elas dominam indústrias oligopolisticamente. Os determinantes da localização diferem quanto aos oligopólios, se são baseados na inovação, se são maduros ou se são decadentes.

Naqueles oligopólios baseados na inovação, a análise da localização diferencia-se conforme as atividades da empresa: se são de pesquisa e desenvolvimento ou se são de produção da

firma (VERNON, 1979: 91). Segundo este autor, as atividades de pesquisa e desenvolvimento da empresa devem estar próximas ao seu mercado específico, ou seja, em geral no país onde está a sua matriz, já que nessas condições seria mais fácil conhecer as suas necessidades, testar essas inovações e adaptá-las. As atividades de produção no exterior são estabelecidas com a diminuição do controle em termos de exclusividade da tecnologia do processo e do produto, a padronização do processo e um aumento na elasticidade cruzada da demanda por parte dos demandantes (VERNON, 1979: 95).

A decisão de instalar uma planta produtiva, por uma empresa multinacional de um país industrializado em um país em desenvolvimento, seria baseada na intensidade dos fatores de produção dos bens: pelo alto custo da mão-de-obra nos países industrializados, produtos mão-de-obra intensivos seriam os primeiros a terem sua produção transferida ao exterior. Firms com pequena economia de escala na produção são primeiro estabelecidas no exterior que as com grande escala. Também se decide instalar firmas no exterior quando os custos com transporte e barreiras tarifárias são comparativamente altos (VERNON, 1979: 95).

CASSON (1985: 144) constrói um modelo de localização das empresas multinacionais para realizar uma análise integrada dos três tipos de investimentos estrangeiros: os substituidores de importações, os direcionados em zonas de exportação e os focados em matérias-primas e produtos agrícolas. O modelo analisa o comércio de produtos intermediários e explica o seu comércio intra-firma.

Poder-se-ia tratar a economia internacional como um caso especial de geografia econômica, pois essa estuda a localização da produção no espaço dos países, segundo KRUGMAN (1991: 1-2). O autor advoga que, para melhor entender a especialização internacional, é preciso, de início, examinar a especialização doméstica, método do qual faz uso para analisar a concentração da indústria manufatureira dos Estados Unidos (KRUGMAN, 1991: 2-3).

A análise realizada por esse autor, utiliza como hipótese a existência de retornos crescentes e competição imperfeita. As firmas produtoras estão concentradas em certas áreas visando

colher as vantagens de estarem próximas umas das outras (KRUGMAN, 1991: 11). No modelo de concentração industrial do autor, há a interação dos retornos crescentes, custos de transporte e demanda: para obter grandes ganhos de economias de escala, as firmas produtoras desejam servir o mercado nacional a partir de um número limitado de localidades. Para minimizar os custos de transporte, as firmas escolhem uma localização próxima a um grande mercado. Mas isto quer dizer que se localizarão onde a maioria das firmas já escolheram para se instalar, para diminuir os custos de transação. Então, cria-se um processo circular que tende a manter um cinturão industrial que se auto perpetua (KRUGMAN, 1991: 15 e 98).

Nessa mesma obra, KRUGMAN (1991) discorre a respeito da importância das redes de transporte e suas implicações quanto à concentração industrial no espaço, sobre as mudanças de localização que podem ocorrer, bem como sobre as origens da abordagem localizacional.

1.1.4. Custos de transação e transações neoclássicas

Empresas estendem suas atividades domésticas ao exterior através do investimento direto. Entre as teorias que explicam essa expansão há as que utilizam as teorias de organização industrial e as teorias de internalização. No primeiro tipo de abordagem, as empresas usam suas vantagens monopolistas com o intuito de remover ou barrar os competidores. Essa abordagem foi utilizada por HYMER (1960) e KINDLEBERGER (1969), cujo objeto de análise foram as empresas multinacionais americanas.

Uma outra abordagem é derivada da explicação dos custos de transação, dada por WILLIAMSON (1975) fundamentada no trabalho de COASE (1937). Diferentemente do modelo neoclássico, onde as transações são instantâneas e a informação é perfeita, essa abordagem incorpora no modelo a existência de transações mais complexas. De acordo com WILLIAMSON (1975), há custos em quase todos os tipos de transações e as imperfeições de mercado aumentam os custos de transação. Esses custos são maiores quando as trocas são realizadas nos mercados internacionais, pela maior dificuldade em se obter informações e conhecimentos.

1.1.5. Teorias de internalização

BUCKLEY, CASSON e RUGMAN desenvolveram a partir da idéia de custos de transação, a teoria da internalização para explicar as atividades das empresas multinacionais. A abordagem da internalização explica porque unidades da empresa, localizadas em diferentes países estão integradas como uma única corporação. O mercado é internalizado se o custo de uma transação envolvendo uma troca via mercado for maior que o custo de administrar essa transação dentro da firma. Assim, como uma única empresa, a divisão internacional do trabalho na produção seria melhor executada com a conexão entre produção e vendas, e a transmissão de tecnologia e informação poderia ser realizada com mais facilidade. A teoria da internalização é discutida em BUCKLEY & CASSON (1976), BUCKLEY & PEARCE (1979), CASSON (1979), LALL (1978: 315), RUGMAN (1980) entre outros.

BUCKLEY & CASSON (1976, 33), estudando o mercado de produtos intermediários, com estrutura de mercado imperfeito, concluem que há um incentivo para as atividades da empresa estarem sob a mesma propriedade e controle, através da criação de mercados internos à firma, desviando-se do fornecimento desses produtos por outras empresas. Assim, a internalização dos mercados doméstico e externo dão origem às empresas multinacionais. Os autores concluem que a internalização surge quando os benefícios superam os custos.

Se a internalização for realizada através de uma integração vertical de um processo de produção numa firma, a especialização internacional será tanto maior quanto for a variação inter-regional de preços, menor a elasticidade de substituição e menor o custo de transporte (BUCKLEY & CASSON: 1976, 45 e 50).

Caso a internalização for via integração da produção, *marketing* e pesquisa e desenvolvimento, enquanto os estágios iniciais (pesquisa científica aplicada e pesquisa de marketing) e finais (lançamento de novos produtos e processos, e adaptações às condições locais) de pesquisa e desenvolvimento devem ser descentralizados, os estágios

intermediários (*design* e desenvolvimento do produto) devem ser concentrados. Dessa forma, a estratégia para uma localização ótima deve ser localizar os estágios iniciais de pesquisa e desenvolvimento perto das maiores fontes de informação técnica e de marketing, distribuir os estágios finais entre os maiores centros produtores e mercados, e centralizar os estágios intermediários onde a mão-de-obra especializada seja barata, mas não tão distante nem das maiores fontes de informação nem dos maiores centros produtores e mercados (BUCKELEY & CASSON: 1976, 54-55).

O padrão de investimento direto estrangeiro no pós guerra, segundo BUCKELEY & CASSON (1976, 61), pode ser explicado em termos da internalização do conhecimento. Os investimentos de firmas intensivas em pesquisa e desenvolvimento são orientados para conhecer o potencial de comercialização e usar o conhecimento que a firma tem sob sua propriedade. Incentivo governamental para pesquisa, fácil comunicação com consumidores mais sofisticados e fácil acesso à mão-de-obra qualificada tendem a favorecer firmas baseadas em economias desenvolvidas. Os custos de adaptar o conhecimento a novos mercados e novos ambientes de produção tendem a encorajar essas firmas a investir em países com estágios paralelos de desenvolvimento, ou seja, investir em outras economias desenvolvidas ao invés de se instalarem em países subdesenvolvidos.

RUGMAN (1980) aponta que os mercados externos podem ser atendidos através das exportações, investimento direto estrangeiro ou licenciamento. Geralmente há a opção pelas exportações quando não existem barreiras ao livre comércio, entretanto, ocorre o investimento direto estrangeiro ou o licenciamento de produtos quando há barreiras ao livre comércio. No entanto, o licenciamento é considerado como uma opção inferior ao investimento direto estrangeiro, pois perde-se o controle da produção (RUGMAN, 1980: 28). As empresas multinacionais são vistas como uma opção superior, pois com a internalização das suas atividades, conseguem fazer uso da vantagem que têm na detenção das informações e do conhecimento, podendo se dedicar tanto ao comércio internacional quanto a produção internacional. Sob o aspecto do conhecimento, o mercado interno permite à firma a produção de bens finais que usam conhecimentos como um insumo, e o uso monopolizado da vantagem em conhecimentos permite à firma apropriar-se do retorno dos

seus gastos iniciais na geração de pesquisa (RUGMAN, 1980: 25-6).

Para DUNNING (1989, 1988a), a decisão para o investimento direto estrangeiro é devido à extensão e natureza de três fatores: vantagens inerentes à propriedade (*ownership*), vantagens de internalização e vantagens específicas de localização. As duas primeiras causas são internas à firma, enquanto a última é externa. Há o pressuposto que existem falhas de mercado, sendo que as vantagens específicas da propriedade são aquelas inerentes aos ativos que uma empresa possui vis-à-vis aqueles possuídos por outras empresas. As vantagens específicas de localização são os benefícios oferecidos pelos países para criar ou agregar valor àquelas inerentes à propriedade. As vantagens de transação ou internalização refletem a capacidade das empresas multinacionais vis-à-vis os mercados externos para diminuir os custos de transação que emergem do controle de uma série de ativos, localizados em diferentes países (DUNNING, 1988: 2). As vantagens locacionais são aquelas advindas dos recursos e disposição geográfica dos países.

1.1.6. Pacote gerencial

PENROSE (1956) argumenta que dentro das firmas muitos recursos gerenciais estão acumulados e esse conjunto de recursos é denominado pela autora como "pacote gerencial". Esse contém recursos acumulados internamente, tais como capital financeiro e recursos materiais (por exemplo, bens de capital, componentes, bens intermediários, matérias-primas, edifícios, máquinas), recursos humanos (por exemplo, trabalhadores e gerentes que são treinados dentro da firma, seu conhecimento, *know-how*), tecnologia específica (por exemplo, técnicas de processo de produção, tecnologia de produção). No processo de crescimento da firma, ela se instala no exterior e, conseqüentemente, o pacote gerencial é transferido ao exterior.

Na mesma linha de PENROSE, KOMIYA (1990: 144 e 146) analisa que uma acumulação de recursos gerenciais com o crescimento da firma e o investimento direto estrangeiro implicam não somente num movimento internacional de capital, mas também dos recursos gerenciais, tal como *know-how* administrativo, tecnológico, marketing e organizacional, necessários para uma firma eficiente. Ao se transferir bens e serviços, trocar informações e

conhecimento, é mais eficiente usar as relações intra-firma que o mercado.

1.2.1. Economia evolucionária

Um dos pressupostos das teorias de investimento direto estrangeiro, anteriormente analisadas, é a tomada de decisões racionais quando as empresas investem no exterior, ou seja, elas escolhem aquelas possibilidades que maximizem a utilidade dentro de um leque ilimitado de escolhas. Na tomada de decisões racionais, o passado não condiciona o presente de forma que não há limitações de natureza histórica. Entretanto, as condicionantes históricas limitam o leque das escolhas de investimentos das empresas, tal como serão mostradas nos capítulos II a VI. Pela abordagem da economia evolucionária, cuja revisão teórica será realizada a seguir, enfatiza-se o papel da história, cujos eventos ao longo dos processos de decisão levaram os investimentos das empresas no exterior a trilhar caminhos determinados em direção ao Leste Asiático.

O cerne da análise da economia evolucionária é explicar as mudanças na economia, com o intuito de entender a ampla variedade de comportamentos dos agentes econômicos causada pelas mudanças históricas. Nesse sentido, seu objeto é dinâmico (KUPER & KUPER, 1996). Por esta teoria, explicam-se os fenômenos econômicos através de fatos anteriores, por meio de relações de causalidade.

Segundo KUPER & KUPER (1996), “Evolução não significa simplesmente uma mudança, mas mudança nas frequências relativas de entidades específicas dentre uma população e sujeita à ação de mecanismos específicos”. [As persistentes mudanças em uma variável econômica, tal como o crescimento e o declínio de investimentos diretos no exterior, o ingresso e saída das empresas que os realizam, o aumento ou o decréscimo em determinados destinos desses fluxos e em diferentes setores econômicos,] “é consequência de uma evolução em diferentes níveis e com diferentes velocidades, assim como o surgimento de áreas completamente novas de atividade econômica ao longo do tempo” no exterior (KUPER & KUPER: 1996).

Como visto acima, esse processo evolutivo é aplicável em muitos e diferentes níveis de

atividade econômica, conforme as variáveis a serem escolhidas. É importante ressaltar que segundo a economia evolucionária, existe o mecanismo de estabilidade e persistência temporal do comportamento da variável selecionada, de forma que as características do comportamento no futuro estão relacionadas com aquelas do presente (KUPER & KUPER, 1996). A inércia, portanto, é um importante elemento que mantém as características das variáveis, sendo que as instituições que emergem a partir de acidentes históricos são determinantes para essa evolução inercial, análise essa que será aprofundada na seção concernente ao modelo *path dependence*.

1.2.2. Economia evolucionária: modelo *path dependence*

No pensamento de economia evolucionária, alguns dos principais autores que estudam os fenômenos econômicos através do modelo *path dependence* são: BRIAN ARTHUR, PAUL DAVID e DOUGLASS NORTH. Há algumas características nesse modelo, tal como a sua natureza dinâmica e o objeto de estudo ser analisado pela sua história, seja ele um padrão tecnológico, uma localização industrial, instituições ou investimentos estrangeiros.

A história desempenha um papel importante nessa abordagem. Vale ressaltar que *path dependence* não significa determinismo histórico, onde a totalidade do presente é derivada da totalidade do passado, mas que cada evento tem seu passado e seu presente, irreversíveis, que o leva a um determinado padrão no seu futuro (HAKANSSON & LUNDGREN, 1997: 123).

O modelo *path dependence* tem como pressupostos a existência de retornos crescentes e *feedbacks* positivos. ARTHUR (1994: xiv) teve essa concepção – da possibilidade de existência de retornos crescentes - que veio a ser aplicada à economia, quando observou que em outras ciências, tal como a física e a biologia, “os resultados não eram previsíveis, os problemas poderiam ter mais que uma solução e eventos ao acaso poderiam determinar o futuro...no fato de que esses processos eram dirigidos por alguma forma de auto-reforço, ou *feedbacks* positivos, ou processos de causalidade cumulativos”.

Os mecanismos de auto-reforço são, segundo ARTHUR (1988: 10), provenientes de grandes

custos de instalação ou fixos (que levam a vantagens de custos unitários decrescentes ao se aumentar a produção), efeitos de aprendizagem (que agem para melhorar produtos ou diminuir seus custos com o aumento da sua prevalência), efeitos de coordenação (outros agentes econômicos tomando ações semelhantes) e expectativas adaptativas (onde uma elevada prevalência no mercado leva a uma crença em prevalências futuras) (ARTHUR, 1988: 10).

Feedbacks positivos, gerando auto-reforço, levam a um resultado, equilíbrio ou acúmulo de uma vantagem econômica que pode resultar em inflexibilidade na saída desse resultado para se mudar para um outro num fenômeno econômico, inflexibilidade essa chamada de *lock-in* (ARTHUR, 1988).

Quanto à seleção dos resultados, ela ocorre no tempo por acidentes históricos, na forma de eventos randômicos, de modo que a história condiciona de forma muito significativa o futuro. No tocante às expectativas, elas são míopes no sentido de estarem baseadas em informações limitadas. E o resultado pode nem sempre ser o melhor que se poderia atingir, além da possibilidade da existência de equilíbrios múltiplos (ARTHUR, 1990; DAVID, 1985). Sobre esse aspecto, ARTHUR (1990: 80) explica que “Não há garantia que o resultado particular selecionado entre as várias alternativas será a “melhor” de todas. Além disso, uma vez que os eventos econômicos randômicos selecionam uma trajetória particular, a escolha pode tornar-se inflexível independentemente das vantagens das alternativas”.

A literatura concernente a *path dependence* tem analisado a adoção de padrões tecnológicos (ARTHUR, 1988, 1990, DAVID, 1985), de localização industrial (ARTHUR, 1994) e de instituições (NORTH, 1990).

Quanto ao tema de padrões tecnológicos, há os exemplos dos sistemas de videocassete e do teclado da máquina de escrever. Sobre os sistemas de videocassetes VHS e Betamax, segundo ARTHUR (1988: 110), eles foram introduzidos na mesma época, mas ao longo do tempo, houve a predominância do VHS, pelos retornos crescentes nos ganhos obtidos previamente e com o aumento cada vez maior da sua participação no mercado. A respeito

do teclado da máquina de escrever, conforme DAVID (1985), apesar do teclado DSK (*Dvorak Simplified Keyboard*) ser considerado tecnicamente superior dando mais rapidez à digitação, o padrão que continuou a ser adotado é o QWERTY, pois a sua contínua e larga adoção gerou uma inflexibilidade na possibilidade de outro padrão ser disseminado, dominando então essa seqüência de letras.

Segundo ARTHUR (1994), a concentração de uma indústria numa localidade, é resultado de um evento randômico, dado por um acidente histórico ou uma oportunidade histórica. Localidades selecionadas anteriormente por algumas firmas de uma indústria tornam-se “fixas” ou inflexíveis para essa indústria se mudar.

NORTH (1990: 93-94, 97-98) utiliza o argumento da existência de *path dependence* para analisar as instituições e suas transformações. Por exemplo, ele cita que uma lei - *The Northwest Ordinance* – foi bastante importante para a ocupação e expansão territorial nos Estados Unidos, gerando o posterior desenvolvimento político e econômico do país.

1.2.3. Teoria do *catching-up product cycle* como abordagem evolucionária

Dentro da delimitação teórica para a tese, podemos afirmar que o modelo de *catching-up product cycle* (CPC) ou *flying wild geese* (AKAMATSU, 1962; KOJIMA, 1978; YAMAZAWA, 1990), é uma abordagem evolucionária quando analisamos os fluxos internacionais do Japão aos países do Leste Asiático dinamicamente, ao longo do tempo, integrando comércio internacional, investimento direto estrangeiro, industrialização e desenvolvimento.

A hipótese básica dessa teoria é que o desenvolvimento industrial de longo prazo no Japão foi devido à ligação do comércio internacional com a produção. Assim, YAMAZAWA (1990: 27) qualifica o modelo japonês de desenvolvimento. O mecanismo que possibilita o desenvolvimento industrial devido àquela interação, pode ser explicado pela análise do modelo CPC. Nos países que iniciaram sua industrialização tardiamente, o desenvolvimento de uma indústria moderna inicia-se com a importação de um novo produto de um país mais avançado, seguido da produção doméstica ocorrida com o

processo de substituição de importações, e finalmente passa-se à produção dirigida às exportações. Esta seqüência foi apresentada primeiramente por AKAMATSU, que usou o termo *flying wild geese pattern*, e redenominada por KOJIMA como *catching-up product cycle* (YAMAZAWA, 1990: 28).

São cinco os estágios de desenvolvimento no atual modelo CPC, a saber: introdutório, substituição de importações, exportações, maturação e importação reversa (YAMAZAWA, 1990: 30).

“No estágio introdutório, um novo produto é colocado através da importação dos países avançados, sendo que o consumo doméstico do produto incrementa gradualmente. A produção interna inicia-se através da imitação ou de tecnologia emprestada. Entretanto, a produção interna não consegue competir com o produto importado por causa da qualidade inferior e altos custos de produção do bem produzido internamente.

No estágio de substituição de importações, o consumo doméstico aumenta rapidamente, o que encoraja a produção a expandir a uma taxa mais rápida que a demanda, assim diminuindo a participação das importações no mercado doméstico. A tecnologia de produção é padronizada, e a produção em larga escala torna-se possível, com a produção doméstica gradualmente substituindo as importações. Melhora a qualidade do produto e o preço cai abaixo do preço do produto importado.

No estágio de exportações, os bens produzidos domesticamente começam a ser exportados. O crescimento da demanda interna irá diminuindo, mas com o crescimento das exportações, o aumento na produção pode ser mantido.

No estágio de maturação, tanto a demanda doméstica quanto as exportações decrescem lentamente, impedindo a expansão da produção. Exportações começam a diminuir quando o produto doméstico não compete com produtos similares de países tardios.

Finalmente, na importação reversa, bens produzidos por países de desenvolvimento tardios, que são mais baratos e com qualidade não inferior, começam a ser importados e gradualmente substituem produtos internos no mercado interno, contribuindo para o declínio acelerado da produção interna.” (YAMAZAWA, 1990: 30).

Segundo YAMAZAWA (1990: 31), os mecanismos que possibilitam a mudança de um estágio a outro são os seguintes:

- no estágio introdutório, há o efeito *learning by doing* e com a acumulação da experiência na produção há a melhoria da qualidade e a redução dos custos na produção doméstica;

- o crescimento da demanda interna e externa possibilita a substituição do produto no mercado interno (substituição de importações) e nos mercados externos (expansão das exportações). Há diminuição de custos unitários pelas atividades em grande escala, com adoção de uma tecnologia melhor, e experiência acumulada no trabalho e no gerenciamento, sua somatória resulta no aumento da produção e na capacidade de investimento;

- a mudança do estágio de exportações para o de maturação é devida à desaceleração do crescimento da demanda, desacelerando a capacidade de investimento e reduções de custo. Pelo incompleto conhecimento do mercado externo pelos produtores, suas decisões de investimento para aumentar a capacidade tende a ser influenciada pela demanda doméstica. De outro lado, como a substituição de importações inicia-se em países tardios, as exportações e a produção de bens pelo país exportador diminuirá. Então haverá o início do estágio de importação reversa. O fator comum desses últimos estágios é o declínio da competitividade, dado o ingresso de produtos de países tardios no mercado doméstico de países exportadores.

As políticas governamentais podem influenciar o desenvolvimento, acelerando ou desacelerando o CPC em cada estágio (YAMAZAWA, 1990: 32). No estágio introdutório, o governo pode incentivar firmas locais ou estrangeiras a instalarem novas indústrias por subsídios ou isenções fiscais, estabelecer estatais e financiá-las. No estágio de substituição de importações, há a promoção desse processo pelas políticas que restringem importações ou subsidiam produtores domésticos. No estágio de importação reversa, também há a proteção com o intuito de evitar custos sociais e econômicos do ajustamento nas indústrias declinantes. Nos estágios de exportação e maturação, a influência do governo é reduzida; alguns governos promovem novos produtos de exportação com subsídios, entretanto, a

alocação indefinida desses subsídios é custosa. Assim, o principal mecanismo desses últimos estágios são as forças de mercado.

Realizada esta breve revisão da literatura sobre economia evolucionária e *path dependence*, prosseguimos com a contribuição no sentido de mostrar a utilização dos conceitos desse arcabouço teórico para as relações econômicas internacionais entre os países.

Conclusão

Mostramos inicialmente, no presente capítulo, uma resenha das teorias tradicionalmente utilizadas para o estudo das relações econômicas internacionais assim como de algumas obras desse objeto de estudo. Em seguida, realizamos a análise do pensamento da economia evolucionária, assim como uma resenha das suas principais contribuições.

O modelo de *path dependence* é uma interpretação alternativa para se estudar o investimento direto estrangeiro. Uma vez que esse escopo teórico tem sido utilizado para estudar padrões tecnológicos, localizações industriais ou instituições, afirmamos que esse modelo também pode ser utilizado para analisar as relações econômicas internacionais dos países.

Sob este modelo analítico, num período longo de tempo – décadas - os investimentos estrangeiros dos países são interpretados como processos dependentes da sua trajetória (*path dependent*) histórica. A ocorrência dos fatos históricos e das mudanças institucionais resultam na evolução dos fluxos internacionais em direção a um padrão.

Por um evento aleatório, o país A inicialmente escolhe o país (ou região) B, mantendo relações econômicas internacionais ao longo do tempo. Os fluxos dessas relações continuam e pela existência de *feedbacks* positivos e auto-reforço mantêm-se num determinado padrão. Como vimos na seção anterior, segundo ARTHUR (1988: 10), o auto-reforço é derivado da existência de custos de instalação ou fixos (quando se instala um escritório de representação ou uma planta industrial num outro país), efeitos de aprendizagem (nas relações comerciais com os mesmos parceiros, facilitando a entrada de

novos produtos ou firmas), efeitos de coordenação (entre firmas que mantêm relações econômicas internacionais com esses mesmos países) e expectativas de auto-reforço (prevalência de um país ou região para receber fluxos internacionais, levando a acreditar que no futuro haja a mesma prevalência).

Vimos que existe uma abordagem alternativa às comumente utilizadas para se estudar o investimento direto estrangeiro. Essa abordagem alternativa, adequada principalmente para analisar mudanças e permanências de padrões em períodos de tempo relativamente longos – décadas - é o modelo *path dependence* de economia evolucionária.

O capítulo seguinte analisará o caráter das relações internacionais e da modernização do Japão e seus impactos no investimento externo japonês, mostrando que os acidentes históricos e as mudanças institucionais motivaram a manutenção desses fluxos aos países do Leste Asiático no período pré Segunda Guerra Mundial.

CAPÍTULO II - O CARÁTER DO INVESTIMENTO EXTERNO JAPONÊS: A INFLUÊNCIA DA MODERNIZAÇÃO E DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Introdução

Ao longo do período compreendido entre o início da abertura comercial do Japão e o término da Segunda Guerra Mundial, houve o processo de deslocamento e concentração dos investimentos externos japoneses para os países do Leste Asiático.

Analisando a evolução desses investimentos, observamos que a trajetória dos eventos históricos ocorridos, no período pré Segunda Guerra Mundial, assegurou um predomínio do Leste Asiático como receptor dos investimentos japoneses.

Na primeira parte deste capítulo, estaremos analisando os principais eventos históricos, tais como as origens da abertura da economia, a modernização do país e a expansão do território japonês, fatos esses que propiciaram o início dos investimentos japoneses e a concentração dos mesmos nos países do Leste Asiático. Na segunda parte, mostraremos uma caracterização geral dos investimentos externos e do comércio internacional japonês no período anterior à Segunda Guerra Mundial, comprovando a sua concentração naquela região.

2.1. Eventos históricos como motivadores do investimento

Uma sucessão de determinados eventos históricos levou a uma trajetória em que os investimentos do Japão no exterior se concentrassem no Leste Asiático em detrimento de outras áreas. A abertura da economia japonesa foi uma pré-condição para a existência de relações econômicas internacionais e a industrialização japonesa propiciou que as empresas desse país crescessem e buscassem novos mercados. As guerras e os tratados, garantindo a expansão do território, ampliaram os mercados, resultando na concentração dos investimentos numa determinada área geográfica. A seguir, analisaremos esses eventos históricos.

2.1.1. Abertura da economia

Para se compreender a importância da abertura da economia japonesa – ocorrida em

meados do século XIX - deve-se retroceder de alguns séculos: em 1639 iniciou-se a política de isolamento japonês, quando o acesso dos estrangeiros ² ao país foi restringido e a saída de japoneses ao exterior foi proibida. Tomou-se esta decisão para diminuir os fatores que poderiam causar instabilidade política no Japão feudal, entre os quais, a influência de valores religiosos ocidentais ³ e a entrada de armas e metais preciosos do exterior (BEASLEY, 1963: 8, 45 ; HAGIHARA, 1985: 17).

Anos depois, entre o término do século XVIII e o começo do século XIX, com o aumento das relações internacionais de alguns países ocidentais com a China, reiniciou o interesse daqueles países em ter contatos diplomáticos e obter a abertura de portos japoneses. Durante aquele período, russos, ingleses e norte-americanos realizaram algumas tentativas de estabelecer relações oficiais com o Japão (BEASLEY, 1963: 46 – 53; MORRIS-SUZUKI, 1994: 56; REISCHAUER & CRAIG, 1978: 116 – 117).

A Inglaterra obteve Hong Kong para sua esfera de domínio político e a autorização para usar outros portos chineses por meio do tratado de paz de 1842-1843, selado após a Guerra do Ópio com a China. A utilização de Hong Kong como um porto, não somente dos ingleses mas também para alguns outros países ocidentais, resultou no aumento da possibilidade de intercâmbio comercial e de interesses econômicos daqueles países ocidentais com o Leste Asiático, por conseguinte, aumentando a possibilidade de ter contatos com o Japão (BEASLEY, 1963: 49; SHIBAHARA, 1985: 64).

Aliado ao fato anterior de ampliar o número de portos abertos aos países ocidentais na costa chinesa, a expansão do território dos Estados Unidos para o Pacífico, com o reconhecimento pelos ingleses do direito de posse americano sobre Oregon em 1846 e a aquisição da Califórnia após a guerra com o México entre 1846 e 1848, eventos esses fizeram com que os Estados Unidos voltassem os interesses econômicos também para o Japão. Com o planejamento de uma linha marítima entre a costa norte-americana do

² Embora em número restrito, havia a permissão apenas para os chineses, coreanos e holandeses ingressarem e comercializarem com o Japão a partir de 1639 (SUMIYA & TAIRA, 1979: 172 - 173).

³ O Cristianismo e a sua difusão eram considerados pelos senhores feudais japoneses como meios pelos quais os estrangeiros poderiam dominar o país.

Pacífico e a China, o Japão tornou-se estratégico aos interesses dos Estados Unidos pela sua posição geográfica, situada entre aqueles dois países, e pelas minas de carvão que possuía, pois era este o mineral utilizado como combustível dos navios à época (BEASLEY, 1963: 52; SHIBAHARA, 1985: 62, 65).

Os dois eventos anteriores são exemplos de fatos que conduziram os países ocidentais a realizarem tentativas de se aproximar do Japão. Após a política de isolamento ter perdurado por mais de dois séculos, o Japão assinou, entre 1854 e 1858, acordos e tratados com os Estados Unidos, França, Holanda, Inglaterra e Rússia ⁴, concedendo-lhes, entre outros direitos, formalmente a abertura de alguns portos, a realização do comércio externo, baixas taxas de importação – estabelecidas em 5 por cento para a maior parte dos produtos - e a inclusão da cláusula de nação mais favorecida unilateral, ou seja, no Japão, privilégios obtidos por um país seriam automaticamente dados para os outros, sem contrapartida aos japoneses. A reclusão foi rompida formalmente com essas medidas institucionais, resultando na abertura parcial da economia ⁵ (BEASLEY, 1963: 67 – 69, 72, 77, 168; SUMIYA & TAIRA, 1979: 171; REISCHAUER & CRAIG, 1978: 120 – 121; SHIBAHARA, 1985: 65).

2.1.2. Restauração Meiji: abertura e industrialização econômicas

Com o advento da Restauração Meiji em 1868, quando o imperador reassumiu os poderes políticos do Japão, encerrou-se o feudalismo. Foi um marco na história japonesa que fez que com o Estado centralizado iniciasse a modernização ⁶ do país.

Dois aspectos da Era Meiji ⁷ de especial interesse para o presente estudo são a abertura da economia e a industrialização. As relações econômicas com o exterior e o processo de industrialização da economia japonesa implicaram na aquisição de tecnologia do exterior,

⁴ Chamados de *Tratados Ansei*.

⁵ Segundo NISHIKAWA & SAITO (1985: 175), o comércio internacional do Japão aumentou em 200 por cento entre 1857 e 1865 e em 80 por cento entre 1865 e 1880.

⁶ O conjunto de instituições implantadas significa modernização do país, tais como a abolição formal de estratos sociais, introdução do modo de produção capitalista, produção em fábricas nas indústrias, educação básica compulsória, criação de uma força militar nacional (KUWAHARA, 1985: 24).

⁷ Abrange o período entre o ano da restauração do poder central ao imperador Meiji, em 1868, até o seu falecimento, em 1912.

ampliação de mercados, substituição de importações, produção de bens a serem exportados e a possibilidade de acumular capitais a serem investidos no exterior.

Houve uma maior abertura das relações econômicas internacionais japonesas com a Restauração Meiji, aumentando, portanto, a inserção japonesa na economia mundial, o que propiciou o aumento do comércio e do investimento externo e a expansão econômica do Japão.

No final da década de 1860, alguns países ocidentais, tais como o Reino Unido, Rússia, Alemanha e Holanda, já tinham influência política e econômica sedimentadas em países asiáticos na forma de territórios e concessões; por conseguinte, a modernização para o Japão era necessária para atingir o poderio militar e tecnológicos semelhantes a esses países a ponto de lhe assegurar a sua independência e remover as desigualdades dos tratados ⁸ que tinham sido firmados há cerca de dez anos atrás. Ademais, se o Japão não fosse mais ativo economicamente no exterior, as oportunidades de comércio e de investimento na Ásia seriam tomadas por aqueles outros países. A renda nacional aumentara 65 por cento, portanto, a uma taxa média de 1,5 por cento ao ano, entre 1845 e 1879 de forma que o crescimento econômico continuado dependia do incremento do comércio externo (DUUS, 1988: 132-134; HUBER, 1971; PEATTIE, 1984: 7; REISCHAUER & CRAIG, 1978: 135).

O governo promoveu a industrialização através de medidas tais como o estabelecimento do Ministério da Indústria em 1870, a importação de tecnologia do exterior e o investimento na indústria. Em 1874, o governo estabeleceu a primeira mina de carvão e desenvolveu outras oito; em 1881 investiu numa moderna forma de extração de minério de ferro, construiu uma fábrica de máquinas-ferramenta em 1871, uma planta de cimento em 1875, uma fábrica de vidro em 1876 e uma de tijolos em 1878, além de fundições e minas de prata e ouro. Os investimentos em infra-estrutura foram também realizados por aquele Ministério, tais como a construção das primeiras linhas ferroviárias, da constituição da

⁸ Um exemplo de desigualdade dos tratados foi o firmado em 1866, que baixara de cerca de 20 por cento para cinco por cento a alíquota de importação, o que favoreceu a entrada de bens manufaturados estrangeiros no Japão (REISCHAUER & CRAIG, 1978: 129 & 136).

navegação marítima e de uma rede nacional de telégrafos. O governo também realizou a importação de produtos, máquinas e fábricas inteiras que serviriam de modelos aos industriais japoneses (BEASLEY, 1963: 154 – 156; MORRIS-SUZUKI, 1994: 73 - 74; REISCHAUER & CRAIG, 1978: 148).

Com o início da industrialização nesse período, as empresas começaram a adquirir capacidade e tecnologia para produzir bens manufaturados, inicialmente para o mercado interno e posteriormente, para o externo.

Um setor que pode ser apontado como exemplo da industrialização japonesa é o têxtil, que participava com cerca da metade das importações entre 1868 e 1882 e em que ocorreu um processo de substituição de suas importações. O setor privado importou teares ingleses, estabelecendo-se fábricas para produtos e fios de algodão em 1868 e em 1870, sendo que o governo construiu mais duas, uma em 1880 e outra em 1881. Em 1878, o governo criou um fundo para empréstimo para constituição de fábricas têxteis de algodão privadas (REISCHAUER & CRAIG, 1978: 148 – 149, 197).

A produção de tecidos de algodão quase triplicara entre 1882 e 1887 e nos cinco anos seguintes aumentou dez vezes. Enquanto entre 1874 a 1877, 67,5 por cento do consumo de algodão no Japão consistia de produtos importados, em 1894 o Japão começou a exportar fios e roupas de algodão, tornando-se em 1897 um exportador líquido de fios de algodão (REISCHAUER & CRAIG, 1978: 154; SHIBAHARA, 1985: 66 - 67).

No que diz respeito à indústria exportadora da seda, os primeiros teares mecânicos foram estabelecidos em 1870 pelo governo, que fundava e administrava fábricas nesse setor com o intuito de introduzir novas técnicas e padronizar a qualidade para estimular as exportações. Seguiram-se a construção de outras fábricas, não somente pelo setor público mas também pela iniciativa privada. Nos anos de 1880, 30 por cento dos produtos de seda exportados pelo Japão eram bens processados mecanicamente, a seda participava com 43 por cento da pauta das exportações japonesas e contribuiu para o equilíbrio da balança comercial em meados dos anos de 1880 (BEASLEY, 1963: 156; REISCHAUER & CRAIG, 1978: 148 – 149,

197).

Houve uma tendência a fusões e formações de cartéis nos anos de 1880. Por exemplo, na indústria de fiação de algodão houve uma associação das firmas para compras de algodão cru e vendas externas de fios de algodão, para estabelecer quotas para períodos de excesso de produção e para contratação de serviços de transporte e vendas. Vale dizer que o governo também foi um indutor para aquela tendência, uma vez que empresas por ele constituídas foram vendidas ao setor privado e este obteve a tecnologia importada do exterior pelo governo e incorporada nas firmas (BEASLEY, 1963: 157 - 158; LANDES, 1998: 379; REISCHAUER & CRAIG, 1978: 154 - 155; 197).

Ademais, existiam os grandes conglomerados econômicos (*zaibatsu*) Mitsui, Mitsubishi, Yasuda e Sumitomo, que obtiveram do governo subsídios, capitais e contratos para realizarem investimentos nas indústrias que o governo procurava promover. De outro lado, a estratégia desses conglomerados era a diversificação de atividades e produtos. Por conseguinte, dentro desse processo houve a absorção de outras empresas por eles (BEASLEY, 1963: 158, 227; MORRIS-SUZUKI, 1994: 78; NISHIKAWA & SAITO, 1985: 186).

Foram criadas empresas de comércio exterior japonesas (*sogo shosha*) – também com ajuda financeira do governo - para dar flexibilidade e autonomia para elas, uma vez que quase a totalidade daquelas que operavam no Japão eram estrangeiras, nos anos de 1870 ⁹. Essas empresas contribuíram decisivamente no desenvolvimento do comércio japonês, pois à medida que se estabeleciam em novos mercados, uma vez que a principal atividade das *sogo shosha* era de importação e exportação, davam créditos às empresas industriais, disseminavam informações às outras empresas e tinham iniciativa em formar associações setoriais de exportação (IWATA, 1974: 189, 192; YASUMURO, 1984: 66).

Com a mudança da base econômica, passando de agrícola para industrial, o Japão começou a competir no mercado mundial como exportador de bens manufaturados. Diferentes

⁹ As empresas de comércio exterior estrangeiras operavam cerca de 95 por cento das transações de importações e exportações japonesas (YASUMURO, 1984: 66)

estratégias comerciais foram adotadas para os mercados da Europa e dos Estados Unidos e para os mercados da Ásia e do Pacífico. Nos primeiros, onde a indústria era mais avançada se comparada ao Japão, as exportações se concentraram em bens artesanais ou artísticos produzidos no setor tradicional da economia, tais como seda crua, cerâmicas, produtos de laca e papel. Nos segundos, onde não havia ainda uma indústria doméstica moderna, as exportações se concentraram em tecidos e roupas de algodão, flanelas, fósforos, alimentos enlatados, cimento, sendo que nessa região os preços dos produtos japoneses eram mais competitivos que os dos seus competidores ocidentais (DUUS, 1988: 135).

Como foi analisado nesta seção, com a Restauração Meiji houve a abertura mais ampla da economia e a industrialização, tendo o governo como indutor de parte das indústrias e das empresas, seja pela introdução de tecnologia avançada do exterior, seja pela concessão de créditos e subsídios. A abertura da economia japonesa foi uma pré-condição para existência de relações econômicas internacionais e a industrialização propiciou a possibilidade das empresas crescerem e buscarem novos mercados. São fatos que contribuíram para a presença de produtos japoneses no exterior e para o estabelecimento de escritórios comerciais e plantas produtivas no exterior, tal como será analisado posteriormente.

2.1.3. Guerras e Tratados

Acidentes históricos, tais como as guerras e os tratados estabelecidos, que culminou na ocupação japonesa de territórios no Leste Asiático, serão mostrados nesta seção como eventos que levaram a uma trajetória que concentrou os investimentos japoneses no Leste Asiático.

A análise da política internacional e da geoestratégia, na segunda metade do século XIX, propicia uma visão melhor das causas que motivaram os japoneses na ocupação territórios em países do Leste Asiático. Nesse período, as potências ocidentais expandiam o seu território para a ampliação do Estado Nacional, cujo significado era de que a aquisição de territórios no exterior tornara-se um dos atributos de elevar o seu *status* internacional assim como para mostrar o poder da nação frente a outros países. Entre a década de 1870 e 1880, uma série de eventos, tais como a invasão pela Rússia da zona fronteira da China, a

ocupação da Indochina pela França, a expansão inglesa para a Birmânia e a Malásia, mostravam que potências ocidentais estavam agressivas na sua consolidação como potências internacionais (DUUS, 1995: 3 e 16).

A intrusão ocidental no Leste Asiático revelou a fraqueza da China, tradicionalmente considerada pelo Japão como uma potência. A derrota da China frente à Inglaterra na Guerra do Ópio, e posteriormente, na década de 1890, frente à França e à Rússia, foi motivo de preocupação para o governo japonês. Caso países geograficamente próximos, tal como a Coréia ou a China, estivessem sob o domínio total dessas potências ocidentais, o Japão seria vulnerável à pressão ocidental. A manutenção da independência do Japão somente seria possível se agisse como as potências ocidentais, demandando direitos e privilégios no Leste Asiático (DUUS, 1995: 17 e 22; HARRINGTON, 1983: 132 – 133; MAYO, 6: 1967).

Em termos de segurança nacional para o Japão, a Coréia era particularmente importante. A maior parte dos contatos japoneses com o continente asiático era realizado através da Península Coreana. O Japão percebia que era especialmente perigoso para a sua segurança se a Coréia fosse dominada por um outro país, portanto, era vital retirar qualquer influência estrangeira – que não a japonesa - da Coréia para a segurança nacional do Japão (OH, 1983: 129).

Ter domínio sobre Taiwan fortaleceria a posição japonesa no Pacífico, podendo controlar as linhas marítimas e diminuir a influência ocidental na China. Adquirir a Península Kwantung, na China, relativamente próxima à Coréia garantiria a independência desse país (MAYO, 1967: 11; HARRINGTON, 1983: 132 - 133).

No período posterior à Restauração Meiji, a primeira incursão militar no exterior foi a expedição para Taiwan, realizada em 1874, que resultaria na sua futura incorporação ao Japão. No ano seguinte, uma outra expedição militar foi enviada para a Coréia, que resultara no estabelecimento de relações formais através de um tratado que permitia a abertura de portos coreanos para o comércio com os japoneses (BEASLEY, 1963: 171 - 172;

REISCHAUER & CRAIG, 1978: 143; LANDES, 1998: 374; MORISHIMA, 1982: 96).

A Inglaterra assinou um tratado em 1894, por meio do qual renunciava à extraterritorialidade para alíquotas de importação japonesas a partir de 1899, o que foi seguido por outras potências ocidentais ¹⁰. Como consequência, restabeleceu-se novamente a autonomia japonesa em determinar suas próprias tarifas de importação, o que veio a ser um dos fatores adicionais para a realização de políticas comerciais pelo Japão (BEASLEY, 1963: 170; REISCHAUER & CRAIG, 1978: 186). Tal como foi analisado na seção 2.1.1, os primeiros tratados firmados pelo Japão, após anos de isolamento, eram desiguais no sentido de terem concedidos mais direitos aos países ocidentais que ao Japão.

A Guerra Sino-Japonesa ¹¹, entre 1894 e 1895, ampliou os interesses econômicos japoneses na China. Como sua ganhadora, o Japão firmou um tratado com a China, o Tratado de Shimonoseki, em que ela foi obrigada a ceder Taiwan, reconhecer a independência da Coreia ¹², pagar reparações de guerra, abrir mais portos aos japoneses e negociar um tratado comercial, entre outras cláusulas (BEASLEY, 1963: 172 - 173; REISCHAUER & CRAIG, 1978: 155, 185 - 186 ; MORISHIMA, 1982: 96). Como consequência, houve uma expansão do território japonês com a anexação de Taiwan em 1896 e o estabelecimento de interesses econômicos privilegiados aos japoneses na China. A entrada de divisas proveniente das reparações de guerra ao Japão auxiliou o desenvolvimento da sua indústria pesada. O tratado comercial firmado no ano seguinte, entre outros privilégios, assegurou ao Japão o direito em transferir indústrias e manufaturas à China. Foi um estímulo adicional à indústria têxtil japonesa, inicialmente pelas exportações e posteriormente pelo investimento das empresas realizado na China (DUUS, 1988: 5; HAGIHARA, 1985: 18; REISCHAUER & CRAIG, 1978: 186).

¹⁰ Conforme BEASLEY (1963: 168), os Estados Unidos concederam novamente ao Japão autonomia nas tarifas de importações para alguns produtos em 1878-79, entretanto figura a data de 1911 em REISCHAUER & CRAIG (1978: 186).

¹¹ A Guerra Sino-Japonesa foi causada pela disputa em preservar os interesses de cada um dos países na Coreia. A China insistia que a Coreia era seu domínio, enquanto o Japão não aceitava, considerando-a como independente (REISCHAUER & CRAIG, 1978: 185).

¹² A pretensão chinesa de soberania sobre a Coreia terminou com este reconhecimento.

Deve-se observar que havia um vácuo no poder político e uma crise política na China de forma que o país foi loteado às potências ocidentais e ao Japão.

Uma outra guerra que impulsionou os interesses econômicos japoneses no Leste Asiático foi a Guerra Russo-Japonesa ¹³ entre 1904 e 1905. A paz foi estabelecida pelo Tratado de Portsmouth que reconheceu a Coréia como zona de interesse japonês e cedeu ao Japão a Península de Kwantung (conhecida também como Liaotung) e a área pertencente a South Manchurian Railway, regiões chinesas cuja posse anterior era da Rússia. Expandiu-se desta forma ainda mais a área territorial e o domínio político japonês no Leste Asiático (REISCHAUER & CRAIG, 1978: 155, 187 – 188, 226; MORISHIMA, 1982: 96). Além do Tratado de Portsmouth, o Japão realizou mais quatro acordos com a Rússia entre 1907 e 1916 que asseguravam a posição japonesa na Coréia e na Manchúria (REISCHAUER & CRAIG, 1978: 234).

Livre dos interesses de outros países - China e Rússia – o Japão, através das guerras e dos tratados, fez a Coréia tornar-se um protetorado em 1905, o que dava direitos de supervisionar a sua política externa, e a anexou em 1910, quando firmou um tratado para tal finalidade.

Os eventos históricos da Guerra Sino-Japonesa, da Guerra Russo-Japonesa e os subseqüentes tratados implicaram no aumento da influência econômica japonesa, seja comercial ou através de investimentos, nas áreas cedidas e ocupadas: Taiwan, Coréia, áreas da China e sul da Manchúria.

A Primeira Guerra Mundial, ocorrida entre 1914 e 1918, estimulou a expansão da economia, uma vez que aumentou a demanda por armamentos e munições e por bens manufaturados japoneses em mercados asiáticos e americanos, que antes eram supridos pelos países europeus, e que com a guerra tiveram que interromper seus fornecimentos. Como consequência, as exportações japonesas aumentaram 108,31 por cento no intervalo

¹³ A Guerra Russo-Japonesa foi desencadeada para preservar os interesses de cada um na Manchúria e na Coréia (REISCHAUER & CRAIG, 1978: 188).

de quatro anos (BEASLEY, 1963: 224 - 225; REISCHAUER & CRAIG, 1978: 194; MORISHIMA, 1982: 96, 126). O surgimento de novos mercados propiciado pelo deslocamento das demandas dos países asiáticos, passando da Europa para o Japão, contribuiu decisivamente ao aumento da influência econômica japonesa na Ásia.

A relativa diminuição de interesses dos países europeus sobre a Ásia, causada pela participação desses na Primeira Guerra Mundial, facilitou o fortalecimento político e econômico do Japão na região (REISCHAUER & CRAIG, 1978: 234).

Foi firmado entre o Japão e a China o Acordo Lansing-Ishii em 1917, conferindo ao Japão a proteção de seus interesses especiais na China (BEASLEY, 1963: 216; REISCHAUER & CRAIG, 1978: 234).

Em 1931 houve o Incidente de Mukden ou Incidente da Manchúria em que as tropas japonesas (o Exército de Kwantung), estacionadas na região para proteger a zona cedida pelos chineses pelo Tratado de Portsmouth, atacaram as tropas chinesas na cidade de Mukden. A partir deste Incidente houve um crescente avanço das tropas japonesas até toda a Manchúria ser conquistada em 1932 (BEASLEY, 1963: 256 - 257; REISCHAUER & CRAIG, 1978: 250; MORISHIMA, 1982: 96).

Este domínio veio tão somente a sacramentar a influência econômica que os japoneses já exerciam nessa região, uma vez que já nos anos finais da década de 1910, 75 por cento do investimento estrangeiro na Manchúria era de capitais japoneses, sendo a South Manchurian Railway Company a mais importante empresa pela vasta extensão de suas atividades, e 40 por cento do comércio japonês com a área chinesa era com a Manchúria (REISCHAUER & CRAIG, 1978: 249). Portanto, pode-se afirmar que desde esse período, o Japão já tinha interesses econômicos na Manchúria.

A partir do Incidente da Manchúria, houve o direcionamento do governo japonês em estabelecer indústrias de base e infra-estrutura nos territórios ocupados na Coréia, China, Manchúria e Taiwan para o esforço de guerra. Em 1937 novamente o Japão entrou em

guerra contra a China, o que deu um novo impulso aos investimentos japoneses nos territórios que já estavam ocupados pelo Japão, pois cada vez mais o governo japonês os incentivava, principalmente nas indústrias de base e de capital.

A entrada do Japão numa guerra de grande escala - a Segunda Guerra Mundial - fez com que o esforço de guerra tornasse cada vez maior os investimentos japoneses naqueles territórios ocupados, cujos dados que serão mostrados na próxima parte do capítulo.

2.1.4. Expansão do território e interesses econômicos

Através das guerras e dos tratados houve a expansão do território japonês e dos interesses econômicos no Leste Asiático, como foi estudado nas seções anteriores. Nesta seção, mostraremos com mais detalhes aquela expansão, bem como analisaremos a relação da economia do Japão com a das áreas anexadas.

Entre a Restauração Meiji até o final da Segunda Grande Guerra Mundial, houve uma contínua expansão do território japonês e da sua influência política e econômica nas regiões relativamente próximas ao Japão, destacando-se dois momentos, a saber: a) antes da Segunda Guerra Mundial, quando ocorreu a influência sobre a Coreia, Taiwan, Ilhas Sakalinas, Ilhas do Mar do Sul, Província de Kwantung e Manchúria (as duas últimas na China); e b) durante a Segunda Guerra Mundial, verificando-se desta vez influência sobre a China e o Sudeste Asiático, quando se constituía a Esfera de Co-Prosperidade do Grande Leste Asiático ¹⁴ (KANEKO, 1982: 32). Nesse processo destacavam-se a Coreia, Taiwan, Província de Kwantung e Manchúria (as duas últimas na China), como as maiores áreas geográficas nas quais houve a expansão territorial japonesa.

Conforme os dados da tabela 2.1, a área geográfica total das seis áreas sob controle japonês fora 4,2 vezes maior que a do Japão em 1940, o que mostra a irrefutável expansão do território japonês desde a Restauração Meiji.

¹⁴ *Greater East-Asian Co-Prosperity Sphere* em inglês.

Tabela 2.1: Área geográfica e população do Japão e territórios ocupados em 1940

| Região | Área geográfica | População | Residentes japoneses | Densidade populacional |
|-----------------------|-----------------------|-----------|----------------------|------------------------|
| | 1.000 km ² | mil | mil | por km ² |
| Japão | 382,6 | 71.420 | 70.116 | 186,7 |
| Taiwan | 36,0 | 5.872 | 347 | 163,3 |
| Coréia | 220,8 | 24.326 | 690 | 110,2 |
| Ilhas Sakalinas | 36,0 | 415 | 380 | 11,5 |
| Província de Kwantung | 3,5 | 1.367 | 203 | 394,8 |
| Manchúria | 1.303,1 | 43.297 | 862 | 33,2 |
| Ilhas do Mar do Sul | 2,1 | 131 | 77 | 61,0 |
| Total | 1.984,1 | 146.828 | 72.675 | 74,0 |

Fonte: Okurasho Kanri-kyoku. *Nihonjin no Kaigaikatsudo ni kansuru Rekishiteki Chosa Soron*. In: KANEKO (1982: 35).

Essa expansão do território japonês e da sua influência propiciou a constituição de uma área em que se concentraram o comércio e investimentos japoneses.

O Japão tinha vantagens econômicas se comparadas as outros países ocidentais para o desenvolvimento do seu território expandido, tais como a relativa proximidade com essas áreas, o que tornava os custos de transporte menores e a comunicação mais rápida e uma maior integração entre as economias sob a zona de influência japonesa, se comparada com as européias, mais orientadas a exportações a terceiros (NAKAMURA, 1974: 350).

No final da década de 1890, a aquisição de interesses econômicos no exterior era um importante objetivo nacional, direcionando o Japão para ter uma presença econômica de maior envergadura nos mercados regionais do Leste Asiático (DUUS, 1988: 137).

As empresas privadas investiram nas territórios ocupados pelo Japão que apresentassem garantias de lucro, o que foi proporcionado pela participação das grandes empresas ou pelas garantias oficiais de retorno nos projetos de grande escala, de forma que a expansão do território japonês foi acompanhada por empresas japonesas que se instalaram na China, Coréia e Taiwan (DUUS, 1984: 148, 150; KUBIN, 1959: 75; PEATTIE, 1984: 12 e 16).

À expansão do território japonês seguiram-se os interesses econômicos nas áreas cedidas ou

ocupadas, as quais se converteram, a um só tempo, em mercado consumidor para seus produtos industrializados e como fornecedoras de matérias-primas como Taiwan e Coréia, com intercâmbio comercial e investimentos na China e com a industrialização do norte da Coréia e da Manchúria, principalmente após 1930 (BEASLEY, 1963: 208).

A promoção de interesses econômicos no exterior foi ampla, incluindo-se a expansão do comércio, estabelecimento de linhas marítimas, instalação de bancos e linhas de crédito no exterior, aquisição de concessões de minas e ferrovias e exportação de capitais (DUUS, 1988: 137). Nos anos que se seguiram à Restauração Meiji, algumas empresas abriram filiais no exterior, principalmente para servirem como representações comerciais, tais como citados neste capítulo.

Taiwan e Coréia eram vistas como aliviadoras do problema de abastecimento do Japão: a produção agrícola doméstica japonesa era insuficiente para a demanda interna, tendo que importar grandes volumes de alimento, o que acarretaria em problemas de balanço de pagamento com terceiros países, de forma que se incentivou o desenvolvimento da agricultura, especialmente o cultivo do arroz nessas áreas (PEATTIE, 1984: 31-32).

Até o final da década de 1920, Taiwan e Coréia desempenhavam o papel típico de economias coloniais: exportavam matérias-primas e alimentos e importavam bens manufaturados do Japão (PEATTIE, 1984: 32).

Nos anos iniciais da década de 1930, o desenvolvimento das atividades não agrícolas ainda eram restringidas nos territórios ocupados para evitar o surgimento de competidores para os produtos finais industrializados japoneses nesses mercados. Entretanto, depois desse período houve uma mudança na política econômica do Japão nos territórios: como era um período de economia de guerra, necessária se fazia a criação de uma base industrial auto-suficiente neles, principalmente em Taiwan e na Coréia, vistas como áreas estratégicas, de forma que houve a promoção de programas de industrialização. É digno de nota observar que dessa forma, as atividades das empresas japonesas nos territórios ocupados pelo Japão se intensificaram a partir desse período (PEATTIE, 1984: 32 - 34).

Foram construídas instalações industriais nos territórios ocupados para produção de matérias-primas industriais, tais como produtos petroquímicos, minérios e metais que serviram para o esforço de guerra japonês, principalmente após o embargo às importações de petróleo imposto ao Japão pelos Estados Unidos e com os conflitos, inicialmente com a II Guerra Sino-Japonesa e posteriormente com o ataque japonês a Pearl Harbor em 1941, com o Japão ingressando diretamente na Segunda Guerra Mundial (PEATTIE, 1984: 33).

A expansão do território japonês abriu mercados às empresas japonesas, seja inicialmente para exportar produtos industrializados e importar matérias-primas e alimentos, seja posteriormente, através de investimentos em industrialização. À medida que se ampliava o território, as empresas investiam em cada área ocupada pelo Japão, adquiriram maior experiência no processo de investimento na região, propiciando um processo de se concentrarem na área.

2.2. Investimentos externos e comércio externo japoneses

Mostraremos nesta segunda parte uma caracterização geral dos investimentos externos e do comércio internacional japonês do período anterior à Segunda Guerra Mundial, comprovando a sua concentração regional.

2.2.1. Empresas: seu crescimento das empresas e sua ida ao exterior

Já nas primeiras décadas após a Restauração Meiji, empresas japonesas estabeleceram-se no exterior no processo de crescimento em busca de novos mercados. Antes de 1914 os investimentos estiveram concentrados no setor de serviços, tais como os das empresas de comércio exterior (*sogo shosha*), instituições financeiras, companhias marítimas e no setor primário, tais como empresas de exploração de minérios (KUWAHARA, 1990: 63).

As primeiras filiais foram estabelecidas nos Estados Unidos, Europa e Ásia, onde se encontrava a maior parte delas. A seguir, são listadas algumas das experiências pioneiras.

Dentre as empresas de comércio exterior, citamos a C.Itoh e a Mitsui Bussan. A C.Itoh

abriu um escritório de representação em Shangai, China, em 1885. Uma filial foi estabelecida em Seul, Coréia, em 1905, com o intuito de aumentar as operações comerciais entre o Japão e Coréia. Em 1919, escritórios dessa empresa no exterior tinham sido constituídos em Nova Iorque, Calcutá, Manila e em quatro cidades chinesas. A Mitsui Bussan estabeleceu um escritório em Shangai, em 1877, para apoiar as exportações japonesas de carvão para a China, abrindo também escritórios em Hong Kong, em 1878, e Nova Iorque, em 1879 (MARTIN, 1995: 910; INTERNATIONAL, 1988: 431 e 506).

Com atividades em diversos setores, a Nissho Iwai era no início uma importadora, tornando-se a maior compradora mundial de açúcar em 1910 e desenvolveu os recursos naturais da Coréia e Manchúria (MARTIN, 1995: 1284).

Outras empresas dirigiram-se para o exterior com o intuito de comercializar bens por elas produzidos, tal como a Sumitomo que, no período entre 1868 e 1900, estabeleceu escritórios comerciais na Coréia para vendas de cobre, roupas de algodão, seda, chá e outros bens produzidos no Japão. A Idemitsu Kosan, produtora de combustíveis, abriu o seu primeiro escritório de vendas no exterior na Manchúria em 1914, estabelecendo escritórios em Quindao na China, Taipei e Chilung em Taiwan, e Seul na Coréia entre 1919 e 1922 (INTERNATIONAL, 1991: 214 e 434).

Empresas japonesas do setor de serviços também tiveram interesse em investir no exterior. Por exemplo, a Nihon Yusen Kaisha (Companhia Marítima do Japão), pertencente à Mitsubishi Corporation, construiu e começou a administrar vários portos na Ásia continental entre 1894 e 1895 (INTERNATIONAL, 1988: 503). A Nippon Electric Company, que ligou o Japão e o continente asiático através de cabos telegráficos submarinos, abriu escritórios em Seul em 1908 e em Port Arthur, China, em 1909. A Furukawa Electric lançou o cabo de comunicação entre duas cidades chinesas em 1922 (INTERNATIONAL, 1990: 66; MARTIN, 1995: 691, 1242).

Citamos a Nippon Menka, a Toyoda e a Seiko como exemplos de empresas do setor manufatureiro que se estabeleceram no exterior. A Nippon Menka abriu um escritório em

Shangai em 1903 e em Hankow, China, em 1904 para incrementar as exportações da produção japonesa de fios de algodão. Até 1910 a empresa tinha aberto escritórios em Bremen, Alemanha, Liverpool e Milão, sendo que naquele mesmo ano estabeleceu uma subsidiária nos Estados Unidos para produção de tecidos de algodão. Em 1905 abriam-se fábricas na Manchúria. A Toyoda Spinning and Weaving, estabeleceu uma fiação de algodão em Shangai em 1921. A Seiko Corporation, fabricante de relógios, abriu seu primeiro escritório em Shangai em 1913 (INTERNATIONAL, 1991: 619 e 636; INTERNATIONAL, 1991a: 150; MARTIN, 1995: 1262, 1562).

No setor financeiro, a Mitsubishi, a Mitsui e a Sumitomo tinham aberto filiais no exterior: o Mitsubishi Bank estabeleceu escritórios em Nova Iorque e em Londres em 1920, o Mitsui Bank estabeleceu uma subsidiária chinesa em 1913 e o Sumitomo Bank estabeleceu escritórios em San Francisco, Shangai, Bombay, Nova Iorque e Londres entre 1916 e 1918 (INTERNATIONAL, 1990: 321, 325e 360; MARTIN, 1995: 1164, 1638).

Entre 1877 e 1914 a Mitsui tinha estabelecido 46 filiais na Ásia (principalmente na China), 5 na Europa, 2 nos Estados Unidos e 1 na Austrália (YASUMURO, 1984: 67).

Como será analisada na seção 2.2.4, a estrutura da pauta comercial mudou, com o aumento da participação dos bens primários e diminuição dos bens manufaturados nas importações, tendo ocorrido movimentos opostos quanto às exportações. O investimento das empresas japonesas no exterior auxiliou nessa mudança da pauta comercial. Empresas de mineração e de outros ramos de atividade, do setor privado e empresas mistas, investiram no Leste Asiático com o intuito de explorar matérias-primas. Empresas de comércio exterior estabeleceram escritórios de representação tanto no Leste Asiático quanto na Europa e nos Estados Unidos, para compra de matérias-primas e venda de bens manufaturados e importação de tecnologia. Dando suporte àquelas empresas, havia investimentos de bancos, seguradoras e de transporte marítimo (KUWAHARA, 1990: 63 - 65).

As empresas estabeleciam acordos entre si para realizarem suas atividades no exterior, levando os conglomerados econômicos a operarem uma gama diversa de atividades,

formando com o governo uma poderosa amálgama visto que o governo apoiava o investimento das empresas no exterior através de créditos e subsídios ou investia diretamente (KUWAHARA, 1990: 63 - 65).

A abertura da economia e a industrialização, analisadas na seção 2.1.2, possibilitaram às empresas japonesas investirem no exterior desde o final do século XIX, tais como as experiências citadas na presente seção.

2.2.2. *Estoque do investimento japonês*

Documentos anteriormente secretos ¹⁵ do governo americano (UNITED STATES OF AMERICA, 1945; UNITED STATES OF AMERICA, 1946; UNITED STATES OF AMERICA, 1946a; UNITED STATES OF AMERICA, 1946b; UNITED STATES OF AMERICA, 1947; UNITED STATES OF AMERICA, 1947a; UNITED STATES OF AMERICA, 1948, UNITED STATES OF AMERICA, 1948a; UNITED STATES OF AMERICA, 1948b) mostram dados de ativos externos japoneses entre 1900 e 1945. Utilizamos esses dados como *proxis* do estoque de investimento externo japonês de agosto de 1945.

Antes de analisar os dados contidos nos documentos do governo americano acima citados, cabe observar que neles os ativos externos japoneses são definidos como propriedades que eram pertencentes às agências do governo japonês, corporações, instituições financeiras e indivíduos, localizadas fora do Japão ¹⁶ (UNITED STATES OF AMERICA, 1948: 1).

¹⁵ Referindo-se à abrangência dos documentos, os seus dados foram derivados de um exaustivo trabalho de pesquisa realizado pelas forças de ocupação americanas no Japão entre 1945 e 1948. Para elaboração deles foram recebidos 131 relatórios governamentais, 12.336 relatórios de corporações e 458.417 relatórios com listas de propriedades individuais, sendo que houve a conversão das moedas para dólares americanos a preços de agosto de 1945 (UNITED STATES OF AMERICA, 1948: 2 - 7).

Dos 12.336 relatórios das corporações, 1.550 foram relatórios de instituições financeiras com matrizes no Japão, 19 de instituições financeiras com matrizes fora do Japão, 7.280 de corporações com matrizes no Japão, 3.517 de corporações com matrizes fora do Japão e 29 de instituições fechadas, que foram classificadas conforme a indústria, a localização, períodos e a natureza dos ativos (UNITED STATES OF AMERICA, 1948: 3 e 8).

¹⁶ Esses ativos incluem (a) ativos tangíveis, propriedades imóveis e móveis, de pessoas jurídicas e físicas, incluindo moedas e lingotes de ouro e de prata (b) ativos intangíveis, incluindo-se depósitos bancários e reservas, contas e notas recebíveis, ações, títulos e debêntures, instrumentos de pagamento, *copyrights*, patentes, moedas estrangeiras, seguros, investimentos em parceria e subsidiárias, e direitos à extração de recursos naturais (UNITED STATES OF AMERICA, 1948: 1). Vale observar que 90,95 por cento dos ativos externos japoneses consistiam de ativos tangíveis: propriedades imóveis tais como edifícios, terras, minas e outros recursos naturais e propriedades móveis tais como produtos finais, bens em processamento, equipamentos e matérias-primas (UNITED STATES OF AMERICA, 1948: 26).

De 1900 até 1945, o Japão tinha estabelecido ativos na Coreia, Manchúria, China, Taiwan e em outras áreas ¹⁷ do mundo, cujo estoque resultante era estimado em US\$ 21.880.666.276 a preços de agosto de 1945 (UNITED STATES OF AMERICA, 1948: 16 e 18).

Quanto à distribuição territorial, em valores de agosto de 1945, 39,44 por cento do total dos ativos externos japoneses estavam localizados na Manchúria, 21,60 por cento na China, 8,67 por cento em Taiwan, 23,98 por cento na Coreia e 6,31 por cento em outras áreas, conforme mostra a tabela 2.1. Depreende-se, portanto, que os maiores montantes em ativos estavam localizados na Manchúria (US\$ 8.629.628.939) e na Coreia (US\$ 5.246.495.036), vindo a China em terceiro lugar (US\$ 4.726.436.000).

Tabela 2.2: Ativos externos japoneses em 1945
Valor e distribuição geográfica por propriedade

| Áreas | Distribuição por área % | Total | Governo | Corporação | Individual |
|--------------------------|-------------------------------|-----------------------|----------------------|-----------------------|---------------------|
| Norte da Coreia | 13,58 | 2.970.959.614 | 549.024.674 | 2.210.674.940 | 211.260.000 |
| Sul da Coreia | 10,40 | 2.275.535.422 | 449.202.006 | 1.333.393.416 | 492.940.000 |
| Manchúria | 39,44 | 8.629.628.939 | 218.300.000 | 7.248.133.939 | 1.163.249.000 |
| Norte da China | 13,15 | 2.877.277.310 | 85.380.360 | 2.365.874.000 | 426.022.950 |
| Centro e Sul da China | 8,45 | 1.849.158.690 | 58.019.640 | 1.496.662.000 | 294.477.050 |
| Taiwan | 8,67 | 1.897.918.564 | 592.642.000 | 1.055.162.564 | 250.114.000 |
| Outras áreas | 6,31 | 1.380.133.737 | 199.424.660 | 925.709.077 | 255.000.000 |
| Total geral | 100,00 | 21.880.666.276 | 2.151.993.340 | 16.635.609.936 | 3.093.063.00 |

Observações: estoque dos ativos externos japoneses em valores de agosto de 1945 em dólares americanos.

Fonte: UNITED STATES OF AMERICA (1948: 18)

¹⁷ O termo “outras áreas” nos documentos americanos citados significa todos os outros países do mundo, exceto Manchúria, Coreia, China e Taiwan (UNITED STATES OF AMERICA, 1948: 20).

O total de ativos externos japoneses por categorias gerais, em valores de agosto de 1945, distribui-se da seguinte forma: 63,04 por cento (US\$ 13.792.121.8330) eram imóveis, 27,90 por cento (US\$ 6.108.089.894) móveis e 9,06 por cento (US\$ 1.980.454.549) outros (intangíveis) ¹⁸ (UNITED STATES OF AMERICA, 1948: 16). Analisando a distribuição geográfica por categorias gerais, mostrada na tabela 2.3, vemos que para qualquer uma das categorias gerais, a maior proporção encontrava-se na Manchúria. Dentre os imóveis 25,49 por cento estavam estabelecidos na Coreia e 17,81 por cento na China; dentre os móveis 21,41 por cento estavam na China e 30,63 por cento na Coreia.

Tabela 2.3: Ativos externos japoneses em 1945
Distribuição geográfica por categorias gerais

| Área | Imóveis % | Móveis % | Outros % |
|-----------------------|--------------|-------------|-------------|
| Norte da Coreia | 15,76 | 9,84 | 9,90 |
| Sul da Coreia | 9,73 | 11,57 | 11,43 |
| Manchúria | 44,58 | 31,38 | 28,47 |
| Norte da China | 11,49 | 17,89 | 10,12 |
| Centro e Sul da China | 6,32 | 12,74 | 10,03 |
| Taiwan | 8,94 | 8,73 | 6,70 |
| Outras áreas | 3,18 | 7,85 | 23,35 |
| Total | 100,00 | 100,00 | 100,00 |

Fonte: adaptado de UNITED STATES OF AMERICA (1948: 16)

A propriedade dos ativos externos japoneses, em valores de agosto de 1945, tinha a seguinte distribuição: 76,03 por cento (US\$ 16.635.609.936) eram de corporações, 14,14 por cento (US\$ 3.093.063.000) eram de indivíduos (privados) e 9,83 por cento (US\$ 2.151.993.340) eram do governo (UNITED STATES OF AMERICA, 1948: 16).

¹⁸ Para a definição dos ativos imóveis, móveis e intangíveis vide nota 16.

Tabela 2.4: Ativos externos japoneses em 1945
Distribuição geográfica por propriedade

| Área | Governo % | Corporação % | Individual % |
|-----------------------|--------------|-----------------|-----------------|
| Norte da Coréia | 25,51 | 13,29 | 6,83 |
| Sul da Coréia | 20,87 | 8,01 | 15,94 |
| Manchúria | 10,15 | 43,57 | 37,61 |
| Norte da China | 3,97 | 14,22 | 13,77 |
| Centro e Sul da China | 2,70 | 9,00 | 9,52 |
| Taiwan | 27,53 | 6,34 | 8,09 |
| Outras áreas | 9,27 | 5,57 | 8,24 |
| Total geral | 100,00 | 100,00 | 100,00 |

Fonte: adaptado de UNITED STATES OF AMERICA (1948: 17)

Convertido em valores de 1945, os ativos externos japoneses se dirigiram ao Leste Asiático de acordo com os percentuais da tabela 2.5. Verifica-se que eles aumentaram à medida em que houve o aumento do território japonês e do esforço de guerra.

Tabela 2.5: Ativos externos japoneses por período no Leste Asiático

| Período | Distribuição % |
|-------------|-------------------|
| 1900 – 1916 | 7,7 |
| 1917 – 1929 | 16,7 |
| 1930 – 1939 | 35,2 |
| 1940 – 1945 | 40,4 |
| Total | 100,0 |

Fonte: UNITED STATES OF AMERICA (1947: 2)

Pela tabela 2.6 pode-se analisar a proporção do estoque dos ativos externos japoneses por tipo de investidor.

Tabela 2.6: Ativos externos japoneses por tipo de investidor no Leste Asiático em 1945

| Tipo de investidor | Proporção % |
|-----------------------------|----------------|
| Instituições financeiras | 42,8 |
| Corporações não financeiras | 35,2 |
| Governo | 22,0 |
| Total | 100,0 |

Fonte: UNITED STATES OF AMERICA (1947: 3)

Do total da amostra de 512 ativos japoneses encontrados no Leste Asiático, 64 pertenciam a instituições governamentais, 172 a instituições financeiras e 276 a corporações não financeiras. Pela tabela 2.7 infere-se que o maior número de ativos encontrava-se na China, somados a Manchúria, o Norte e o Sul da China.

Tabela 2.7: Quantidade de ativos externos japoneses (N) e distribuição (%) por área segundo o tipo de investidor no Leste Asiático em 1945

| Área | Total | | Instituições governamentais | | Instituições financeiras | | Corporações | |
|----------------|-------|---------|-----------------------------|---------|--------------------------|---------|-------------|---------|
| | N | % | N | % | N | % | N | % |
| Coréia | 96 | 18,750 | 8 | 12,500 | 40 | 23,256 | 48 | 17,392 |
| Manchúria | 64 | 12,500 | 2 | 3,125 | 6 | 3,488 | 56 | 20,289 |
| Norte da China | 128 | 25,000 | 32 | 50,000 | 32 | 18,605 | 64 | 23,189 |
| Sul da China | 192 | 37,500 | 16 | 25,000 | 80 | 46,512 | 96 | 34,783 |
| Taiwan | 32 | 6,250 | 6 | 9,375 | 14 | 8,139 | 12 | 4,347 |
| Total | 512 | 100,000 | 64 | 100,000 | 172 | 100,000 | 276 | 100,000 |

Fonte: adaptado de UNITED STATES OF AMERICA (1946: 2)

Ainda utilizando os dados do mesmo estudo (UNITED STATES OF AMERICA, 1946: 3), conforme mostra a tabela 2.7, do total dos ativos a maior incidência quanto ao tipo de investidores é das corporações, seguida das instituições financeiras e das instituições governamentais.

**Tabela 2.8: Quantidade de ativos externos japoneses
Distribuição por área e por tipo de investidor no Leste Asiático em 1945**

| Área | Por área | | Instituições governamentais | | Instituições financeiras | | Corporações | |
|----------------|----------|---------|-----------------------------|---------|--------------------------|---------|-------------|---------|
| | N | % | N | % | N | % | N | % |
| Coréia | 96 | 18,750 | 8 | 1,5625 | 40 | 7,8125 | 48 | 9,375 |
| Manchúria | 64 | 12,500 | 2 | 0,3906 | 6 | 1,1718 | 56 | 10,9375 |
| Norte da China | 128 | 25,000 | 32 | 6,250 | 32 | 6,250 | 64 | 12,500 |
| Sul da China | 192 | 37,500 | 16 | 3,125 | 80 | 15,625 | 96 | 18,750 |
| Taiwan | 32 | 6,250 | 6 | 1,1718 | 14 | 2,7343 | 12 | 2,3437 |
| Total | 512 | 100,000 | 64 | 12,4989 | 172 | 33,5937 | 276 | 53,9062 |

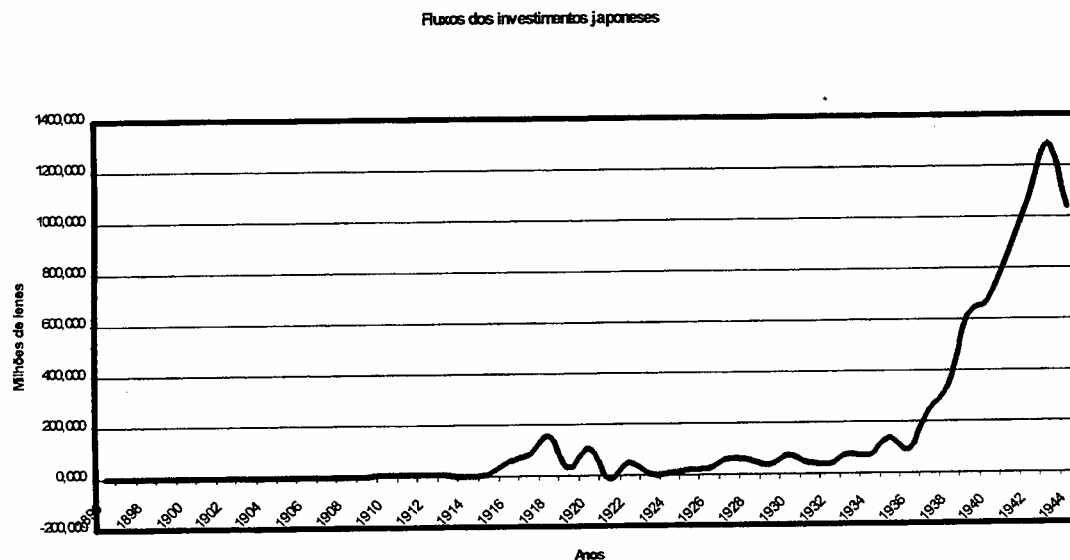
Fonte: adaptado de UNITED STATES OF AMERICA (1946: 3)

Análise realizada através dos dados nesta seção comprova que quase a totalidade dos investimentos japoneses, 93,69 por cento em 1945, concentrava-se no Leste Asiático, sendo que os ativos externos japoneses que se dirigiram ao Leste Asiático se elevaram à medida em que houve o aumento do território japonês em razão da expansão territorial a outras regiões dessa área e do esforço de guerra.

2.2.3. Fluxo dos investimentos japoneses

Analizando o fluxo dos investimentos externos japoneses através dos dados apresentados na tabela 2.9 e no gráfico 2.1 correspondente, verifica-se que do início de 1896 até 1915 o fluxo se mantém numa faixa variando de nenhum investimento em 1897 e 1898 até o montante de 8,997 milhões de ienes em 1912, maior valor encontrado para o período. A partir de 1915 há uma mudança de patamar, que se mantém, embora com grandes flutuações até 1934. A partir de 1935, até 1943 houve um aumento expressivo nesses que só vem a cair, um pouco em 1944.

Gráfico 2.1



Fonte: dados da Tabela 21.9, abaixo, de YAMAZAWA & YAMAMOTO (1979: 221 - 227)

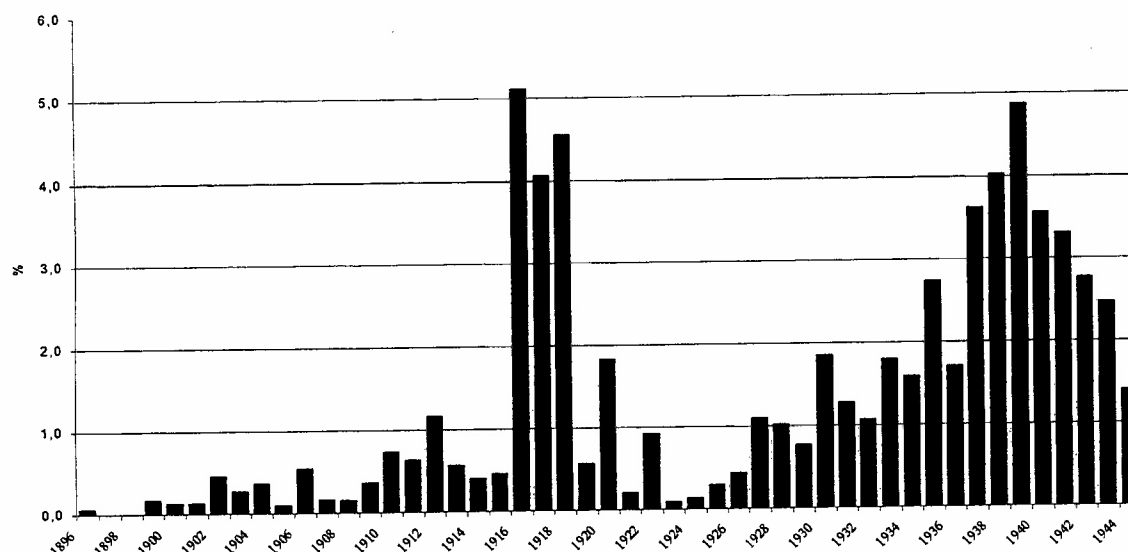
**Tabela 2.9: Fluxos dos investimentos japoneses
em milhões de ienes, a preços de 1944**

| Ano | Valor | Ano | Valor | Ano | Valor | Ano | Valor | Ano | Valor |
|------|-------|------|-------|------|---------|------|---------|------|----------|
| 1896 | 0,062 | 1906 | 2,318 | 1916 | 56,520 | 1926 | 23,530 | 1936 | 91,801 |
| 1897 | 0,000 | 1907 | 0,795 | 1917 | 80,276 | 1927 | 60,638 | 1937 | 244,705 |
| 1898 | 0,000 | 1908 | 0,751 | 1918 | 157,357 | 1928 | 54,119 | 1938 | 348,953 |
| 1899 | 0,366 | 1909 | 1,844 | 1919 | 31,527 | 1929 | 39,747 | 1939 | 615,851 |
| 1900 | 0,293 | 1910 | 3,859 | 1920 | 108,651 | 1930 | 77,507 | 1940 | 673,507 |
| 1901 | 0,301 | 1911 | 4,230 | 1921 | 9,668 | 1931 | 43,362 | 1941 | 858,431 |
| 1902 | 1,208 | 1912 | 8,997 | 1922 | 50,577 | 1932 | 36,220 | 1942 | 1057,262 |
| 1903 | 0,798 | 1913 | 4,728 | 1923 | 4,288 | 1933 | 72,811 | 1943 | 1286,522 |
| 1904 | 1,223 | 1914 | 2,940 | 1924 | 6,660 | 1934 | 70,181 | 1944 | 1034,900 |
| 1905 | 0,333 | 1915 | 3,526 | 1925 | 16,398 | 1935 | 135,968 | | |

Fonte: dados de investimentos japoneses adaptados de YAMAZAWA & YAMAMOTO (1979: 221 - 227) a preços de 1944 utilizando como deflator o do produto nacional.

A relação entre os investimentos japoneses no exterior e o Produto Nacional Bruto a preços correntes é mostrada no Gráfico 2.2 e na Tabela 2.10. Por ela analisa-se qual a proporção do Produto que foi para o exterior como capital de longo prazo.

Gráfico 2.2 – Razão entre investimentos japoneses e o Produto Nacional Bruto



Fonte: dados da tabela 2.10

A proporção de investimentos japoneses no exterior em relação ao Produto Nacional Bruto encontrava-se abaixo de 1 por cento entre 1896 e 1915, exceção a 1912, quando superou um pouco a taxa de 1 por cento. Houve uma mudança de patamar, quando a proporção ficou na faixa de 4 e 5 por cento entre 1916 e 1918. No ano seguinte, diminuiu-se novamente a proporção, havendo variações ascendentes e descendentes. Em 1922 inicia-se uma outra tendência ascendente cujo pico foi em 1930.

Tabela 2.10: Razão entre investimentos japoneses e o Produto Nacional Bruto

| Anos | IE milhões de ienes | PNB milhões de ienes | IE/PNB % | Anos | IE milhões de ienes | PNB milhões de ienes | IE/PNB % |
|------|---------------------------|----------------------------|-------------|------|------------------------|----------------------------|-------------|
| 1896 | 0,8 | 1666 | 0,05 | 1920 | 288,8 | 15896 | 1,82 |
| 1897 | 0,0 | 1957 | 0,00 | 1921 | 29,2 | 14886 | 0,20 |
| 1898 | 0,0 | 2194 | 0,00 | 1922 | 142,2 | 15573 | 0,91 |
| 1899 | 3,7 | 2314 | 0,16 | 1923 | 12,0 | 14924 | 0,08 |
| 1900 | 2,8 | 2414 | 0,12 | 1924 | 20,1 | 15576 | 0,13 |
| 1901 | 2,9 | 2484 | 0,12 | 1925 | 46,0 | 16265 | 0,28 |
| 1902 | 11,2 | 2537 | 0,44 | 1926 | 67,7 | 15975 | 0,42 |
| 1903 | 7,0 | 2696 | 0,26 | 1927 | 176,8 | 16293 | 1,09 |
| 1904 | 10,6 | 3028 | 0,35 | 1928 | 165,9 | 16506 | 1,01 |
| 1905 | 2,7 | 3084 | 0,09 | 1929 | 124,0 | 16286 | 0,76 |
| 1906 | 17,5 | 3302 | 0,53 | 1930 | 270,8 | 14698 | 1,84 |
| 1907 | 5,5 | 3743 | 0,15 | 1931 | 168,0 | 13309 | 1,26 |
| 1908 | 5,3 | 3766 | 0,14 | 1932 | 144,1 | 13660 | 1,05 |
| 1909 | 13,3 | 3780 | 0,35 | 1933 | 274,9 | 15347 | 1,79 |
| 1910 | 28,5 | 3925 | 0,73 | 1934 | 267,7 | 16966 | 1,58 |
| 1911 | 27,8 | 4463 | 0,62 | 1935 | 498,1 | 18298 | 2,72 |
| 1912 | 55,3 | 4774 | 1,16 | 1936 | 326,6 | 19324 | 1,69 |
| 1913 | 27,9 | 5013 | 0,56 | 1937 | 823,1 | 22823 | 3,61 |
| 1914 | 18,5 | 4738 | 0,39 | 1938 | 1058,3 | 26394 | 4,01 |
| 1915 | 22,3 | 4991 | 0,45 | 1939 | 1519,1 | 31230 | 4,86 |
| 1916 | 314,0 | 6148 | 5,11 | 1940 | 1304,7 | 36851 | 3,54 |
| 1917 | 347,8 | 8592 | 4,05 | 1941 | 1477,3 | 44896 | 3,29 |
| 1918 | 537,6 | 11839 | 4,54 | 1942 | 1498,8 | 54384 | 2,76 |
| 1919 | 86,6 | 15453 | 0,56 | 1943 | 1571,0 | 63824 | 2,46 |
| | | | | 1944 | 1034,9 | 74503 | 1,39 |

Observações: IE = investimentos japoneses no exterior a preços nominais; PNB = Produto Nacional Bruto a preços nominais de mercado e IE/PNB = porcentagem da razão entre os investimentos japoneses no exterior e Produto Nacional Bruto. IE e PNB em milhões de ienes.

Fonte: YAMAZAWA & YAMAMOTO (1979: 221 - 227) e OHKAWA, K. & SHINOHARA, M. (1979: 266 - 269).

2.2.4. Comércio externo

É importante analisar os dados do comércio externo japonês uma vez que parte dos investimentos japoneses estava ligada às atividades comerciais, assim como havia uma dependência comercial entre os territórios ocupados e o Japão. Analisamos o comércio internacional pela sua taxa de crescimento e pela participação no Produto Nacional Bruto,

pela estrutura das pautas de exportações e importações e pela participação geográfica dos destinos das exportações e origens das importações, pelos dados contidos nas tabelas que se seguem.

Comparando-se os índices de exportações e importações japonesas com o do comércio mundial, observamos que os primeiros tiveram um crescimento maior que o último. Tanto a razão Exportações/PIB, quanto a razão Importações/PIB apresentaram uma tendência crescente. Nota-se também que houve uma crescente participação das exportações e das importações no Produto Nacional Bruto no período considerado, entre 1887 e 1939 (Tabela 2.11, abaixo).

No período compreendido entre 1874 e 1939, a taxa de crescimento anual das exportações foi de 6,77 por cento e a das importações foi de 5,78 por cento. De outro lado, entre 1882 e 1939, a taxa de crescimento do comércio mundial foi de apenas 1,80 por cento (YAMAZAWA & YAMAMOTO, 1979: 3).

Entre 1882 e 1911, período anterior da Primeira Guerra Mundial, a taxa de crescimento das importações do Japão fora de 7,92 por cento, a da Europa Ocidental, de 2,94 por cento, a dos Estados Unidos, de 3,00 por cento e a da China, de 1,37 por cento;

E entre 1922 e 1939, período entre guerras, a taxa de crescimento das importações do Japão fora de 2,28 por cento, a da Europa Ocidental, de 0,03 por cento, a dos Estados Unidos, de 0,72 por cento negativos e a da China, de 3,68 por cento negativos;

Em ambos os períodos, verifica-se que houve taxas superiores do Japão se comparadas com as das outras áreas (YAMAZAWA & YAMAMOTO, 1979: 3).

Quanto à taxa de crescimento das exportações, o Japão apresentou 7,15 por cento no período entre 1882 e 1911 e 6,58 por cento, entre 1922 e 1939.

Tabela 2.11: Desenvolvimento do comércio exterior japonês

| Período | Exportações | Importações | Comércio | Exportações/ | Importações/ |
|-----------|-------------------|-------------|----------|--------------|--------------|
| | | | Mundial | PNB | PNB |
| | Índice | Índice | Índice | % | % |
| | (1882-91 = 100) | | | | |
| 1874-1883 | 52,7 | 64,1 | n.d. | n.d. | n.d. |
| 1877-1886 | 66,2 | 69,1 | n.d. | n.d. | n.d. |
| 1882-1891 | 100,0 | 100,0 | 100,0 | n.d. | n.d. |
| 1887-1896 | 143,1 | 164,3 | 116,0 | 3,2 | 6,0 |
| 1892-1901 | 202,0 | 275,0 | 130,6 | 3,9 | 8,8 |
| 1897-1906 | 295,7 | 400,5 | 159,8 | 5,2 | 11,6 |
| 1902-1911 | 417,9 | 487,6 | 185,7 | 6,7 | 12,8 |
| 1907-1916 | 643,7 | 592,8 | 192,8 | 9,2 | 13,9 |
| 1912-1921 | 921,2 | 749,2 | 192,6 | 10,6 | 14,2 |
| 1917-1926 | 1049,1 | 1067,9 | 223,2 | 10,1 | 16,9 |
| 1922-1931 | 1297,0 | 1375,9 | 265,2 | 11,4 | 19,8 |
| 1927-1936 | 2027,5 | 1558,3 | 251,9 | 14,9 | 18,8 |
| 1930-1939 | 2505,1 | 1729,0 | 241,5 | 16,1 | 18,2 |

Observações:

todos calculados a preços constantes, com base no período 1882-91

n.d.: não disponível

Fonte: YAMAZAWA & YAMAMOTO (1979: 3)

O capital que ingressou no Japão financiou o déficit contínuo da balança comercial, mostrado na Tabela 2.11, através da venda de títulos do governo japonês no exterior, do recebimento das reparações de guerras, de empréstimos da Liga das Nações e empréstimos privados e do recebimento de divisas. Entre 1897 e 1915, o governo japonês emitiu títulos que foram vendidos na Europa e nos Estados Unidos, entre 1896 e 1903 a China pagou ao Japão reparações de guerra estabelecidas pelo Tratado de Shimonoseki, entre 1904 e 1913 a Rússia pagou ao Japão as reparações de guerra estabelecidas pelo Tratado de Portsmouth, no período de 1914 a 1929 ingressaram empréstimos da Liga da Nações e empréstimos privados do exterior e de 1930 até a Segunda Guerra Mundial ingressaram as divisas do investimento japonês no exterior (YAMAZAWA & YAMAMOTO, 1979: 49-55).

A estrutura da pauta de exportações e de importações japonesas é mostrada nas duas tabelas que se seguem.

Quanto às exportações, houve uma diminuição da participação dos bens primários e um aumento da participação dos bens manufaturados entre 1874 e 1939, refletindo a industrialização da economia japonesa ocorrida no período. Tanto nos bens primários quanto nos manufaturados, a tabela 2.12, abaixo, mostra a participação das principais categorias de produtos.

Os principais produtos de exportação foram a seda crua e cobre dentre os produtos primários; os têxteis e os químicos, ficando o destaque com metais e maquinários entre os bens manufaturados.

Tabela 2.12: Estrutura da pauta de exportações (%)

| Período | Bens Primários | | Bens Manufaturados | | | | Total |
|-----------|----------------------|-----------|--------------------|--------------------------|---------|-----------------------------------|-------|
| | Primários (todos) | Seda Crua | Cobre | Manufaturados (todos) | Têxteis | Químicos, metais e maquinários | |
| 1874-1883 | 82,4 | 37,7 | 2,2 | 17,6 | 4,4 | 5,9 | 100,0 |
| 1877-1886 | 79,4 | 36,8 | 3,1 | 20,6 | 6,1 | 6,7 | 100,0 |
| 1882-1891 | 74,9 | 36,8 | 5,1 | 25,1 | 8,8 | 7,2 | 100,0 |
| 1887-1896 | 65,5 | 34,1 | 5,1 | 34,5 | 14,8 | 8,3 | 100,0 |
| 1892-1901 | 55,1 | 29,3 | 4,8 | 44,9 | 23,3 | 8,2 | 100,0 |
| 1897-1906 | 47,7 | 26,2 | 4,9 | 52,3 | 27,4 | 9,0 | 100,0 |
| 1902-1911 | 45,2 | 26,2 | 4,9 | 54,8 | 27,7 | 12,6 | 100,0 |
| 1907-1916 | 41,8 | 24,6 | 4,9 | 58,2 | 28,9 | 12,5 | 100,0 |
| 1912-1921 | 34,2 | 22,6 | 2,6 | 65,8 | 33,8 | 16,7 | 100,0 |
| 1917-1926 | 36,5 | 28,4 | 0,8 | 63,5 | 35,2 | 14,3 | 100,0 |
| 1922-1931 | 38,5 | 31,7 | 0,0 | 61,5 | 34,1 | 12,8 | 100,0 |
| 1927-1936 | 27,2 | 20,5 | 0,0 | 52,8 | 36,3 | 19,7 | 100,0 |
| 1930-1939 | 19,9 | 13,1 | 0,0 | 80,1 | 35,0 | 26,5 | 100,0 |

Fonte: YAMAZAWA & YAMAMOTO (1979: 5)

Na composição da pauta de importações, houve um declínio na participação dos bens

manufaturados e um aumento na participação dos bens primários, reflexo do processo de industrialização que o Japão vinha passando à época .

Nota-se que dentre os bens manufaturados diminuiu a participação dos bens industriais leves e houve a tendência crescente a dos bens industriais pesados (químicos, metais e maquinários). Dentre os bens primários os alimentos não processados e as matérias-primas para têxteis tiveram uma participação importante e de tendência crescente no período considerado.

Tabela 2.13: Estrutura da pauta de importações (%)

| Período | Bens Manufaturados | | | | Bens Primários | | | | | Total |
|-----------|--------------------------------|----------------------------|------------------------------------|----------------------|-------------------------------|--------------------------------------|-------------|--------------|-----------------|--------------|
| | Bens Manufaturados Total (2+3) | Bens industriais leves (2) | Químicos, metais e maquinários (3) | Bens Primários (5+6) | Alimentos não processados (5) | Total de matérias-primas (6)=(7+8+9) | Têxteis (7) | Minérios (8) | Combustível (9) | |
| 1874-1883 | 91,2 | 69,9 | 21,3 | 8,8 | 0,7 | 8,1 | 0,7 | - | 5,0 | 100,0 |
| 1877-1886 | 89,7 | 68,4 | 21,3 | 10,3 | 0,8 | 9,5 | 1,6 | - | 6,1 | 100,0 |
| 1882-1891 | 81,3 | 54,7 | 26,6 | 18,7 | 5,0 | 13,7 | 5,8 | - | 6,4 | 100,0 |
| 1887-1896 | 71,8 | 42,8 | 29,0 | 28,2 | 7,1 | 21,1 | 14,8 | - | 4,9 | 100,0 |
| 1892-1901 | 63,6 | 31,0 | 32,6 | 36,5 | 9,9 | 26,6 | 20,8 | 0,1 | 4,4 | 100,0 |
| 1897-1906 | 56,9 | 24,1 | 32,8 | 43,1 | 13,8 | 29,3 | 22,9 | 0,1 | 4,6 | 100,0 |
| 1902-1911 | 54,8 | 12,1 | 32,3 | 46,2 | 12,5 | 32,7 | 25,9 | 0,2 | 3,9 | 100,0 |
| 1907-1916 | 50,0 | 20,5 | 34,4 | 50,0 | 10,3 | 39,7 | 32,6 | 0,7 | 2,7 | 100,0 |
| 1912-1921 | 47,4 | 15,6 | 35,3 | 52,6 | 12,5 | 40,1 | 32,4 | 1,0 | 2,2 | 100,0 |
| 1917-1926 | 45,7 | 14,9 | 30,8 | 54,3 | 16,1 | 38,2 | 29,5 | 0,8 | 2,9 | 100,0 |
| 1922-1931 | 43,4 | 17,1 | 26,3 | 56,6 | 18,8 | 37,8 | 27,1 | 0,8 | 4,3 | 100,0 |
| 1927-1936 | 39,0 | 13,8 | 25,2 | 61,0 | 19,0 | 42,0 | 28,6 | 1,4 | 5,9 | 100,0 |
| 1930-1939 | 42,0 | 12,3 | 29,7 | 58,0 | 17,5 | 40,5 | 25,1 | 2,6 | 7,4 | 100,0 |

Fonte: YAMAZAWA & YAMAMOTO (1979: 6)

Quanto à participação geográfica do comércio externo japonês, as tabelas 2.14 e 2.15 mostram, respectivamente, o destino das exportações e a origem das importações.

As exportações japonesas tiveram inicialmente como maiores destinos a Europa, América do Norte e Leste Asiático, este último representa a soma das participações percentuais dos países ou regiões dos países que estiveram sob influência econômica e política japonesa.

Houve um aumento da participação do destino das exportações japonesas para aquela área a partir do período 1887 – 1896, enquanto diminuía a participação da Europa. Mantiveram-se como principais mercados exportadores o Leste Asiático e os Estados Unidos até os anos de 1930, quando declina a participação desse último.

Observa-se que houve o aumento da participação do Leste Asiático como destino das exportações japonesas à medida em que se ampliava a expansão territorial do Japão com os seguintes eventos: anexação de Taiwan em 1896, cessão de Kwantung em 1906, anexação da Coréia em 1910 e a constituição de Manchukuo em 1933. Nos anos de 1930, cerca de um terço das exportações destinava-se às áreas ocupadas pelos japoneses (YAMAZAWA & YAMAMOTO, 1979: 9).

Nos anos iniciais, 1874 – 1886, as importações originárias da Europa representavam mais de dois terços do total; mesmo diminuindo a sua participação nos anos de 1900 ainda representavam cerca de um terço do total. Com o advento da Primeira Guerra Mundial houve um declínio maior da participação européia como supridor de produtos do Japão. Em contraposição, aumentou a participação da origem das importações da América do Norte e do Leste Asiático. Pela mesma razão do destino das exportações japonesas, aponta-se que houve o aumento da participação do Leste Asiático como origem das importações japonesas com a ampliação do território japonês.

Tabela 2.14: Destino das exportações japonesas – Participação geográfica (%)

| Período | Coréia | Taiwan | Kwantung | Manchúria | China | Leste Asiático (e) | Hong Kong | Rússia Asiática | Sudeste Asiático | Outros Ásia | América do Norte | América Latina | Europa | África | Oceania | Total |
|-----------|--------|--------|----------|-----------|----------|--------------------|-----------|-----------------|------------------|-------------|------------------|----------------|--------|--------|---------|-------|
| 1874-1883 | - | - | - | - | 20,1 (a) | 20,1 | - | 0,4 | - | 2,2 | 34,1 | - | 42,1 | - | 1,1 | 100 |
| 1877-1886 | 1,2 | - | - | - | 20,6 (a) | 21,8 | - | 0,3 | - | 1,8 | 37,2 | - | 37,5 | - | 1,2 | 100 |
| 1882-1891 | 1,6 | - | - | - | 15,4 (b) | 17,0 | 2,1 | 0,4 | 0,2 | 1,4 | 41,1 | - | 35,5 | - | 2,3 | 100 |
| 1887-1896 | 1,9 | - | - | - | 9,6 (b) | 11,5 | 16,0 | 0,8 | 0,1 | 2,4 | 37,2 | - | 29,9 | - | 2,0 | 100 |
| 1892-1901 | 3,1 | 4,2 | - | - | 13,3 (c) | 20,6 | 16,1 | 1,1 | 0,4 | 3,3 | 31,9 | 0,1 | 24,4 | 0,3 | 1,9 | 100 |
| 1897-1906 | 4,6 | 3,5 | - | - | 21,0 (c) | 29,1 | 11,3 | 1,1 | 1,9 | 2,9 | 30,0 | 0,1 | 21,4 | 0,1 | 2,0 | 100 |
| 1902-1911 | 5,5 | 4,6 | 4,8 | - | 19,6 (d) | 34,5 | 6,0 | 0,9 | 2,8 | 3,0 | 29,5 | 0,1 | 20,8 | 0,1 | 2,3 | 100 |
| 1907-1916 | 5,5 | 5,5 | 3,7 | - | 18,5 (d) | 33,2 | 4,3 | 3,7 | 3,4 | 4,4 | 28,9 | 0,2 | 18,8 | 0,3 | 2,7 | 100 |
| 1912-1921 | 6,4 | 4,6 | 4,9 | - | 17,8 (d) | 33,7 | 3,4 | 3,1 | 5,6 | 6,9 | 29,7 | 0,9 | 12,8 | 1,1 | 2,8 | 100 |
| 1917-1926 | 8,2 | 4,5 | 4,7 | - | 17,3 (d) | 34,7 | 3,1 | 1,2 | 6,1 | 7,1 | 34,3 | 0,9 | 8,6 | 1,5 | 2,6 | 100 |
| 1922-1931 | 11,1 | 5,2 | 4,1 | 0,6 | 15,3 | 36,3 | 2,8 | 0,5 | 6,2 | 6,9 | 35,8 | 0,8 | 6,4 | 2,0 | 2,3 | 100 |
| 1927-1936 | 14,6 | 6,2 | 7,1 | 3,4 | 8,5 | 39,8 | 1,8 | 0,7 | 8,0 | 9,1 | 24,7 | 2,0 | 7,2 | 4,3 | 2,5 | 100 |
| 1930-1939 | 18,5 | 7,0 | 10,3 | 5,2 | 6,6 | 47,6 | 1,2 | 0,5 | 7,6 | 9,0 | 17,2 | 2,6 | 7,2 | 4,7 | 2,5 | 100 |

(a) inclui Taiwan, Kwantung, Manchúria e Hong Kong

(b) inclui Taiwan, Kwantung e Manchúria

(c) inclui Kwantung e Manchúria

(d) inclui Manchúria

(e) Leste Asiático = Coréia, Taiwan, Kwantung, Manchúria e China

Fonte: YAMAZAWA & YAMAMOTO (1979: 9)

Tabela 2.15: Origem das importações japonesas - Participação geográfica (%)

| Período | Coréia | Taiwan | Kwantung | Manchúria | China | Leste Asiático (e) | Hong Kong | Rússia Asiática | Sudeste Asiático | Outros Ásia | América do Norte | América Latina | Europa | África | Oceania | Total |
|-----------|--------|--------|----------|-----------|----------|--------------------|-----------|-----------------|------------------|-------------|------------------|----------------|--------|--------|---------|-------|
| 1874-1883 | - | - | - | - | 21,7 (a) | 21,7 | - | 0,3 | - | 5,3 | 7,3 | - | 65,0 | - | 0,3 | 100 |
| 1877-1886 | 1,3 | - | - | - | 19,4 (a) | 20,7 | - | 0,3 | - | 6,7 | 8,6 | - | 63,4 | - | 0,3 | 100 |
| 1882-1891 | 3,2 | - | - | - | 15,4 (b) | 18,6 | 9,7 | 1,4 | 0,4 | 9,9 | 8,7 | - | 50,9 | - | 0,4 | 100 |
| 1887-1896 | 3,0 | - | - | - | 14,5 (b) | 17,5 | 7,8 | 1,1 | 2,1 | 11,4 | 8,8 | - | 50,8 | - | 0,4 | 100 |
| 1892-1901 | 2,7 | 2,3 | - | - | 12,4 (c) | 17,4 | 5,3 | 1,3 | 5,7 | 13,3 | 14,1 | - | 42,3 | - | 0,6 | 100 |
| 1897-1906 | 2,1 | 2,6 | - | - | 12,5 (c) | 17,2 | 2,1 | 1,3 | 8,2 | 16,4 | 17,2 | 0,1 | 36,8 | - | 0,8 | 100 |
| 1902-1911 | 2,2 | 5,4 | - | - | 12,2 (d) | 19,8 | 0,3 | 0,6 | 7,8 | 16,6 | 15,5 | 0,2 | 34,9 | - | 1,1 | 100 |
| 1907-1916 | 3,6 | 7,4 | 3,6 | - | 10,8 (d) | 25,4 | 0,2 | 0,2 | 7,1 | 19,5 | 16,6 | 0,4 | 27,0 | 1,2 | 2,5 | 100 |
| 1912-1921 | 6,7 | 6,8 | 5,6 | - | 11,0 (d) | 30,1 | 0,1 | 0,2 | 7,3 | 16,0 | 28,2 | 0,8 | 12,2 | 2,4 | 2,9 | 100 |
| 1917-1926 | 9,2 | 6,7 | 6,0 | - | 9,4 (d) | 31,3 | 0,1 | 0,5 | 6,9 | 14,1 | 27,7 | 0,6 | 13,6 | 1,6 | 3,8 | 100 |
| 1922-1931 | 11,1 | 7,8 | 5,6 | 1,6 | 7,8 | 33,3 | - | 0,9 | 6,6 | 12,0 | 24,7 | 0,4 | 15,5 | 1,2 | 4,7 | 100 |
| 1927-1936 | 13,1 | 9,3 | 3,2 | 5,0 | 5,8 | 36,6 | 0,1 | 0,9 | 6,3 | 9,4 | 25,8 | 1,1 | 12,0 | 1,8 | 6,2 | 100 |
| 1930-1939 | 14,8 | 10,4 | 1,8 | 5,9 | 4,5 | 37,4 | 0,1 | 0,6 | 6,6 | 8,2 | 26,8 | 2,1 | 10,3 | 2,4 | 6,4 | 100 |

(a) inclui Taiwan, Kwantung, Manchúria e Hong Kong

(b) inclui Taiwan, Kwantung e Manchúria

(c) inclui Kwantung e Manchúria

(d) inclui Manchúria Kwantung e Manchúria

(e) Leste Asiático = Coréia, Taiwan, Kwantung, Manchúria e China

Fonte: adaptado de YAMAZAWA & YAMAMOTO (1979: 10)

Analizamos nesta seção o comércio exterior do Japão, verificando que tanto as exportações quanto as importações japonesas mostraram um crescimento maior que a do comércio mundial no período estudado; a pauta de exportações bem como a de importações refletia o processo de desenvolvimento industrial da época e observa-se que houve o aumento da participação do Leste Asiático como destino das exportações e como origem das importações japonesas à medida em que se ampliava a expansão territorial do Japão, concentrando-se, portanto, naquela área.

Conclusão

Mostramos que as guerras e os tratados expandiram o território japonês e impulsionaram a economia japonesa, concentrando no Leste Asiático os investimentos e o comércio externo do Japão, uma vez que os japoneses tiveram acesso privilegiado a esses mercados. A Primeira Guerra Mundial fez com que houvesse um aumento dos interesses japoneses na Ásia pela diminuição dos interesses dos países europeus na região. A partir da análise realizada destes eventos históricos nesta seção, é possível afirmar que a sucessão desses eventos, guerras e medidas institucionais, levou os japoneses a terem este padrão regional de investimentos.

Nos próximos capítulos mostraremos como os investimentos japoneses evoluíram na Coreia, China, Manchúria e Taiwan, territórios que foram ocupados pelo Japão antes da Segunda Guerra Mundial, analisando as suas particularidades e consolidando a hipótese de que através do processo de *path dependence*, houve a concentração dos investimentos externos japoneses para o Leste Asiático.

CAPÍTULO III - INVESTIMENTOS JAPONESES NA CHINA: DA CONCESSÃO TERRITORIAL À INDÚSTRIA TÊXTIL

Introdução

As fases da presença econômica japonesa na China são divididas em três. A primeira, estende-se até a conclusão da Guerra Russo-Japonesa em 1905, a segunda, dessa data até a ocupação da Manchúria em 1931 e a terceira, de 1931 até a Segunda Guerra Mundial (HOWE, 1987: 156).

Na primeira fase, um evento importante foi a guerra do Japão com a China, iniciada em 1894, prosseguindo com a ampliação da ocupação territorial, até o término dos conflitos no ano seguinte. A vitória do Japão sobre a China em 1895 teve implicações econômicas tanto para o Japão quanto para a China (DUUS, 1988: 5 e PEATTIE, 1988: 224).

Essas implicações econômicas tiveram como base legal o tratado de paz denominado Tratado de Shimonoseki que incluía diversas importantes concessões econômicas ao Japão na China. Conseqüentemente, propiciou a instalação da indústria japonesa na China, através do qual os estrangeiros tiveram assegurado o direito de serem proprietários e administrar estabelecimentos industriais na China, o que era anteriormente proibido (HOU, 1965: 7-8; HOWE, 1996: 343; REMER, 1933: 498).

O Japão tinha assegurado uma série de privilégios econômicos na China através do Tratado de Shimonoseki com as concessões econômicas e territoriais. Essas concessões durante o período de 1897 a 1898, inicialmente beneficiaram o comércio bilateral, sendo que, posteriormente, asseguraram os direitos aos japoneses para investirem, principalmente em ferrovias e mineração. Nos acordos com a China eram definidos esses direitos, portanto, permitiam que os investidores japoneses tivessem maior segurança e estabilidade no que concerne aos seus investimentos. Esses acordos proviam também uma base política para que as empresas japonesas se estabelecessem na China (BEASLEY, 1987: 122).

Nesses anos iniciais, a China era vista como um mercado complementar ao Japão pela sua vasta demanda potencial e como mercado aos produtos industriais japoneses, num período

em que a China era um produtor e exportador de bens primários e matérias-primas e o Japão tornava-se gradativamente um exportador de bens industriais (BEASLEY, 1987: 122).

A presença econômica dos japoneses na China efetuou-se através da combinação da iniciativa privada e do incentivo do governo, característica da expansão japonesa nos mercados externos a partir da década de 1890. O governo Meiji promoveu ativamente o comércio externo, e inserido na sua política mais ampla em expandir as exportações japonesas no mercado mundial, o governo japonês concentrou esforços para promover o crescimento do comércio com a China. Por exemplo, o Yokohama Specie Bank ampliou sua rede de escritórios na China para oferecer créditos as *sogo shosha* e para facilitar as transações de moeda estrangeira; o legislativo japonês aprovou subsídios para linhas marítimas para o comércio do Japão com a China; bancos governamentais ofereciam a indústrias exportadoras, tal como a de fiação de algodão, créditos de longo prazo a juros baixos, assim como faziam empréstimos para minas chinesas que forneciam carvão para a indústria de aço japonesa. O governo japonês foi muito mais ativo em promover o comércio com a China para os seus compatriotas se comparado com o que os governos ocidentais realizavam aos seus (DUUS, MYERS, PEATTIE (eds.), 1989: 5 e 6).

Além do governo e dos bancos governamentais japoneses, havia também outras empresas governamentais e mistas que tinham como objetivo financiar o comércio externo a outras empresas, tais como a Oriental Development Company, o Bank of Taiwan e o Bank of Chosen (DUUS, MYERS, PEATTIE (eds.), 1989: 6).

A aquisição pelo Japão dos territórios de Kwantung (Liaotung) e da South Manchuria Railway Line em 1905, localizados no norte da China, e que anteriormente estavam cedidos à Rússia, facilitou a penetração comercial nas três províncias ao norte, fornecedoras de bens agrícolas ao Japão, tais como grãos de soja, e matérias-primas industriais. Além dessa cessão, outras possessões japonesas na China, tais como de Port Arthur e Dairen permitiram ao Japão obter importantes centros comerciais na costa da Ásia (DUUS, 1988: 26; HOU, 1965: 63-64; PEATTIE, 1988: 226).

3.1. Investimentos japoneses iniciais na China

Antes de 1897, o montante de investimentos japoneses na China era pequeno. Entretanto, quase cinquenta empresas japonesas já estavam instaladas na China, com investimentos em diferentes ramos de atividade, tais como de transporte marítimo e de processamento de algodão, no setor de varejo e no setor financeiro. Esse último ramo de atividade tinha como função financiar as importações e exportações das empresas japonesas, atividade crescente desde que houve a abertura dos portos na China. Por exemplo, o Yokohama Specie Bank abriu duas filiais na China em 1892, em Shangai e em Hong Kong, para o financiamento do comércio exterior (HOU, 1965: 53; REMER, 1933: 414-5).

Houve aumento nos investimentos japoneses entre 1897 e 1900, tanto um crescimento em números absolutos das empresas japonesas instaladas, quanto da participação das empresas japonesas em relação ao total das empresas estrangeiras instaladas na China. conforme mostra a tabela 3.1.

Tabela 3.1: Empresas japonesas na China – 1897-1901

| Ano | Número de Empresas | Participação japonesa (%) |
|------|--------------------|---------------------------|
| 1897 | 44 | 6,9 |
| 1898 | 114 | 14,7 |
| 1899 | 195 | 20,9 |
| 1900 | 212 | 21,1 |
| 1901 | 289 | 26,2 |

Observação: Participação japonesa significa o número de empresas japonesas em relação ao número total de empresas estrangeiras instaladas na China.

Fonte: REMER (1933: 415)

Mais duas filiais do Yokohama Specie Bank foram abertas entre 1897 e 1900, o Bank of Taiwan, de controle e capital japoneses, abriu uma filial durante esse período (REMER, 1933: 417-8). Nota-se que esse aumento de investimentos no setor financeiro aumentava à medida que crescia o comércio bilateral China-Japão.

Nesse período inicial dos fluxos de capitais estrangeiros na China na forma de investimentos diretos, não somente cresceram os investimentos no setor financeiro mas

também em outros ramos de atividades, tais como de transporte marítimo e em mineração, matéria-prima para indústria pesada japonesa (HOU, 1965: 60-61; REMER, 1933: 417-8).

3.2. Investimentos japoneses: *zaibatsu* e apoio do governo

Se em 1900, o investimento japonês na China era relativamente pequeno, sua importância aumentou consideravelmente em 1905 com o rápido crescimento dos interesses políticos e econômicos dos japoneses no sul da Manchúria¹⁹ e com o crescimento do número de empresas japonesas, estimuladas pelo apoio dado pelo governo japonês (REMER, 1933: 419).

Os bancos governamentais japoneses ofereciam créditos especiais e empréstimos a juros baixos aos *zaibatsu*, com o intuito de incentivá-los em investimentos no exterior que eram considerados de importância nacional pelo governo japonês. Os *zaibatsu* formavam *joint-ventures* para investir na China. Por exemplo, a Toa Kogyo (East Asian Industrial) foi estabelecida desse modo em agosto de 1909, inicialmente para o desenvolvimento de ferrovias na China. Em 1908, a Mitsui, a Mitsubishi e a Okura formaram a empresa Taihei na China, para promover vendas de armas para terceiros países no exterior. Foi ativa no fornecimento de armas para a Rússia durante e após a Revolução Chinesa de 1911 (BEASLEY, 1987: 137).

Em 1914, o montante dos investimentos japoneses era o terceiro maior investimento estrangeiro na China, superada somente pelos da Inglaterra e pelos da Rússia. Quanto aos investimentos estrangeiros na China, apesar da Inglaterra ser o maior investidor na China, esse montante representava somente 3 por cento de seus investimentos totais no exterior. Entretanto, os investimentos japoneses na China representavam 80 por cento do total dos seus investimentos no exterior (BEASLEY, 1987: 133 e 426; REMER, 1933)

¹⁹ Manchúria é um caso particular uma vez que era parte da China e em 1933 passou a ser um Estado separado. No Capítulo V, concernente à Manchúria, analisaremos com maiores detalhes os interesses econômicos japoneses nesse Estado.

Tabela 3.2: Empresas japonesas na China – 1901 - 1914

| Ano | Número de Empresas |
|------|--------------------|
| 1900 | 212 |
| 1901 | 289 |
| 1902 | 317 |
| 1903 | 361 |
| 1904 | 650 |
| 1905 | 729 |
| 1906 | 739 |
| 1907 | 1416 |
| 1908 | 1149 |
| 1909 | 1492 |
| 1910 | 1601 |
| 1911 | 1283 |
| 1912 | 733 |
| 1913 | 1269 |
| 1914 | 955 |

Fonte: REMER (1933: 421)

A eclosão da Primeira Guerra Mundial na Europa em 1914 fez com que os japoneses ocupassem a área cedida até então aos alemães na província de Shantung através do *Shantung Settlement*, firmado na Conferência de Washington, com a aquisição dos direitos econômicos pelo Japão. Em 1914, o Japão assumiu a ferrovia e as minas controladas pelos alemães na província de Shantung. Com esse evento, abriu-se caminho para que muitas empresas japonesas instalassem filiais nessa província, tais como fizeram a Mitsui, a Mantetsu, a Yokohama Specie Bank e o Bank of Chosen (HOU, 1965: 71; BEASLEY, 1987: 134 e 154 e REMER, 1933: 494).

O crescimento dos interesses econômicos japoneses na China foi reflexo também do desenvolvimento da economia japonesa. A Primeira Guerra Mundial foi um ponto de inflexão, tanto para o investimento externo, quanto para o comércio exterior japoneses. Pelo fato da indústria européia estar comprometida com a produção orientada para o seu esforço de guerra, o Japão ampliou mercados pela ausência de bens europeus nos mercados asiáticos, pela demanda de munições dos aliados e pelo aumento da navegação mercante na Ásia (BEASLEY, 1987: 134).

A tabela 3.3 mostra os dados dos investimentos diretos japoneses na China, excluída a Manchúria, por ramo de atividade em 1914. O ramo de atividade com a maior participação no total dos investimentos era o comércio exterior com 62,73 por cento do total dos investimentos japoneses na China, seguido pelas indústrias com 11,48 por cento, transportes com 6,76 por cento e bancos e finanças com 4,42 por cento.

Tabela 3.3: Investimentos diretos japoneses na China por ramo de atividade - 1914

| Ramo de atividade | Mil ienes | Participação (%) |
|-------------------|-----------|------------------|
| Transportes | 8100 | 6,76 |
| Manufaturas | 13761 | 11,48 |
| Bancos e Finanças | 5300 | 4,42 |
| Comércio exterior | 75162 | 62,73 |
| Outros | 17500 | 14,60 |
| Total | 119823 | 100,00 |

Fonte: REMER (1933: 430 - 431)

No que tange aos investimentos japoneses durante e imediatamente após a Primeira Guerra Mundial, os bancos japoneses ampliaram suas operações, sendo que estenderam suas atividades para o sul e centro da China, continuando a função de financiar o comércio externo assim como de realizar operações cambiais preponderantemente para as empresas japonesas (HOU, 1965: 53-54).

Abaixo, as tabelas 3.4 e 3.5, mostram o crescimento do número de empresas instaladas, portanto, do investimento externo do Japão na China (incluindo Manchúria). Pode-se observar que houve um aumento da inserção japonesa na China, tanto pelo número de empresas instaladas, quanto pela participação no total das empresas estrangeiros, assim como pelo estoque do investimento japonês.

Tabela 3.4: Evolução das empresas japonesas instaladas na China

| Ano | Número de empresas | Índice (1913 = 100) | Participação no total das empresas estrangeiras na China % |
|------|--------------------|---------------------|---|
| 1899 | 195 | 15,3 | 20,9 |
| 1913 | 1269 | 100,0 | 33,3 |
| 1930 | 4633 | 365,1 | 55,9 |

Fonte: REMER (1933: 553)

Tabela 3.5: Evolução do estoque do investimento japonês na China

| Comércio | Índice (1913 = 100) | Participação no total do investimento estrangeiro na China % |
|----------|---------------------|---|
| 1899 | 0,5 | 0,1 |
| 1913 | 100,0 | 13,6 |
| 1930 | 517,7 | 35,1 |

Fonte: REMER (1933: 553)

A participação em 1931 dos investimentos diretos japoneses por ramo de atividade na China, excluindo a Manchúria, é apresentada abaixo na tabela 3.6. Observa-se que os ramos de atividades com maiores participações eram os de comércio exterior e das manufaturas, com 38,3 por cento e com 36 por cento, respectivamente.

Tabela 3.6: Investimentos diretos japoneses na China (exclui Manchúria) participação por ramo de atividade em 1931

| Ramo de atividade | Participação % |
|-------------------|-------------------|
| Transportes | 3,1 |
| Mineração | 1,5 |
| Manufaturas | 36,0 |
| Bancos e Finanças | 10,0 |
| Comércio exterior | 38,3 |
| Outros | 11,1 |
| Total | 100,0 |

Fonte: REMER (1933: 506)

Comparando a origem dos investimentos na China, através da análise dos dados relativos a 1902, 1914 e 1931, a Inglaterra era o maior investidor nesses anos, havendo um declínio da participação da França, Alemanha e Rússia, reflexo das consequências da Primeira Guerra Mundial e da Revolução Chinesa de 1911. A participação dos Estados Unidos cresceu

pouco e gradativamente. A participação dos investimentos do Japão cresceu bastante, sendo que em 1931, seu valor absoluto e sua participação eram somente pouco inferiores aos da Inglaterra (BEASLEY, 1987: 133- 134 e REMER, 1931: 75-76, 447).

Tabela 3.7: Investimentos estrangeiros na China – estoque de países selecionados

| País | 1902 | | 1914 | | 1931 | |
|----------------|-----------------|-------|-----------------|-------|-----------------|-------|
| | US\$ milhões | % | US\$ milhões | % | US\$ milhões | % |
| Inglaterra | 260,3 | 33,0 | 607,5 | 37,3 | 1.189,2 | 36,7 |
| Japão | 1,0 | 0,1 | 219,6 | 13,6 | 1.136,9 | 35,1 |
| Rússia | 246,5 | 31,3 | 269,3 | 16,7 | 273,2 | 8,4 |
| França | 91,1 | 11,6 | 171,4 | 10,7 | 192,4 | 5,9 |
| Alemanha | 163,3 | 20,9 | 263,6 | 16,4 | 87,0 | 2,7 |
| Estados Unidos | 19,7 | 2,5 | 49,3 | 3,1 | 196,8 | 6,1 |
| Outros | 6,0 | 0,6 | 29,6 | 2,2 | 167,0 | 5,1 |
| Total | 787,9 | 100,0 | 1.610,3 | 100,0 | 3.242,5 | 100,0 |

Fonte: REMER (1931: 76)

Tabela 3.8: Índice do Estoque dos Investimentos Estrangeiros na China (1914 = 100)

| País | 1902 | 1914 | 1931 |
|----------------|------|------|-------|
| Inglaterra | 42,8 | 100 | 195,8 |
| Japão | 0,5 | 100 | 517,7 |
| Rússia | 91,5 | 100 | 101,4 |
| Estados Unidos | 40,0 | 100 | 399,0 |
| França | 53,2 | 100 | 112,3 |
| Alemanha | 62,3 | 100 | 33,0 |
| Total | 48,9 | 100 | 201,4 |

Fonte: REMER (1931: 77)

O estoque de investimentos japoneses em manufaturas em 1936 é mostrado abaixo na tabela 3.9. A maior participação no total dos investimentos japoneses era de têxteis (83,8 por cento), seguido de químicos (5,1 por cento) e de alimentos, bebidas e tabaco (4,3 por cento).

Tabela 3.9: Investimento japonês na indústria na China - 1936

| Ramos de atividade | US\$ milhões | Participação % |
|-------------------------------------|-----------------|-------------------|
| Têxtil | 112,4 | 83,8 |
| Metalurgia, máquinas e equipamentos | 4,1 | 3,1 |
| Químicos | 6,8 | 5,1 |
| Impressão e editoração | 0,8 | 0,6 |
| Alimentos, bebidas e tabaco | 5,8 | 4,3 |
| Outros | 4,1 | 3,1 |
| Total | 134,1 | 100,0 |

Observação: incluído Hong Kong e excluída Manchúria

Fonte: HOU (1965: 81)

Entre 1936 e 1938, os investimentos japoneses na China aumentaram de 1,1 bilhão de ienes para 1,8 bilhões de ienes em valores de 1938. Em 1938, desses investimentos a maior participação, de 38 por cento, estava nos setores de mineração e da indústria, seguindo-se, o setor financeiro com 27 por cento e o comércio externo com 19 por cento (MYERS, 1996: 163).

Os investimentos japoneses eram diversificados quanto ao ramo de atividade, como vimos nos dados analisados anteriormente, sendo que através do estabelecimento de empresas mistas que o governo japonês supervisionava e coordenava. Por exemplo, em 1938 foi constituída a North China Development Company que supervisionava mais de duas dezenas de empresas japonesas no norte da China, que atuavam em diferentes ramos de atividade, tais como no comércio externo, rodovias, comunicações, eletricidade, máquinas elétricas, extração e processamento de carvão e aço, fiação de algodão, moinhos, produtos químicos, papel e celulose (MYERS, 1996: 163-167; NAKAMURA, 1980: 220).

Finda a Segunda Guerra Mundial, os ativos japoneses na China totalizavam US\$ 4.726.436.000 representando 21,60 por cento do total do estoque dos ativos externos japoneses em agosto de 1945 e segundo a classificação por tipo de propriedade, 3,03 por cento (US\$ 143.400.000) pertenciam ao governo, 81,72 por cento (US\$ 3.862.536.000) pertenciam às corporações e 15,24 por cento (US\$ 720.500.000) pertenciam a indivíduos tal como mostrado na tabela 2.2 do Capítulo II.

A tabela 3.10, a seguir, mostra os ativos japoneses na China por propriedade e por categoria, sendo 51,97 por cento imóveis, 39,59 por cento móveis e 8,44 por cento outros (intangíveis).

Tabela 3.10: Ativos japoneses na China em 1945
Distribuição por propriedade e por categorias

| | Imóveis | Móveis | Outros | Total | Participação % |
|-------------------|---------------|---------------|-------------|---------------|-------------------|
| Governo | 65.690.346 | 59.921.410 | 17.788.244 | 143.400.000 | 3,03 |
| Corporações | 2.060.388.000 | 1.510.288.000 | 291.860.000 | 3.862.536.000 | 81,72 |
| Indivíduos | 330.114.542 | 300.980.688 | 89.404.770 | 720.500.000 | 15,24 |
| Total | 2.456.192.888 | 1.871.190.098 | 399.053.014 | 4.726.436.000 | 100,00 |
| Participação % | 51,97 | 39,59 | 8,44 | 100,00 | |

Observações: estoque dos ativos externos japoneses em valores de agosto de 1945 em dólares americanos

Fonte: UNITED STATES OF AMERICA (1948b: 2)

A tabela 3.11 apresenta o estoque dos ativos por indústria das empresas japonesas instaladas na China. Considerando esses ativos, as indústrias com maiores participações eram, por ordem, comércio (22,89 por cento), transporte e armazéns (20,60 por cento) e têxteis (12,66 por cento).

Tabela 3.11 Participação industrial dos ativos na China em 1945

| Indústria | US\$ | Participação % |
|-----------------------------------|---------------|-------------------|
| Agricultura | 16.435.000 | 0,51 |
| Cimento e cerâmica | 9.186.000 | 0,28 |
| Química | 146.072.000 | 4,51 |
| Carvão, minério e minerais | 153.150.000 | 4,73 |
| Comunicação e impressão | 101.213.000 | 3,13 |
| Construção civil | 7.926.000 | 0,24 |
| Finanças e seguros | 88.048.000 | 2,72 |
| Pesca | 4.908.000 | 0,15 |
| Alimento industrializado | 38.596.000 | 1,19 |
| Florestal e madeireira | 1.890.000 | 0,06 |
| Ferro e aço | 226.171.000 | 6,99 |
| Desenvolvimento fundiário | 18.334.000 | 0,57 |
| Equipamentos mecânicos e máquinas | 101.585.000 | 3,14 |
| Metais pesados | 108.761.000 | 3,36 |
| Metais leves | 96.054.000 | 2,97 |
| Diversos | 165.013.000 | 5,10 |
| Papel | 27.069.000 | 0,84 |
| Petróleo e borracha | 4.211.000 | 0,13 |
| Têxteis | 409.905.000 | 12,66 |
| Comércio | 741.028.000 | 22,89 |
| Transporte e armazéns | 666.816.000 | 20,60 |
| Eletricidade e gás | 105.165.000 | 3,25 |
| Sub-total de 400 empresas | 3.237.536.000 | 100,00 |
| 2750 empresas menores | 356.000.000 | |
| Outros ativos diversos | 270.000.000 | |
| Total | 3.862.536.000 | |

Observações:

(a) estoque dos ativos externos japoneses em valores de agosto de 1945 em dólares americanos;

(b) as 2750 empresas menores e os outros ativos diversos não foram considerados para classificá-los por indústrias.

Fonte: UNITED STATES OF AMERICA (1948b: 3)

3.3. Comércio externo

Um aspecto diretamente ligado ao investimento japonês na China, que ampliou os interesses econômicos do Japão, foi o comércio sino-japonês de vez que parte das empresas japonesas conduzia atividades comerciais.

Os dados abaixo da tabela 3.12 mostram uma elevação porcentual entre 1899 e 1913 no comércio entre o Japão e a China. A participação do Japão no total do comércio exterior da China passou de 11,5 por cento para 19,0 por cento, as exportações destinadas ao Japão representavam 8,8 por cento do total das exportações chinesas em 1899, elevando-se para 16,2 por cento em 1913; as importações originadas do Japão representavam 13,5 por cento em 1899, aumentando para 20,9 por cento em 1913 do total das importações chinesas. Os principais produtos que a China exportava ao Japão nesse período eram grãos e seus derivados, algodão cru e cereais. As importações chinesas originadas do Japão consistiam principalmente de têxteis e fios de algodão (REMER, 1933: 423)

Tabela 3.12: Participação do Comércio da China com o Japão

| Ano | Comércio % | Exportações % | Importações % |
|------|---------------|------------------|------------------|
| 1899 | 11,5 | 8,8 | 13,5 |
| 1913 | 19,0 | 16,2 | 20,9 |

Fonte: REMER (1933: 423) (dados da Alfândega da China)

Era significativo o intercâmbio comercial do Japão com China no período de 1913 a 1930. Entre 1913 e 1918, houve uma tendência de aumento da participação japonesa no total do comércio externo da China, tanto das importações originadas do Japão quanto das exportações para o Japão, conforme a tabela 3.13 abaixo apresenta. A partir de 1919, a participação no comércio exterior manteve-se em torno de 25 por cento até 1930.

Tabela 3.13: Participação do Japão no Comércio Externo da China

| Ano | X+M % | M % | X % |
|------|----------|--------|--------|
| 1913 | 19,0 | 20,9 | 16,3 |
| 1914 | 20,7 | 22,3 | 18,1 |
| 1915 | 22,7 | 26,5 | 18,5 |
| 1916 | 27,4 | 31,1 | 23,4 |
| 1917 | 32,3 | 40,3 | 22,8 |
| 1918 | 38,6 | 43,0 | 33,6 |
| 1919 | 34,6 | 38,2 | 30,9 |
| 1920 | 28,5 | 30,1 | 26,2 |
| 1921 | 25,4 | 23,2 | 28,6 |
| 1922 | 24,4 | 24,5 | 24,4 |
| 1923 | 24,4 | 22,9 | 26,4 |
| 1924 | 24,4 | 23,1 | 26,1 |
| 1925 | 28,2 | 31,6 | 24,0 |
| 1926 | 27,6 | 30,0 | 24,5 |
| 1927 | 26,0 | 29,0 | 22,7 |
| 1928 | 25,0 | 26,7 | 23,1 |
| 1929 | 25,4 | 25,5 | 25,2 |
| 1930 | 24,7 | 25,0 | 24,2 |

Observação: X+M = Participação japonesa no total do comércio externo da China (%);

M = Importações do Japão pela China/Importações totais da China (%) e

X = Exportações da China para o Japão/Exportações totais da China (%).

Fonte: REMER (1933: 459)

Abaixo, a tabela 3.14 mostra o comércio externo bilateral do Japão com a China em diferentes períodos, tanto em termos reais quanto em termos nominais, incluindo a Manchúria. Nos períodos posteriores a 1897-1906, verificou-se superávits crescentes para o Japão. Segundo MIZOGUCHI (1989: 14), esses superávits tornaram-se uma das principais fontes de investimento direto na China.

**Tabela 3.14: Comércio bilateral entre o Japão e a China
nominal e em termos reais a preços de 1934-1936**

| Período | 1887-96 mil ienes | 1897-06 mil ienes | 1907-16 mil ienes | 1917-26 mil ienes | 1927-36 mil ienes | 1930-39 mil ienes |
|----------------|----------------------|----------------------|----------------------|----------------------|----------------------|----------------------|
| X nominal | 8.460 | 56.190 | 139.790 | 453.360 | 438.950 | 671.340 |
| M nominal | 13.060 | 39.670 | 87.600 | 364.300 | 318.120 | 374.670 |
| X real | 20.104 | 74.001 | 159.660 | 254.062 | 405.331 | 627.196 |
| M real | 37.321 | 84.384 | 141.931 | 279.090 | 344.080 | 407.641 |
| Razão X/M % | 64,8 | 141,6 | 159,6 | 124,4 | 137,9 | 159,2 |

Observação: X = exportações japonesas destinadas à China em mil ienes; M = importações japonesas originadas da China em mil ienes

Fonte: MIZOGUCHI (1989: 15)

O aumento das importações japonesas originadas da China, entre 1900 até 1930, refletia a crescente demanda do Japão por alimentos, matérias-primas e fertilizantes uma vez que eram os principais produtos importados da China (REMER, 1933: 462). Por exemplo, de 1900 a 1930, um terço das importações japonesas originadas da China era constituída de grãos e seus derivados (REMER, 1933: 461). Durante a Primeira Guerra Mundial, a dependência japonesa em relação à China aumentou; 99 por cento das importações japonesas de minério e 78 por cento das importações japonesas de aço e ferro originaram-se da China. (REMER, 1931: 461 e 465).

Quanto às exportações japonesas destinadas à China, produtos industrializados de algodão, tecidos e fios de algodão, eram os principais produtos exportados pelo Japão para a China e representavam um terço das exportações japonesas à China de 1900 até 1930,. Em 1913, as exportações de algodão industrializado representavam 33,9 por cento do total das exportações japonesas para a China e 11,7 por cento do total das exportações japonesas. Em 1926 as participações representavam 45 e 12,6 por cento e em 1929 representavam 37,4 e 9,3 por cento respectivamente (MIZOGUCHI, 1989: 14; REMER, 1933: 462).

A tabela 3.15, abaixo, mostra a evolução do comércio externo do Japão na China, incluindo a Manchúria. Pode-se observar que tanto o montante, representado pelo índice, quanto a participação japonesa no total do comércio exterior da China cresceram.

Tabela 3.15: Evolução do comércio japonês na China

| Ano | Índice (1913 = 100) | Participação no total da China |
|------|---------------------|--------------------------------|
| 1899 | 28,6 | 11,5 |
| 1913 | 100,0 | 19,0 |
| 1930 | 294,1 | 24,7 |

Fonte: REMER (1933: 553)

A participação da China nas exportações japonesas diminuiu bastante nos anos de 1930. A redução foi mais significativa para os produtos têxteis, devido à eclosão da Guerra Sino-Japonesa em 1937 que interrompeu o comércio regular entre esse dois países, mas de outro lado desenvolveu a indústria têxtil japonesa na China, promovida pelas empresas japonesas nas áreas de domínio japonês na China, emergindo um processo de substituição de importações (MIZOGUCHI, 1989: 23).

Analisaremos na seção seguinte os investimentos na indústria algodoeira na China, como exemplo da inserção econômica japonesa nesse país.

3.4. Indústria algodoeira

Havia uma particularidade na indústria algodoeira na China uma vez que a indústria de algodão do Japão instalou-se somente na China e em nenhum país mais durante o período anterior à Segunda Guerra Mundial (DUUS, 1989: 66).

Nos anos finais da década de 1880, a China era o principal fornecedor estrangeiro de algodão cru do Japão, matéria-prima para os fios de algodão processados industrialmente no Japão. Para incrementar o fornecimento dessa matéria-prima, as empresas japonesas, tal como a *zaibatsu* Mitsui, abriram escritórios em Shangai na China para comprar algodão cru. No caminho inverso, a China também foi o primeiro grande mercado para as exportações japonesas de produtos têxteis industrializados (HOWE, 1996: 414).

A Guerra Sino-Japonesa e o Tratado de Shimonoseki fizeram com que o acesso ao mercado chinês dos produtos têxteis e produtos em geral japoneses se abrisse, como analisamos anteriormente, assim como os outros mercados aonde o Japão se expandiu territorialmente,

tal como na Coreia e Taiwan. Como resultado, o mercado chinês absorvia 94 por cento das exportações de fios de algodão do Japão no período compreendido entre o final do século XIX e o início do século XX. Desde essa época até o final da Segunda Guerra Mundial, o desenvolvimento da indústria têxtil japonesa esteve ligado às exportações, principalmente destinados ao mercado chinês (HOWE, 1996: 414).

A indústria de algodão do Japão dependia pesadamente dos mercados externos para o seu crescimento, desde o início do seu desenvolvimento. As exportações das fiações de algodão japonesas eram destinadas na sua maior parte ao mercado chinês antes da Primeira Guerra Mundial (KUWAHARA, 1989: 151).

Concomitantemente à assinatura do Tratado de Shimonoseki, aumentaram o intercâmbio comercial sino-japonês e os investimentos japoneses na China no ramo têxtil. O interesse dos japoneses para o investimento direto em têxteis foi baseado em dois fatores: a necessidade de assegurar mercado para as exportações de fios de algodão no exterior e a estagnação do crescimento da indústria têxtil japonesa (HOWE, 1996: 416).

Os japoneses investiram na primeira fábrica de algodão na China em 1902, com o capital da Mitsui Trading Company (Mitsui Bussan), posteriormente, em 1909, houve aportes de capitais da Nihon Raw Cotton Company (Nihon Menka Kaisha) para mais uma fábrica (CHAO, 1977: 116; DUUS, 1989: 75-76; HOU, 1965: 86-87).

Ainda em 1909, a Naigai Cotton Company (Naigai Wata Kaisha), uma empresa de comercialização de algodão, instalou uma fábrica em Shangai. Essa mesma empresa, construiu mais duas grandes fábricas em 1913 e 1914, e mais quatro entre 1917 e 1918. A Naigai tornou-se a maior empresa de fiação de algodão na China até o término da Segunda Guerra Mundial. No final de 1937, era proprietária de dezoito fábricas na China; em 1936, contava com 11 por cento de toda a produção de fios e 15 por cento do total de roupas de algodão produzidas na China (CHAO, 1975: 170; DUUS, 1989: 77).

No início da Primeira Guerra Mundial, os japoneses detinham a maior parte dos

investimentos no setor têxtil na China. A produção de bens civis nos países que estavam diretamente envolvidos no confronto mundial diminuiu, pois tinham que dirigir a produção para o esforço de guerra, e diminuiu a capacidade de transporte marítimo das outras potências ocidentais pela eclosão da guerra, de forma que a indústria de algodão na China tornou-se atrativa aos investimentos japoneses (HOU, 1965: 86-87).

Em 1914, cerca de 30 por cento do volume de fios de algodão produzido no Japão era exportado. A China foi o maior e o mais importante mercado dessas exportações, representando 92 por cento do volume de todos os fios exportados, equivalente a cerca de um quarto da produção japonesa naquele ano. Para as tecelagens japonesas o mercado chinês representava cerca de 70 por cento em termos de valor dos tecidos de algodão exportados, equivalente a 8 por cento do total da produção japonesa (DUUS, 1989: 71).

Em 1918, elevaram-se as tarifas de importação chinesas para os fios finos de algodão, de forma que isso foi um estímulo adicional para que aumentassem os investimentos japoneses como forma de transpor essa barreira tarifária (HOU, 1965: 86-87).

O investimento direto japonês no setor têxtil na China, portanto, intensificou-se ainda mais a partir de 1918. Por exemplo, a Fuji Gasu Spinning Company e duas *sogo shosha* (Nichimen e Itochu) adquiriram uma empresa de fiação e a reorganizaram nesse ano, sendo que adquiriram mais quatro fábricas entre 1921 e 1924. Outras empresas, que anteriormente eram exportadoras para a China, também investiram, sendo que em 1924, nove grupos empresariais japoneses eram proprietários de fábricas (DUUS, 1989: 85; KUWAHARA, 1989: 153, 155-161).

No período de 1914 a 1922, houve um crescimento no total de fusos de fiar algodão de 865.777 para 3.010.720 e no número de teares de 4.798 para 19.228 de propriedade das empresas japonesas na China, representando taxas de crescimento, respectivamente, de 317 e de 300 por cento, tendo sido para a época as mais altas do mundo. Esse crescimento foi induzido pela Primeira Guerra Mundial e pela elevação das tarifas de importação, tal como visto anteriormente (CHAO, 1977: 119).

As empresas de manufatura de algodão japonesa na China continuavam a se desenvolver no período recessivo posterior à Primeira Guerra Mundial, pois foram financiadas pelo governo e bancos japoneses, vindo a aumentar a sua participação no mercado, diminuindo, a das empresas chinesas e das estrangeiras. A indústria de manufatura de algodão cresceu, tornando-se até os anos de 1930, o ramo de atividade na qual o investimento japonês na China foi o maior (REMER, 1933: 495 - 496).

A evolução da participação do número dos fusos de fiar para algodão japoneses sobre o total na China é apresentada na tabela 3.16. Observa-se que houve um aumento do patamar em 1919, chegando a 22,0 por cento, e em 1927 um novo aumento de patamar, chegando a 40,5 por cento em 1931.

Tabela 3.16: Participação da quantidade dos fusos de fiar algodão japoneses na China

| Ano | Participação |
|------|--------------|
| 1909 | 13,7 |
| 1912 | 11,5 |
| 1914 | 12,2 |
| 1919 | 22,0 |
| 1927 | 37,4 |
| 1928 | 39,3 |
| 1930 | 39,6 |
| 1931 | 40,5 |

Fonte: REMER (1933: 407)

Em 1921 - 1922, houve um grande aumento dos investimentos japoneses na China causado por outro aumento das tarifas de importação, pela situação de declínio da indústria têxtil no Japão e pela lucratividade da indústria têxtil na China. Uma das causas institucionais para a lucratividade das fábricas têxteis japonesas estabelecidas na China foram os privilégios que os tratados firmados anteriormente entre a China e o Japão asseguravam às empresas japonesas, tais como a existência de um determinado grau de autonomia em relação às autoridades chinesas e a isenção fiscal de alguns impostos somente concedido aos japoneses (DUUS, 1989: 88-89; HOU, 1965: 86-87).

O sistema de tratados desiguais trouxe aos investimentos japoneses, qualquer que fosse a

atividade, a implícita proteção das potências ocidentais. Os termos do tratado garantiam a segurança e estabilidade dos investimentos japoneses na China.

Analisando o estoque de investimento na indústria de fiar algodão, vemos um vertiginoso aumento do investimento japonês principalmente após o término da Primeira Guerra Mundial, sendo que em 1925, respondia por 38 por cento do total do capital investido nessa indústria instalada na China, como mostra a tabela abaixo, 3.17.

Tabela 3.17: Investimentos por origem do capital na indústria chinesa de fiação de algodão – estoque - valores nominais em ienes

| Ano | Chinês | Japonês | Inglês | Total |
|------|-----------|-----------|---------|-----------|
| 1890 | 35.000 | - | - | 35.000 |
| 1895 | 174.564 | - | - | 174.564 |
| 1900 | 336.722 | - | 80.548 | 497.270 |
| 1905 | 355.588 | 23.912 | 80.548 | 540.048 |
| 1910 | 497.448 | 55.296 | 80.548 | 713.292 |
| 1919 | 658.748 | 332.922 | 244.088 | 1.235.758 |
| 1925 | 1.866.232 | 1.268.176 | 205.320 | 3.339.728 |

Fonte: HOWE (1996, 417)

As empresas japonesas predominaram tanto em número de fusos de fiar algodão quanto no número de teares nas fábricas têxteis instaladas na China no período posterior à Primeira Guerra, tal como pode ser depreendido dos dados da tabela 3.18.

Tabela 3.18: Propriedade de fusos e teares da produção de têxteis de algodão na China

| Ano | Fusos de fiar algodão (em mil) | | Teares | |
|------|--------------------------------|--------|-----------|-------|
| | Japoneses | Total | Japoneses | Total |
| 1897 | 0,0 | 160,5 | 0 | 0 |
| 1913 | 111,9 | 339,0 | 886 | 1986 |
| 1919 | 332,9 | 577,0 | 1486 | 3839 |
| 1922 | 621,8 | 879,7 | 2986 | 5786 |
| 1924 | 932,7 | 1183,2 | 3929 | 6792 |
| 1925 | 1268,2 | 1473,5 | 7205 | 9553 |
| 1927 | 1292,0 | 1497,3 | 9625 | 11973 |
| 1928 | 1397,3 | 1550,6 | 10801 | 12701 |
| 1929 | 1462,2 | 1615,5 | 11467 | 13367 |
| 1930 | 1587,8 | 1757,0 | 13554 | 16034 |
| 1931 | 1715,8 | 1886,4 | 15983 | 18674 |
| 1932 | 1790,7 | 1973,9 | 17592 | 20483 |
| 1933 | 1803,5 | 1988,4 | 19017 | 21908 |
| 1934 | 1946,5 | 2131,4 | 21606 | 24497 |
| 1935 | 1944,5 | 2171,6 | 23127 | 27148 |
| 1936 | 2135,1 | 2356,4 | 28915 | 32936 |

Fonte: HOU (1965: 88)

Abaixo, a tabela 3.19 mostra a proporção dos produtos de algodão – fios e tecidos – exportados do Japão para a China em diferentes anos. Observa-se que a participação de fios de algodão que era de 70,3 por cento em 1913, veio a diminuir posteriormente para 4,8 por cento em 1929; de outro lado, a participação de tecidos que era de 29,7 por cento em 1913, aumentou, passando a 95,2 por cento em 1929.

Essa inversão das proporções de fios de algodão e de tecidos na pauta de exportações do setor de algodão industrializado, reflete o desenvolvimento da indústria têxtil na China (MIZOGUCHI, 1989: 14; REMER, 1933: 463; YOUNG, 1998: 190).

Tabela 3.19: Exportações de Algodão Industrializado do Japão destinadas à China participação por tipo de produtos baseada nos valores em ienes

| Ano | Fios | Tecidos |
|------|------|---------|
| 1913 | 70,3 | 29,7 |
| 1918 | 50,7 | 49,3 |
| 1926 | 13,7 | 86,3 |
| 1929 | 4,8 | 95,2 |

Observação: inclui Hong Kong

Fonte: REMER (1933: 462)

A mudança na composição da pauta de exportações do algodão entre 1914 e 1930, foi decorrente da disponibilidade de capital japonês para investimento no exterior. Os interesses econômicos japoneses em ferrovias e mineração em Shantung continuavam a ser importantes, mas a mudança mais considerável foi a expansão do têxtil de algodão sob controle japonês. Dentre as fiações controladas por estrangeiros na China, a participação japonesa representava cerca de 60 por cento em número de fusos e cerca de 40 por cento em teares em 1914. Em 1930, as fábricas japonesas representavam 90 por cento dos fusos e 84 por cento dos teares estrangeiros (BEASLEY, 1987: 139 – 140 e REMER, 1933: 429).

Tabela 3.20: Importações de fios de algodão pela China – participação por origem²⁰

| Ano | Inglaterra | Japão | Outros |
|------|------------|-------|--------|
| 1905 | 71,5 | 26,4 | 2,1 |
| 1910 | 58,9 | 37,8 | 3,3 |
| 1915 | 47,1 | 50,7 | 2,1 |
| 1920 | 52,3 | 37,4 | 10,2 |
| 1925 | 32,0 | 64,7 | 3,3 |

Fonte: MIZOGUCHI (1989: 23)

Com a Guerra Sino-Japonesa de 1937, a maioria das áreas em que se encontravam os centros têxteis ficaram sob a proteção e o domínio militar dos japoneses, de forma que nesses locais a indústria têxtil de algodão, de propriedade de empresas japonesas teve um crescimento extraordinário em 1938 (CHAO, 1977: 132).

²⁰ Na obra consultada de MIZOGUCHI (1989), o autor não faz referência se a participação concerne a valores ou a quantidades.

Houve um processo de verticalização e diversificação das atividades das empresas da indústria de algodão, principalmente após esse conflito bélico e com o esforço de guerra para a Segunda Guerra Mundial. Um caso é a da Toyo Boseki Company, que nos anos da década de 1940 não somente se tornou líder mundial na sua atividade original, de fiação de algodão, mas também investiu na China em outros ramos de atividade, tais como em toda cadeia têxtil do algodão, em indústrias leves (papel, processamento de linho, óleo alimentar, processamento de grão de soja, tabaco), em indústrias pesadas (construção de navios, aço, mineração, processamento de carvão, fibras artificiais, químicos, máquinas e equipamentos, petróleo, aeronáutica, engenharia, pneus, fornecimento de energia) e no setor de serviços (HOWE, 1996: 423).

CAPÍTULO IV - INVESTIMENTOS JAPONESES NA CORÉIA: INDUSTRIALIZAÇÃO EM BENEFÍCIO DOS JAPONESES

Introdução

A decisão dos japoneses em expandir, primeiro territorialmente e em seguida nos seus interesses econômicos, foi decorrência dos eventos políticos internacionais do final do século XIX. O principal objetivo do avanço japonês na Coréia foi bloquear o controle de qualquer outro país sobre a Coréia com o intuito de não deixar a posição geopolítica do Japão enfraquecida. Segundo DUUS (1984: 129), há pouca evidência que indique que ter vantagens econômicas foi a principal causa da expansão japonesa na Coréia. Possuir mercados, recursos ou interesses econômicos não seriam razões suficientes para que houvesse uma guerra contra a China ou contra a Rússia. Assim, o objetivo japonês originalmente foi eliminar a influência chinesa e russa na Coréia e iniciar reformas de modernização sob a proteção japonesa nesse país.

O Japão também exerceu uma pressão contínua na Coréia para ter privilégios econômicos. Com a expansão da influência japonesa na Coréia, os objetivos econômicos do governo cresceram substancialmente, implantando políticas econômicas na Coréia para que ela se desenvolvesse para dar vantagens ao Japão. Os benefícios desse desenvolvimento seriam divididos entre o governo e as empresas japonesas. Dessa forma, o governo japonês esperava atingir seus objetivos econômicos através das empresas japonesas (DUUS, 1984: 137-138).

4.1. Investimentos japoneses iniciais

Entre a Guerra Russo Japonesa (1895) e a anexação da Coréia pelo Japão (1910), montantes vultosos de capital japonês estavam disponíveis para investimentos no exterior, através de empréstimos oferecidos pelos bancos ou consórcio de bancos ou foram diretamente investidos pelas grandes corporações (DUUS, 1984: 150).

Antes do final da Guerra Russo Japonesa, o Dai-Ichi Bank e a empresa ferroviária Seoul-Fusan Railway eram os dois únicos empreendimentos japoneses de grande escala na Coréia. O final dessa guerra traria um aumento dos investimentos japoneses uma vez que a

infra-estrutura econômica já estava tomando forma, com algumas obras em fase de conclusão, e as perspectivas de retornos sobre os investimentos a longo prazo tornaram-se promissoras com a relativa estabilidade advinda da paz (DUUS, 1984: 158 -159).

As grandes empresas japonesas visavam principalmente o intercâmbio comercial do Japão com a Coreia nesse período. Para a sua consolidação, havia um grande interesse dos japoneses em que houvesse o desenvolvimento da infra-estrutura e a solidificação institucional coreana para promover o comércio. As empresas desejavam o estabelecimento de um sistema monetário estável e de um sistema uniformizado de pesos e medidas, a melhoria dos portos, a construção de linhas ferroviárias, instituições financeiras para que pudessem dispor de créditos acessíveis, rotas regulares de navegação entre os dois países, construção de armazéns, entre outras demandas, que necessitariam de investimento público por parte do governo da Coreia. Por parte das empresas japonesas, com o apoio do governo japonês, havia o esforço de estabelecer a melhoria da infra-estrutura através de investimento e capital privados.

O principal exemplo da ampliação dos interesses econômicos japoneses na Coreia foi a construção de linhas ferroviárias na Coreia, o maior investimento privado externo japonês nesse país antes da Guerra Russo-Japonesa. A decisão do governo japonês de incentivar investimentos nesse ramo de atividade foi devida ao fato de linhas ferroviárias poderem rapidamente promover o deslocamento de tropas e suprimentos, mas também abrir novos mercados, o que diminuiria o custo de transporte dos produtos japoneses no território coreano e facilitaria a distribuição comercial (DUUS, 1984: 155 -156).

Os investimentos japoneses em ferrovias foram possíveis uma vez que em 1894 o governo coreano concedeu aos japoneses a permissão para a construção e a administração de linhas ferroviárias. A primeira linha foi completada em 1901 por um consórcio formado sob a liderança do Dai-Ichi Bank, com participação de quatro *zaibatsu*, a Mitsui, a Mitsubishi, a Yasuda e a Okura. A outra linha foi finalizada em 1904, também por um consórcio liderado pelo Dai-Ichi Bank. Ambas tiveram aporte inicial de capital dados pelo governo japonês, pois eram consideradas de importância estratégica para o Japão. (BEASLEY, 1987: 74).

O Dai-Ichi Bank teve uma participação importante no financiamento do comércio japonês com a Coréia, desde a época em que tinha estabelecido uma filial na Coréia em 1878, sendo que esse banco expandiu suas atividades após a Guerra Sino-Japonesa, não somente funcionando como um banco comercial, mas também, fazendo o papel de banco central na Coréia. Após 1894, o banco começou a cunhar moedas de prata para uso especial na Coréia como uma alternativa para a moeda local. Em 1901 também começou a imprimir papéis-moeda especiais para circulação nesse país. Na prática tornou-se um banco central, muito embora operasse sem autorização específica para tal pelo governo coreano. A importância das filiais coreanas do banco cresceu relativamente à operação total. A participação dos lucros proporcionada pelas filiais coreanas aumentou de uma média de 10,9 por cento em 1896-1899 para 37,1 por cento em 1906-1909. O Dai-Ichi Bank na Coréia tinha capacidade de operar mesmo não tendo investimentos substanciais de capital japonês uma vez que muito dos seus depósitos eram de fundos oficiais do governo coreano (BEASLEY, 1987: 73 – 74; DUUS, 1984: 154).

Em 1905, o Japão negociou um acordo com o imperador coreano, estabelecendo um pleno protetorado, o que significava o direito de usar o território coreano como uma base para as operações militares japonesas. Ao estabelecer a Coréia como seu protetorado em 1905, o Japão colocou conselheiros para a polícia, judiciário e militares na Coréia, realizando uma ingerência direta nessas áreas. A administração de alguns dos serviços públicos, tais como os correios, os telégrafos e a telefonia, também ficaram sob o controle japonês. No final de 1905, o exército coreano foi extinto assim como o ministério das relações exteriores da Coréia, de forma que o Japão assumiu a responsabilidade pelas relações diplomáticas, assim como o controle de todas as funções governamentais (BRUDNOY, 1970: 157-159).

Com o estabelecimento de um protetorado no final de 1905, as empresas industriais, as *sogo shosha* e os bancos japoneses organizaram-se para que os interesses econômicos ocidentais saíssem do mercado coreano. A dominação japonesa do país nas principais instituições econômicas e políticas facilitou esse esforço. Entretanto, a principal tática utilizada foi a constituição de uma associação exportadora para controlar os mercados. Por

exemplo, no setor têxtil, em 1906, como resultado das negociações entre o Dai-Ichi Bank, a *sogo shosha* Mitsui Bussan e as três principais empresas de Osaka (Osaka Spinning Company, Mie Spinning Company e Kanakin Weaving Company) organizaram a Sanei Cotton Textiles Association, para utilizar somente uma empresa, a Mitsui Bussan, como seu representante comercial na Coreia. Para essas três empresas têxteis, o propósito era fortalecer a participação nas vendas ao mercado coreano em relação às das empresas ocidentais, através da redução da competição entre aquelas três empresas no mercado coreano. Para a Mitsui o objetivo era manter as suas operações no mercado coreano através de um volume maior de comércio (DUUS, 1984: 153).

Entre 1906 e 1907, várias empresas começaram a explorar a agricultura uma vez que o investimento em agricultura produzia retornos imediatos, pois era relativamente fácil e barato instalar uma beneficiadora de arroz ou adquirir um terreno. A idéia básica desses empreendimentos consistia em combinar o capital e a tecnologia agrícola japonesa com a mão-de-obra e a terra coreana para a produção agrícola. Um dos mais significativos empreendimentos estabelecidos para a explorar a agricultura foi a empresa mista Oriental Development Company, fundada em 1908, controlada pelo governo japonês. Essa empresa organizava e estabelecia projetos industriais e agrícolas, além de facilitar o assentamento japonês, vindo a ser proprietária de mais de 20 por cento da terra arável da Coreia (BEASLEY, 1987: 151- 52; BRUDNOY, 1970: 160; CUMINGS, 1984: 19; DUUS, 1984: 159 - 160)

Como exposto anteriormente, através do Dai-Ichi Bank, os japoneses já vinham administrando a moeda coreana, sendo que essa função que foi substituída posteriormente por outro banco japonês, o Bank of Chosen, estabelecido em 1909 na Coreia. Além dessas instituições financeiras, muitos outros bancos japoneses operavam durante o período do protetorado.

Era amplo o domínio econômico japonês na Coreia na primeira década do século XX: os japoneses tiveram exclusividade na construção e concessão, portanto, controle das mais importantes linhas ferroviárias; cabia aos japoneses também a exclusividade nas concessões

de mineração e pesca; assim como se aumentou o intercâmbio comercial japonês com a Coreia sob a administração japonesa. Nesse período, transformações na economia e em instituições foram moldadas pelos japoneses com a realização de reformas para modernizar o governo através da reorganização da estrutura administrativa do governo, no comércio externo, no sistema de transporte, no comércio exterior, no setor financeiro, assim como os japoneses intervinham nas políticas monetária e fiscal da Coreia (BEASLEY, 1987: 151- 52; BRUDNOY, 1970: 160; DUUS, 1988: 140-141; KIM, K.Y.K., 1975: 85 - 87; PEATTIE, 1984: 16)

4.2. A anexação do país e os investimentos japoneses

O Japão anexou a Coreia, em 1910, através de um tratado de anexação e não como resultado de uma conquista militar, domínio esse que se estendeu até o final da Segunda Guerra Mundial (CHEN, 1983: 201; CHEN, 1973: 251; CHOE, 1980: 102).

A anexação desse território foi guiada primeiramente pelos interesses político-estratégicos e posteriormente por econômicos segundo Kublin (1959: 79). Para DUUS (1995: 23 - 24), a anexação da Coreia foi o resultado de dois processos interligados, um político e outro econômico. No plano político houve uma ampliação gradual da influência e do controle sobre o Estado coreano pelas lideranças Meiji; no econômico acarretou numa penetração ainda maior das empresas japonesas no mercado coreano. Os dois processos estavam interligados, reforçando-se mutuamente. A cada aumento na influência da política japonesa, novas vantagens econômicas eram oferecidas às empresas japonesas na Coreia, e cada pressão dos interesses econômicos na Coreia tinha uma contrapartida na forma de avanços do poder japonês na Coreia.

A anexação formal da Coreia pelo Japão não resultou na imediata transformação dela num mercado privilegiado, ou seja, que somente poderia comercializar com a metrópole. Permaneceram por mais dez anos, portanto, até 1920, as tarifas fixadas pelos “tratados desiguais”, as embarcações estrangeiras tinham permissão para comercializar entre os portos coreanos, assim como comercializar entre a Coreia e os portos abertos do Japão. A medida protecionista aplicada pelo governo geral japonês da Coreia foi a regulamentação

para requerer licença em instalar novas empresas, dando o poder de excluir outros investidores estrangeiros (DUUS, 1984: 161-162).

As duas medidas de maior significado na década de 1910, foram o censo fundiário e a Lei das Corporações. A primeira teve como objetivo que os japoneses pudessem conhecer precisamente as áreas aráveis para produzir alimentos e matérias-primas para o Japão, pois segundo o governo japonês, uma vez que a Coreia tinha se tornado parte do império japonês, ela deveria especializar-se na produção dessas *commodities*. A segunda medida estipulava que o estabelecimento de qualquer nova corporação na Coreia deveria ter a permissão expressa do governo geral japonês na Coreia. O objetivo dessa lei restritiva era desencorajar a instalação de qualquer grande empreendimento que poderia competir diretamente com as indústrias exportadoras do Japão. Em outras palavras, a instalação de indústrias substituidora de importação na Coreia seriam desencorajadas. No mesmo período, ou seja, na década de 1910, investimentos de capital continuaram a ser realizados em infra-estrutura, tais como a construção de ferrovias e rodovias e investimentos em eletricidade e em portos (KANG, 1973: 78-79; JUHN, 1973: 118).

A industrialização na Coreia antes da década de 1930, foi relativamente limitada, pois como ela servia como uma produtora e exportadora de produtos alimentares ao Japão e como mercado para produtos industrializados japoneses, a industrialização foi confinada, em sua maior parte, para a construção de uma infra-estrutura moderna (incluindo rodovias e ferrovias) em benefício ao setor primário e do intercâmbio comercial com o Japão. As empresas instaladas nesse período foram também em geral engajadas em atividades que acomodavam esses mesmos interesses, tal como o beneficiamento do arroz. Ademais, até 1920 a chamada Lei das Corporações estava em vigor. Esta requeria que todas as atividades econômicas fossem oficialmente licenciadas pelo governo geral japonês na Coreia, o que permitia às autoridades manter a industrialização dentro dos limites aceitáveis aos interesses japoneses (ECKERT, 1996: 4).

4.3. Investimentos e industrialização: incentivo da Primeira Guerra Mundial

O primeiro impulso à industrialização na Coreia veio como resultado da eclosão da Primeira Guerra Mundial. Preocupadas com os combates na Europa, as potências ocidentais abandonaram temporariamente os mercados que dominavam na Ásia, de forma que empresários japoneses tomaram o lugar delas nesses mercados. As exportações de produtos japoneses, especialmente têxteis, aumentaram bastante durante a guerra, e a demanda continuou a exceder a oferta, mesmo com o estabelecimento de novas instalações no Japão. Como resultado, uma vez que o Japão não conseguia atender as necessidades por produtos industrializados de seus territórios no exterior, o governo japonês na Coreia começou a considerar a expansão da indústria além do setor agrícola (ECKERT, 1996: 5).

A ocupação pelos japoneses de Shantung, na China, em 1914, despertou nos empresários japoneses e no governo japonês na Coreia, que a China central e do norte, assim como na Manchúria, poderiam ser mercados potenciais para bens produzidos na Coreia. Gradualmente, o governo geral japonês na Coreia concluiu que um mercado continental amplo permitiria um certo grau de industrialização que poderia complementar e não ser concorrente com o Japão. Interesses nesses mercados potenciais, portanto, implicaram na permissão em ampliar a industrialização na Coreia (ECKERT, 1996: 5-6).

Como resultado dessas mudanças, a indústria na Coreia se expandia e se diversificou a partir de 1916, quando os capitalistas japoneses e os coreanos começaram a instalar novas fábricas. A maior parte das novas plantas, especialmente as maiores, começaram a surgir na Coreia durante esse período. Entre 1916 e 1919, vinte novas fábricas de grande escala foram instaladas. Ao lado do setor agrícola, houve uma diversificação nos ramos de atividades em que os japoneses investiram, entre as quais a mineração, a indústria naval, ferro e alumínio, cimento e eletricidade (ECKERT, 1996: 5-6).

Em 1920, o governo geral aboliu a Lei das Corporações e instituiu um outro sistema de registro, permitindo uma flexibilização aos investimentos das empresas. As tarifas existentes entre o Japão e a Coreia foram também amplamente removidas nos anos

seguintes, permitindo um livre movimento de bens de capital para a instalação de modernas fábricas de máquinas na Coreia (ECKERT, 1996: 5).

Os efeitos da Primeira Guerra Mundial no Japão e nos seus territórios no exterior continuaram mesmo depois do armistício que foi assinado em 1918. Em menos de 5 anos, a guerra tinha transformado o Japão de devedor para credor internacional, portanto, mais capital poderia ser investido nos territórios ocupados no exterior (ECKERT, 1996: 5).

O setor industrial, incluindo mineração, continuou a crescer nos anos de 1920, sendo que tanto a produção quanto o número de fábricas dobrou entre 1920 e 1930. De particular importância durante o período foi o desenvolvimento de recursos hidroelétricos extensivos no norte da Coreia, resultando numa fonte de energia barata, cujo efeito foi a instalação de empresas japonesas na indústria de base, tal como a instalação da Chosen Nitrogenous Fertilizer Company, em 1927 (ECKERT, 1996: 6).

A tabela 4.1 mostra que o número de licenças concedidas, pelo governo japonês na Coreia, a empresas de propriedade de coreanos operarem permanece relativamente o mesmo a cada ano, enquanto aumentou no período o número de licenças concedidas a empresas de propriedade dos japoneses operarem (JUN, 1973: 119).

Tabela 4.1: Número de licenças para estabelecer empresas por origem da propriedade

| | 1911 | 1912 | 1913 | 1914 | 1915 | 1916 | 1917 | 1918 |
|-----------|------|------|------|------|------|------|------|------|
| Japoneses | 109 | 117 | 132 | 142 | 147 | 147 | 177 | 202 |
| Coreanos | 27 | 34 | 39 | 39 | 39 | 36 | 37 | 39 |

Fonte: JUN (1973: 119).

A Coreia cada vez mais tornou-se uma fonte de carvão e ferro para o Japão (BEASLEY, 1987: 154).

A tabela abaixo, 4.2, mostra a média anual da produção de produtos minerais na Coreia durante 1910-1913 e 1924-1928.

Tabela 4.2: Média anual da produção de produtos de origem mineral na Coréia

| Produto | Unidade | 1910-1913 | 1924-1928 |
|------------------|--------------------|----------------------|----------------------|
| | | Quantidade produzida | Quantidade produzida |
| Ouro | Onça troy | 141.414 | 170.348 |
| Prata | Onça troy | 10.602 | 52.208 |
| Bronze | Libras | 2.636 | 1.239.435 |
| Minério de Ferro | Toneladas métricas | 119.000 | 400.000 |

Fonte: KIM, K.Y.K. (1975: 93)

Em 1928, a Coréia tornou-se um importante fornecedor de ferro-gusa para as indústrias de aço instaladas no Japão. O ferro era de boa qualidade e os depósitos eram suficientemente grandes e concentrados para permitir que houvesse retorno econômico da mineração de forma que houve interesse dos investidores japoneses. A produção de ferro na Coréia aumentou as exportações da Coréia ao Japão que superaram o volume produzido no Japão (KIM, K.Y.K., 1975: 93).

A maior parte do desenvolvimento industrial introduzido antes de 1930 na Coréia visava somente as necessidades do Japão. O processamento de alimentos permaneceu como a mais importante indústria na Coréia até 1930. A indústria relativamente grande após essa era a produção mineral uma vez que a Coréia era vista como um fornecedor de recursos ao Japão (KIM, K.Y.K., 1975: 93).

No final da década de 1920, as relações econômicas da Coréia com o Japão caracterizavam-se pelas exportações de matérias-primas e alimentos da Coréia destinadas ao Japão e importações de bens manufaturados originadas do Japão. Ainda nessa época, as atividades econômicas, como o desenvolvimento de indústrias não agrícolas, eram restringidas pelo governo geral japonês na Coréia com o principal intuito de prevenir o surgimento de empresas que pudessem competir com as empresas industriais do Japão.

4.4. Esforço de guerra: ponto de inflexão dos investimentos

Durante o período entre 1931 e 1945, a Coréia foi desenvolvida para tornar-se uma base de suprimentos militares para o Japão. Depois do Incidente de Manchúria de 1931, a economia

coreana ingressou numa nova era, a transformação de uma simples supridora de alimentos e de matérias-primas para o *status* de uma base para produção de suprimentos militares. Como a expansão japonesa no continente asiático continuava, houve uma industrialização substancial na Coreia por causa de suas vantagens geográficas se comparadas às do Japão (Kang, 1973: 80).

Na década de 1930 houve um redirecionamento na condução da política econômica do governo geral japonês em Coreia. Com o Japão movendo-se para uma economia de guerra, houve a decisão de criar uma base industrial auto-suficiente na Coreia visto que este país se localizava numa área estratégica para ampliação da expansão territorial japonês. Durante a primeira metade da década de 1930, foram realizados programas de industrialização pelo governo geral japonês na Coreia, enquanto a produção agrícola era relegada a um segundo plano. Esses programas incentivaram o estabelecimento de instalações industriais para a produção de matérias-primas, tais como, petroquímicos, carvão e metais, necessários para a indústria pesada japonesa (PEATTIE, 1984: 32 – 33; PEATTIE, 1988: 257).

As grandes empresas japonesas investiram na industrialização da Coreia no início dos anos de 1930. Os principais *zaibatsu*, tais como a Mitsui, a Mitsubishi e a Noguchi investiram em uma grande gama de ramos de atividade na Coreia (KANG, 1973: 80). O fluxo de capitais japoneses para a Coreia cresceu de forma acelerada após o Incidente de Manchúria em 1931, começando a ter importância dentro do esforço de guerra como produtor de bens de guerra e como uma fonte de matérias-primas estratégicas, tais como produtos químicos, petroquímicos, minérios e metais (KIM, K.S., 1973: 105-6, 109; PEATTIE, 1984: 33). Assim, a partir de 1931, cresceu a importância da Coreia para o investimento das empresas japonesas (KIM, K.S., 1973: 104). A industrialização foi incentivada através de políticas de governo, tais como subsídios a plantas industriais e controle de preços de terrenos para instalação de indústrias de forma que mais empresas japonesas ingressaram nesse período no país (KIM, K.S., 1973: 105; PEATTIE, 1984: 33).

Depois de 1931, tal como citado anteriormente, a Coreia tornou-se uma base logística continental para a expansão japonesa no continente asiático. Uma série de plantas de

indústrias pesadas foi construída pelos *zaibatsu* japoneses durante o período. Em 1938, a indústria química tinha a maior participação no valor bruto da produção industrial coreana, 37,2 por cento do total. A indústria de alimentos era a segunda, seguida pelos têxteis e metais. Essas mudanças refletem o papel da transformação da Coreia de uma área produtora de matéria-prima para uma base logística continental para a expansão japonesa na Ásia (JUN, 1973: 121).

Após o estabelecimento do Estado de Manchukuo, na década de 1930, o Japão repensou sua estratégia de desenvolvimento da indústria pesada na Coreia. Nessa época, os japoneses realizaram uma expansão ainda maior no continente asiático. Então, com os recursos naturais e mão-de-obra que possuía, a Coreia tornou-se uma parte importante no programa de expansão territorial japonês. Além disso, um conjunto de industrialização induzido pelo governo prevaleceu na Coreia durante esse período. A área mais propícia para a exploração dos recursos minerais e para a eletricidade estava localizada no nordeste da península, sendo nessa região que os japoneses instalaram indústrias pesadas, tais como plantas hidroelétricas, fábricas químicas e de metais, enquanto as indústrias leves, como as têxteis e de processamento de alimentos estavam estabelecidas no sul da Coreia. Assim, a Coreia foi dividida em duas regiões para diferentes desenvolvimentos industriais (KIM, KYK, 1975: 94-95).

No período posterior a 1931, os japoneses iniciaram um programa para desenvolver ainda mais a infra-estrutura na Coreia. Eles ampliaram as instalações de transporte e comunicações através da construção de rodovias e linhas ferroviárias, telégrafos e instalações de telefone e portos para acomodar um crescente volume de distribuição. O governo japonês na Coreia foi ativo em promover e participar na expansão industrial durante esse período. O governo geral japonês na Coreia ofereceu financiamento a muitas empresas para que ampliassem os seus investimentos nos setores em que o governo queria desenvolver. Créditos bancários a taxas de juros baixos foram disponíveis para esses novos investimentos. Subsídios eram amplamente distribuídos para induzir as empresas japonesas a ingressarem em novos ramos de atividade na Coreia (KIM, KYK, 1975: 95).

Tabela 4.3: Participação dos Ramos de Atividade na Produção de Produtos 1925-1939

| Setor | 1925 | 1931 | 1936 | 1939 |
|------------|-------|-------|-------|-------|
| | % | % | % | % |
| Agrícola | 72,7 | 63,1 | 51,8 | 42,0 |
| Industrial | 17,7 | 22,7 | 31,3 | 39,0 |
| Pesca | 5,1 | 6,9 | 7,0 | 8,0 |
| Florestal | 3,2 | 5,3 | 5,1 | 5,0 |
| Mineração | 1,3 | 2,0 | 4,8 | 6,0 |
| Total | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 |

Fonte: Kim, KYK, 1975: 96

Abaixo, a tabela 4.4 mostra que o valor relativo da mineração e do ramo industrial somados eram maiores que qualquer outro em 1939. A indústria química esteve em primeiro lugar em 1939, substituindo a de alimentos processados, um importante setor até então. A participação relativa da produção química, máquinas e equipamentos e ferro e aço, somadas, representava um montante de 47 por cento em 1939 (KIM, KYK, 1975: 96-97).

Tabela 4.4: Transformação da estrutura da indústria coreana 1930-1939

| Indústria | 1930 | 1936 | 1939 |
|-------------------------|-------|-------|-------|
| | % | % | % |
| Alimentos Processados | 57,8 | 45,2 | 22,0 |
| Têxtil | 12,8 | 12,7 | 13,0 |
| Química | 9,4 | 22,9 | 34,0 |
| Ferro e Aço | 5,8 | 4,0 | 9,0 |
| Cerâmica | 3,2 | 2,7 | 3,0 |
| Impressão | 3,1 | 1,8 | 1,0 |
| Móveis e construção | 2,7 | 2,7 | 1,0 |
| Gasolina | 2,4 | 5,6 | 2,0 |
| Máquinas e Equipamentos | 1,3 | 1,0 | 4,0 |
| Outros | 1,5 | 1,4 | 11,0 |
| Total | 100,0 | 100,0 | 100,0 |

Fonte: KIM, KYK, 1975: 96

Em 1930, o setor mais importante em termos de valor de produção foi o de alimentos processados (57,8 por cento do total da produção industrial). Quase uma década depois, em 1939, a indústria química tinha maior participação, com 34 por cento. Essas mudanças indicam que a importância das indústrias modificou-se durante o período. O desenvolvimento das indústrias que eram relacionadas com a guerra, tais como a química e a metalúrgica, nos anos de 1930, contribuiu para essa mudança na estrutura de participação

econômica nos ramos de atividade (KANG, 1973: 82 - 83). Foram destinadas do Japão à Coréia um montante de bens de capital necessários para o desenvolvimento da economia nos anos de 1930, parte significativa era para o uso de indústrias relativas à guerra (KANG, 1973: 85).

No final dos anos de 1930, cada vez mais a agricultura foi colocada de lado em favor da industrialização e do desenvolvimento de recursos minerais e de energia em razão da mudança na atitude sobre restringir a competição na Coréia para a indústria japonesa, do desejo do governo japonês na Coréia competir com o desenvolvimento da Manchúria e, principalmente, das necessidades da economia de guerra para o Japão (BRUDNOY, 1970: 183). A extração de minério para envio ao Japão foi uma das atividades aonde a ênfase inicial foi mudada, devido às necessidades imediatas de guerra. O governo do Japão encorajou essas atividades extrativas de desenvolvimento da mineração oferecendo incentivos às empresas japonesas, tais como isenção fiscal, subsídios e garantias contra perdas. O desenvolvimento industrial foi realizado pelo governo juntamente com os planos dos *zaibatsu*, especialmente Mitsui, Mitsubishi, Sumitomo e Noguchi. Após 1937, o controle japonês não só político mas também econômico na Coréia era quase completo, e todas as fases da economia estavam fundidas nos planos de guerra japonês (BRUDNOY, 1970: 183 - 184).

Depois de consolidar até meados de 1937 o desenvolvimento industrial na Coréia, o Japão começou a se preparar efetivamente para a guerra. A economia coreana tornou-se regulada pelo Plano de Mobilização de Recursos do Japão-Coréia-Manchúria, centrado no Japão. O programa para o desenvolvimento da indústria coreana foi implantado pelo Escritório de Planejamento Japonês (Japanese Planning Board); a Lei de Mobilização Nacional do Japão incluía a Coréia e impôs condições de mobilização de tempos de guerra (KIM, KYK, 1975: 97-98).

Após 1937, início de mais uma guerra Sino-Japonesa, houve a conversão de instalações industriais civis para fins militares, havendo o investimento em indústrias pesadas para

transformar a Coreia como uma base logística de guerra (KIM, K.S., 1973: 105 e PEATTIE, 1988: 258).

A economia coreana aumentou sua contribuição na produção de bens de guerra, assim como continuou a ser um fornecedor de alimentos para o Japão e aos outros países ocupados por ele. O desenvolvimento do transporte e de instalações de comunicações tomou um caráter militar mais pronunciado. Novas linhas ferroviárias foram construídas assim como a duplicação de algumas delas, também outros tipos de serviços de transporte terrestre, aéreo e marítimo foram ampliados com o objetivo de transportar tropas e bens para a guerra. A preparação para uma guerra de grande escala no continente e a possibilidade de conflitos econômicos com os Estados Unidos tornou necessário o uso mais intensivo de recursos coreanos e a instalação de empresas produzindo quase que exclusivamente para o exército japonês (GRAJDANZEV, 1941: 514; KIM, KYK, 1975: 98).

Tabela 4.5: Empresas de capital coreano e japonês na Coreia em 1938

| | Número de empresas | | Participação no capital | | |
|---------------------------------|--------------------|-----------|-------------------------|-----------|-------|
| | | | % | % | % |
| | Coreanas | Japonesas | Coreanas | Japonesas | Total |
| Bancos | 3 | 6 | 7,7 | 92,3 | 100,0 |
| Outras instituições financeiras | 94 | 70 | 30,5 | 69,5 | 100,0 |
| Seguros | 1 | 1 | 9,1 | 90,9 | 100,0 |
| Indústria | 740 | 804 | 26,2 | 73,8 | 100,0 |
| Comércio externo | 846 | 1050 | 12,3 | 87,7 | 100,0 |
| Estações elétricas | - | 16 | - | 100,0 | 100,0 |
| Agricultura e floresta | 86 | 179 | 20,7 | 79,3 | 100,0 |
| Pesca | 27 | 69 | 6,3 | 93,7 | 100,0 |
| Mineração | 29 | 121 | 6,8 | 93,2 | 100,0 |
| Transporte | 258 | 274 | 7,5 | 92,5 | 100,0 |
| Imobiliária | 75 | 141 | 40,6 | 59,4 | 100,0 |
| Outros | 119 | 405 | 14,9 | 85,1 | 100,0 |
| Total | 2278 | 3136 | 11,3 | 88,7 | 100,0 |

Fonte: GRAJDANZEV, 1941: 516

Os dados acima não incluem capitais das empresas do governo que deveriam ser consideradas como japonesas e, mesmo assim, é notável a preponderância econômica

japonesa na Coréia. Em termos de investimentos de capital, quase 89 % das empresas da Coréia estavam em mãos do japoneses.

Tabela 4.6: Proporção da auto-suficiência coreana em produtos industrializados

| Produtos | Auto-suficiência em 1941 |
|----------------------------|--------------------------|
| | % |
| Têxteis | 55,9 |
| Metais | 59,5 |
| Máquinas | 24,7 |
| Cerâmica | 68,1 |
| Químicos | 82,8 |
| Madeira | 76,1 |
| Impressão | 7,8 |
| Processamento de alimentos | 95,1 |
| Gás, eletricidade | 72,2 |
| Outros | 72,7 |

Fonte: JUHN (1973: 121)

Com o início da Segunda Guerra Mundial no final de 1941, a Coréia tinha sido transformada numa parte importante da estrutura econômica japonesa. Nesse ano, a produção de bens químicos foi direcionada para o uso na produção de armamentos, ao invés de fertilizantes, e rodovias estavam sendo construídas para uso militar (BRUDNOY, 1970: 188).

Ao término da Segunda Guerra Mundial, os investimentos japoneses, conforme apresentado na tabela 2.2 do Capítulo II, em termos de ativos na Coréia totalizavam US\$ 5.246.495.036, o que correspondia a 23,98 por cento do total do estoque dos ativos externos japoneses em agosto de 1945.

Da soma dos ativos japoneses na Coréia, 19,03 por cento (US\$ 998.226.680) pertenciam ao governo, 67,55 por cento (US\$ 3.544.068.356) pertenciam às corporações e 13,42 por cento (US\$ 704.200.000) pertenciam a indivíduos, segundo a classificação por tipo de propriedade (UNITED STATES OF AMERICA, 1948: 35).

A tabela 4.7 abaixo apresenta o estoque dos ativos por indústria das empresas japonesas instaladas na Coreia. Considerando esses ativos, as indústrias com maiores participações eram, por ordem, a de eletricidade e gás (17,38 por cento) a carvão, minério e minerais (16,38 por cento), química (15,61 por cento), de ferro e aço (9,53 por cento).

Tabela 4.7: Participação industrial dos ativos na Coreia em 1945

| Indústria | US\$ | Participação % |
|-----------------------------------|---------------|-------------------|
| Agricultura | 117.342.543 | 3,51 |
| Cimento e cerâmica | 28.636.293 | 0,86 |
| Química | 521.745.845 | 15,61 |
| Carvão, minério e minerais | 547.369.019 | 16,38 |
| Comunicação e impressão | 5.475.159 | 0,16 |
| Construção civil | 7.406.692 | 0,22 |
| Finanças e seguros | 26.153.000 | 0,78 |
| Pesca | 19.199.311 | 0,57 |
| Alimento industrializado | 64.740.520 | 1,94 |
| Florestal e madeireira | 70.116.646 | 2,10 |
| Ferro e aço | 318.341.438 | 9,53 |
| Desenvolvimento fundiário | 36.033.167 | 1,08 |
| Equipamentos mecânicos e máquinas | 128.835.697 | 3,86 |
| Metais pesados | 47.892.529 | 1,43 |
| Metais leves | 148.555.188 | 4,45 |
| Diversos | 86.287.577 | 2,58 |
| Papel | 27.719.608 | 0,83 |
| Petróleo e borracha | 60.893.164 | 1,82 |
| Têxteis | 183.964.452 | 5,51 |
| Comércio | 103.334.331 | 3,09 |
| Transporte e armazéns | 210.528.659 | 6,30 |
| Eletricidade e gás | 580.797.518 | 17,38 |
| Subtotal de 1500 empresas | 3.341.368.356 | 100,00 |
| 3800 empresas menores | 118.500.000 | |
| Outros ativos diversos | 84.200.000 | |
| Total | 3.544.068.356 | |

Observações:

(a) estoque dos ativos externos japoneses em valores de agosto de 1945 em dólares americanos;

(b) as 3.800 empresas menores e os outros ativos diversos não foram considerados para classificá-los por indústrias

Fonte: UNITED STATES OF AMERICA (1948: 36)

O estoque dos ativos japoneses sob o controle das corporações, classificado segundo o seu tamanho, é apresentado na tabela 4.8 a seguir. Conforme os dados, as quinhentas maiores empresas detinham quase noventa por cento dos ativos.

**Tabela 4.8: Estoque de ativos e participação segundo tamanho das empresas
Coréia em 1945**

| Tamanho de empresas | US\$ | Participação % |
|-------------------------|---------------|-------------------|
| 500 maiores empresas | 3.162.781.356 | 89,2 |
| 500 médias empresas | 123.062.000 | 3,5 |
| 500 pequenas empresas | 55.525.000 | 1,6 |
| Outras empresas menores | 118.500.000 | 3,3 |
| Outros ativos diversos | 84.200.000 | 2,4 |
| Total | 3.544.068.356 | 100,0 |

Observações: estoque dos ativos externos japoneses a valores de agosto de 1945 em dólares americanos.

Fonte: UNITED STATES OF AMERICA (1948: 37)

Quanto à distribuição por categorias gerais por tamanho de empresas, que é mostrada pela tabela 4.9, a seguir, cerca de um terço do total das corporações eram ativos imóveis e pouco mais que um quarto representavam ativos móveis. Dentre os três tamanhos de empresas, observa-se que quanto maior o tamanho das empresas, a proporção dos ativos imóveis aumentava e a dos ativos móveis diminuía.

**Tabela 4.9: Ativos japoneses na Coréia em 1945
Distribuição por categorias gerais por tamanho de empresas**

| Tamanho de empresas | Imóveis % | Móveis % | Outros (intangíveis) % | Total % |
|-------------------------|--------------|-------------|------------------------------|------------|
| 500 maiores empresas | 69,1 | 23,4 | 7,5 | 100,0 |
| 500 médias empresas | 58,3 | 34,3 | 7,4 | 100,0 |
| 500 pequenas empresas | 48,4 | 44,2 | 7,4 | 100,0 |
| Outras empresas menores | 55,0 | 36,0 | 9,0 | 100,0 |
| Total de Corporações | 66,5 | 25,4 | 8,1 | 100,0 |

Observações: estoque dos ativos externos japoneses a valores de agosto de 1945 em dólares americanos

Fonte: UNITED STATES OF AMERICA (1948: 37)

CAPÍTULO V - INVESTIMENTOS JAPONESES NA MANCHÚRIA: EM DIREÇÃO A UMA ECONOMIA PLANIFICADA

Introdução

Os investimentos das empresas japonesas na Manchúria foram apoiados pelo governo japonês, em cuja promoção combinava os objetivos econômicos com os políticos (RAWSKI, 1989: 83; REMER, 1933: 113).

As fases do envolvimento dos japoneses na Manchúria podem ser divididas em três. A primeira, iniciou-se com a assinatura do Tratado de Shimonoseki em 1895, estendendo-se até a conclusão da Guerra Russo-Japonesa, a segunda, de 1905 até a ocupação da Manchúria em 1931 e a terceira de 1931 até o final da Segunda Guerra Mundial (HOWE, 1987: 156).

5.1. Os acidentes históricos e os investimentos japoneses

O Tratado de Shimonoseki foi firmado em 1895 entre o Japão e a China. Após a Guerra os japoneses ganharam o direito de realizar investimentos diretos e obter privilégios comerciais na China, tal como foi anteriormente analisado no capítulo concernente à China. Em consequência, houve a ampliação, entre 1895 e 1904, da atividade econômica japonesa na Manchúria, na forma de investimentos na indústria, no comércio, em bancos e em transporte (HOWE, 1996: 370).

A ampliação da esfera de influência política dos japoneses iniciada com o Tratado de Shimonoseki, com a aquisição direitos políticos e econômicos nessa área do território chinês, motivou a expansão das atividades econômicas das empresas e do governo japonês. A transformação dessa área em um Estado em 1933, chamado de Manchukuo, independente da China mas sob o domínio político japonês, trouxe como consequência a ampliação dos investimentos japoneses (YOUNG, 1996: 71).

Anteriormente àquela cessão de direitos e privilégios econômicos aos japoneses através do Tratado de Shimonoseki, os russos já tinham seus interesses econômicos instalados na Manchúria. Como essa região, principalmente a Península de Liaotung (Kwantung), era

importante para assegurar o domínio sobre a Coreia, os japoneses foram à guerra com a Rússia em 1904 (HOWE, 1987: 158; YOUNG, 1998: 24).

Após a Guerra Russo Japonesa (1904-1905), houve o Tratado de Paz de Portsmouth, firmado em 1905. Entre outros itens, estabelecia que todos os direitos e privilégios que a Rússia tinha no sul da Manchúria, que incluíam a cessão da Península de Liaotung (Kwantung) e a aquisição da parte sul da Chinese Eastern Railway, construída pelos russos, e áreas adjacentes a essa linha ferroviária deveriam ser transferidos ao Japão. Dessa forma, a guerra e o tratado trouxeram uma substancial transferência de investimentos russos para os japoneses (HOWE, 1996: 369; YOUNG, 1998: 3, 25).

A transferência dos russos aos japoneses dos territórios de Kwantung (Liaotung) e a ferrovia do sul da Manchúria e áreas adjacentes a ela em 1905, facilitariam a penetração comercial na China, que fornecia ao Japão bens agrícolas e matérias-primas para as suas indústrias (DUUS, 1988: 26).

Entre 1905 e a Primeira Guerra Mundial, a expansão econômica japonesa intensificou-se na Manchúria. Minas e ferrovias foram os principais ramos de atividade em que houve investimentos diretos (HOWE, 1996: 372).

Houve o desenvolvimento de um setor industrial moderno através do investimento da empresa Mantetsu, ligada à South Manchuria Railway²¹, cujo controle estava em mãos do governo japonês e das empresas japonesas, principalmente dos *zaibatsu* (DUUS, 1996: xxxiii).

Capitais japoneses foram investidos em empresas, além da South Manchuria Railway, sendo que os investimentos diretos em diversos ramos de atividade foram apoiados pelos bancos e pelas *sogo shosha*. Havia uma diversificação nos ramos de atividades das empresas japonesas que investiram na Manchúria: em 1906 foram instaladas fábricas de

²¹ Na seção 5.3 deste capítulo haverá um análise específica da South Manchuria Railway, devido à sua importância nos investimentos japoneses na Manchúria.

óleo vegetal e farelo da soja, moinhos, indústria de fumo, fábricas de fósforos, fiação de lã, indústrias essas que ainda permaneceram pelo menos até meados dos anos de 1930. Por exemplo, a Okura diversificou seus investimentos em ramos de atividades, que incluíram, entre outros o comércio externo, indústria pesada, mineração, metalurgia, madeira, armazéns, agricultura e minério de ferro. A Mitsui chegou à Manchúria em 1906, investindo também em diversos setores tais como celulose, complexo da soja e comércio externo. Pequenas firmas japonesas também investiram para servir a essas grandes empresas. (BEASLEY, 1987: 139; HOU, 1965: 84-85; HOWE, 1996: 372; REMER, 1933: 499-500).

Entre 1895 e 1911, 57 fábricas japonesas de diferentes atividades econômicas se instalaram na Manchúria. Em 1913, o número dessas grandes fábricas instaladas na Manchúria aumentou para 72, além dos investimentos realizados pelas *zaibatsu*, tais como da Okura, Mitsui e Mitsubishi (BIX, 1972: 436).

A seguir é mostrada a tabela 5.1, com dados dos investimentos diretos japoneses, divididos por região geográfica (Manchúria e restante da China) e separando os investimentos da South Manchuria Railway das outras empresas por ramo de atividade em 1914. Do total dos investimentos japoneses na China, 68,88 por cento (265.196 mil ienes) encontravam-se na Manchúria enquanto 31,12 por cento (119.823 ienes) localizavam-se em outras regiões. Em 1914, na Manchúria, o ramo de atividade com a maior participação era o de transportes, seguido da mineração.

**Tabela 5.1: Investimentos diretos japoneses na China
por atividade, região e empresa em 1914**

| Ramo de atividade | Manchúria | SMR | Outras empresas | Restante da China | Total |
|-----------------------|-----------|---------|--------------------|----------------------|---------|
| Transportes | 128.564 | 126.432 | 2.132 | 8.100 | 136.664 |
| Serviços Públicos | 6.840 | 6.804 | 36 | 0 | 6.840 |
| Mineração | 58.261 | 58.261 | 0 | 0 | 58.261 |
| Manufaturas | 7.414 | 0 | 7.414 | 13.761 | 21.175 |
| Bancos e Finanças | 7.350 | 0 | 7.350 | 5.300 | 12.650 |
| Imóveis (Real Estate) | 16.967 | 16.631 | 336 | 0 | 16.967 |
| Comércio exterior | 10.000 | 0 | 10.000 | 75.162 | 85.162 |
| Outros | 29.800 | 2.000 | 27.800 | 17.500 | 47.300 |
| Total | 265.196 | 210.128 | 55.068 | 119.823 | 385.019 |

Observação: South Manchuria Railway (SMR) + Outras empresas = Manchúria; em mil ienes

Fonte: REMER (1933: 430 - 431)

Continuaram os investimentos na Manchúria entre 1914 e 1930 uma vez que havia uma grande disponibilidade de capital japonês para investimentos externos no período. Os investimentos em linhas ferroviárias da South Manchuria Railway não aumentaram. Porém, elevaram-se os investimentos dessa empresa em outros ramos de atividade (BEASLEY, 1987: 139).

Desde a sua modernização, ocorrida no final do século XIX, o Japão era dependente de matérias-primas. As destinadas à indústria pesada eram consideradas de importância estratégica de forma que era necessário que o fornecimento fosse garantido, implicando que os investimentos japoneses foram incentivados nos ramos de transportes e mineração, extração de petróleo, carvão e ferro uma vez que um grande volume desses produtos minerais era importado da Manchúria pelo Japão entre 1929 e 1940 (BEASLEY, 1987: 210 - 212).

Com o Tratado Sino-Japonês de 1915 houve um grande fluxo de empresas japonesas à Manchúria. Esse tratado deu aos empresários japoneses um tratamento igual aos chineses para viagens, residência e para a maioria das atividades econômicas na Manchúria. O número de empresas japonesas saltou de 124 em 1915 para 914 em 1925, incluindo-se nesse último número a Mantetsu e suas subsidiárias (Bix, 1972: 437).

Durante a Primeira Guerra Mundial, houve um aumento dos investimentos japoneses, continuando a expandir a sua esfera de influência na Manchúria, sendo que nos anos iniciais da década de 1920, a maioria das indústrias leves da Manchúria, tais como a indústria de processamento de soja, estava em mãos dos japoneses, assim como houve a expansão econômica japonesa não somente no setor industrial mas também no financeiro e no comercial. Em 1915, o Japão conseguiu um prolongamento na cessão de Liaotung e da linha ferroviária da Mantetsu por mais 99 anos, que terminaria inicialmente nos respectivos anos de 1923 e de 1938 (BIX, 1972: 442; HOWE, 1996: 377 – 378; MYERS, 1989: 126-127).

A participação por atividade dos investimentos diretos japoneses na Manchúria em 1931 é apresentada na tabela 5.2, abaixo, sendo que as maiores participações continuaram a ser, tal como em 1914, o setor de transportes (35,4 por cento) e a mineração (13,3 por cento).

**Tabela 5.2: Investimentos diretos japoneses na Manchúria
participação por atividade em 1931**

| Ramo de atividade | Participação % |
|-------------------|-------------------|
| Transportes | 35,4 |
| Serviços Públicos | 2,8 |
| Mineração | 15,0 |
| Manufaturas | 8,9 |
| Bancos e Finanças | 7,5 |
| Imóveis | 13,3 |
| Comércio exterior | 10,7 |
| Outros | 6,4 |
| Total | 100,0 |

Fonte: REMER (1933: 506)

A extensão e diversificação das atividades das empresas japonesas na Manchúria relacionava-se com a política de modernização econômica, de desenvolvimento dos recursos e de exportações de matérias-primas ao Japão ditada pelo governo japonês na Manchúria (DUUS, MYERS, PEATTIE (eds.), 1989: 8).

O avanço econômico na Manchúria durante os anos de 1920, teve como motivação principal a possibilidade de guerra e, portanto, a necessidade por recursos e tecnologia para

o esforço de guerra. Em 1925, grandes empresas, tais como a Mitsubishi, Sumitomo, Okura e Nissan tinham um estoque significativo de investimentos, tanto que no ano seguinte, o investimento direto japonês na Manchúria ultrapassava os realizados no restante da China, Coréia ou Taiwan (HOWE, 1987: 158-159; HOWE, 1996: 393 – 395).

Do total dos investimentos japoneses na China, incluindo Manchúria, em 1930, 76,9 por cento eram investimentos diretos realizados pelas empresas, os outros 23,1 por cento pelo governo. Vale destacar que a South Manchuria Railway Company e suas subsidiárias detinham mais que 60 por cento dos investimentos diretos na Manchúria (REMER, 1933: 470 - 471).

Os japoneses aumentavam cada vez mais o poder de direcionamento da política econômica na Manchúria, concentrando-se no desenvolvimento industrial, no prolongamento da rede ferroviária e no desenvolvimento do comércio e dos serviços públicos, ao invés da agricultura (CHAO, 1982: 13).

A estrutura econômica da região modificou-se rapidamente, como é mostrado na tabela 5.3, abaixo, com as participações dos setores agrícola, industrial e de serviços no PIB.

Tabela 5.3: Participação setorial do Produto Interno Bruto da Manchúria

| Setor | 1924 | 1929 | 1934 | 1941 |
|------------|------|------|------|------|
| Agrícola | 49,7 | 50,7 | 36,2 | 33,9 |
| Industrial | 14,7 | 12,9 | 19,8 | 20,3 |
| Serviços | 35,6 | 36,4 | 44,0 | 45,8 |

Fonte: CHAO (1982: 16)

Entre 1929 e 1941, o Produto Interno Bruto cresceu cerca de 4 por cento ao ano, e 1,8 por cento *per capita* ao ano. O programa de industrialização teve sucesso uma vez que a participação do setor industrial no produto aumentou de 12,9 por cento para 20,3 por cento, respectivamente, em 1920 e em 1941. São taxas significativas considerando que foram anos durante e após a Grande Depressão, (CHAO, 1982: 14; HOWE, 1996: 403).

O setor industrial se expandiu lentamente nos anos de 1920, mas foi o setor mais dinâmico

nos anos de 1930, especialmente a partir da metade dos anos de 1930, quando o programa de industrialização de Manchukuo se encontrava no seu ápice (CHAO, 1982: 15).

Tabela 5.4: Crescimento do PIB entre 1924 e 1941, taxas médias anuais (%)

| Setor | 1924-29 | 1929-34 | 1924-34 | 1929-36 | 1924-36 | 1936-41 | 1924-41 |
|-----------------------------------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|
| A | 5,3 | -8,5 | -1,8 | 0,9 | 1,6 | 2,4 | 1,9 |
| M | 3,1 | 5,8 | 4,3 | 5,5 | 4,4 | 9,9 | 6,0 |
| S | 5,1 | 2,1 | 3,3 | 2,6 | 3,6 | 10,5 | 5,6 |
| A+M | 4,8 | -4,5 | -0,07 | -0,7 | 2,4 | 4,9 | 3,1 |
| Transportes + Comércio Externo | 5,8 | 3,1 | 4,4 | 3,3 | 4,2 | 7,8 | 5,3 |
| PIB total | 4,9 | -2,0 | 1,3 | 1,4 | 2,8 | 7,3 | 4,2 |

Observação:

A = agricultura, extração florestal e pesca

M = mineração, manufatura, serviços públicos e construção

S = todas as demais atividades econômicas

Fonte: ECKSTEIN, A.; CHAO, KANG & CHANG, J. (1974: 253).

O desenvolvimento econômico da Manchúria é mostrado na tabela 5.5, abaixo. Vemos uma evolução, analisando as taxas de crescimento anuais. A produção industrial cresceu a taxas consideráveis (12,0 por cento ao ano) no período.

Tabela 5.5: Indicadores de desenvolvimento econômico da Manchúria

| Indicador | Período | Taxa média anual % |
|---------------------------------|-----------|-----------------------|
| População ²² | 1887-1930 | 5,6 |
| Área cultivada | 1887-1930 | 4,8 |
| Produção industrial em Kwantung | 1910-1929 | 12,0 |
| Comércio externo | 1899-1929 | 6,6 |
| Exportações de soja em grãos | 1909-1929 | 4,5 |

Fonte: HOWE (1996: 396)

Nos anos finais da Primeira Guerra Mundial, a Manchúria ocupava uma posição periférica dentro da expansão territorial japonesa, pois não era nem uma área extremamente estratégica nem um local onde houvera grandes inovações em administração de territórios ocupados no exterior. Entretanto, isso modificou-se a partir de 1931, quando os japoneses

²² A taxa média anual de crescimento da população está superestimada em função da incorporação de novas áreas consideradas como Manchúria entre 1887 e 1930.

focaram as suas energias na construção de um novo Estado na Manchúria. Isso foi um ponto de inflexão na expansão territorial japonesa, quando esse Estado tornou-se o “centro” do seu império (MYERS, 1989: 132; MYERS, 1996: 136; YOUNG, 1998: 4).

Até 1931, o padrão de desenvolvimento dos territórios ocupados pelos japoneses era o mesmo adotado pelas potências ocidentais, onde havia a evolução de um setor econômico moderno e pequeno ao lado de um setor tradicional baseado em atividades do setor primário como a agricultura, para servir de fonte de recursos de matérias-primas assim como mercado para a metrópole. A Manchúria era vista como um mercado para os produtos japoneses e o governo promovia preponderantemente as empresas produtoras de matérias-primas e de bens semi-acabados (MYERS, 1996: 137; RAWSKI, 1975: 216).

Após os anos de 1930, houve a industrialização através de fluxos de capitais principalmente do Japão, sendo que esse foi o principal motor do crescimento da Manchúria até o final da Segunda Guerra Mundial. Entre 1931 e 1945 esse padrão de comércio e de atividade econômica entre o Japão e a Manchúria modificou-se, quando o governo japonês criou um moderno enclave econômico na região, composto de minas, indústrias, rede de transportes e comunicação e serviços. Dentre as indústrias, estabeleceram-se usinas elétricas, mineração, indústrias de processamento de ferro e aço, produção de armamentos e munições, processamento de produtos químicos, produção de cimento, de veículos e de equipamentos diversos e serviços utilizando moderna tecnologia da época (CHAO, 1982: 1; MYERS, 1996: 137-138).

A instalação dessas novas indústrias representou a integração do mercado de fatores e do mercado de produtos entre o Japão, Manchukuo e o norte da China com o intuito de produzir e distribuir matérias-primas, produtos intermediários e bens finais para a industrialização e a guerra (MYERS, 1996: 138).

Após décadas de concentração em indústrias de exportação baseadas na extração de recursos naturais e matérias-primas, o Japão promoveu a criação de um setor produtivo integrado durante o final da década de 1930. Inicialmente, o setor produtivo da Manchúria

estava intimamente ligado à economia japonesa, mas por volta de 1938 as condições de guerra alteraram os objetivos no sentido de desenvolver a economia local e ter auto-suficiência militar (RAWSKI, 1975: 204, 218).

5.2. Investimentos com a constituição de um Estado

Em 1933, o Japão estabeleceu um Estado independente, chamado de Manchukuo, na Manchúria, que era parte da China, sendo que os japoneses passaram a ter controle direto onde tinham uma esfera de influência (DUUS, 1988: 7; HOWE, 1996: 396).

Antes de 1932, a atividade dos japoneses estava confinada geograficamente ao território de Kwantung e à zona ferroviária na Manchúria do sul. O instrumento para a penetração econômica até então era a South Manchuria Railway Company, empresa que inicialmente administrava a ferrovia e que operava o carregamento de soja e seus derivados, e que posteriormente expandiu suas atividades para outros setores. Entretanto, com a criação de Manchukuo, as medidas econômicas foram modificadas, tanto para a política econômica interna à Manchúria, quanto como no relacionamento econômico entre esse Estado e o Japão. Entre essas formas, destacavam-se o desenvolvimento de uma economia planificada e o capitalismo estatal, a necessidade da expansão econômica de Manchukuo para o crescimento da economia japonesa e a integração econômica dos dois países (YOUNG, 1998: 183).

A tabela 5.6 mostra o fluxo de investimento das maiores empresas privadas do Japão a Manchukuo.

Tabela 5.6: Fluxo de investimento privado do Japão a Manchukuo
milhões de ienes nominais

| Ano | Mitsui | Mitsubishi | Sumitomo | Okura | Total geral |
|----------|--------|------------|----------|--------|-------------|
| Até 1925 | 10,143 | 3,362 | 5,237 | 84,980 | 112,264 |
| 1932 | 2,150 | 2,150 | 2,150 | - | 6,450 |
| 1933 | 0,250 | - | 1,950 | - | 20,225 |
| 1934 | 23,090 | 6,587 | 31,050 | 0,540 | 84,842 |
| 1935 | 10,350 | 20,000 | - | 11,000 | 61,332 |
| 1936 | 35,478 | 15,915 | 3,800 | 3,000 | 107,973 |
| 1937 | 24,980 | 14,234 | 3,250 | 12,250 | 111,364 |
| 1938 | 13,600 | 3,950 | 3,150 | 12,250 | 105,600 |
| 1939 | 35,600 | - | - | 70,000 | 215,950 |
| 1940 | 0,108 | 5,550 | - | - | 28,108 |
| 1941 | 0,195 | - | - | 6,019 | 66,214 |

Fonte: HOWE (1996: 400)

A diretriz japonesa para Manchukuo era torná-lo um Estado com uma economia controlada, cujo desenvolvimento econômico se daria através de planejamento econômico e capitalismo estatal. Se inseria em Manchukuo uma política industrial, com o desenvolvimento da indústria pesada que se daria em etapas de acordo com um plano bem ordenado. O projeto envolvia a integração de duas economias, ligando o desenvolvimento da Manchúria a metas da produção japonesas através da criação de um bloco econômico Japão-Manchúria. A expansão econômica de Manchukuo tornou-se uma condição necessária para a política econômica interna do Japão, ajudando a sua economia, que estava estagnada. O desenvolvimento da infra-estrutura e indústria em grande escala da Manchúria foi financiado por fundos públicos e privados japoneses, enquanto um salto nas exportações japonesas destinadas à Manchúria auxiliou o Japão no aquecimento de sua atividade econômica, dando um dinamismo nas suas plantas industriais, que estavam com capacidade ociosa na época. Finalmente, a integração das duas economias, denominado “bloco econômico Japão-Manchúria” comprometia ambas as economias a uma estratégia de dependência mútua (MYERS, 1996: 136, 144; RAWSKI, 1989: 68; YOUNG, 1996: 80, 83 e 85; YOUNG, 1998: 4, 183, 200).

Houve uma política de investimentos, dentro do planejamento econômico do governo de Manchukuo, para desenvolver as indústrias extrativa, metalúrgica e pesada. As indústrias com tecnologia mais avançada para a época foram estabelecidas na Manchúria. Entre os produtos produzidos por essas indústrias incluíam-se produtos químicos, carros, aviões, todos essenciais em caso de guerra com a Rússia ou com os Estados Unidos. Também continuaram a ser produzidos bens que essencialmente eram matérias-primas necessárias para a indústria bélica tal como o carvão, o aço e a magnetita (HOWE, 1996: 400; YOUNG, 1996: 85).

Com o novo Estado, houve uma perda da Mantetsu (South Manchuria Railway) na sua função política e de desenvolvimento. No seu lugar foram criados novos órgãos para acelerar o crescimento econômico, incluindo uma série de companhias de desenvolvimento especializadas, por exemplo, para o ferro e o aço, para montagem de automóveis, para mineração (MYERS, 1996: 146; HOWE, 1987: 161).

O governo japonês, que controlava Manchukuo, criou um sistema econômico em que o capital das empresas privadas foi encorajado a ser investido, de forma a ser atraído para Manchukuo. O governo de Manchukuo mobilizou tanto os recursos financeiros quanto os materiais e os direcionou para determinadas indústrias, preponderantemente para satisfazer as necessidades militares. Os recursos de capital vieram do Japão para promover uma “industrialização forçada” e não através da transferência do setor agrícola tradicional para o setor industrial moderno. O governo investiu intensamente em vários setores, principalmente nas empresas especializadas, e utilizou o seu poder para fazer valer as suas diretrizes e regulamentos, tais como a isenção de impostos a empresas (NAKAGANE, 1989: 156-157).

Com o aumento das hostilidades na China, houve uma política em desenvolver ainda mais a capacidade da produção da indústria pesada no Japão, especialmente a de ferro e a de aço. Com esse intento, uma nova empresa, a Manchuria Heavy Industries Development Company (conhecida como Mangyo), foi formada em 1937 para organizar esse

desenvolvimento (MYERS, 1996: 153; HOWE, 1987: 161; NAKAGANE, 1989: 143; YOUNG, 1998: 217).

A Mangyo tinha diversas subsidiárias que foram vitais para a industrialização pesada de Manchukuo, tais como empresas mineradoras de carvão, aço, ferro, metais leves, construção de aviões, construção de carros, máquinas pesadas e equipamentos (NAKAGANE, 1989: 143-144). A Mangyo substituiu a Mantetsu como força motora para a industrialização. Na sua constituição, 50 por cento do capital era do governo e 50 por cento do setor privado. Algumas subsidiárias da Mantetsu foram transferidas para a Mangyo e em junho de 1945, essa última controlava quarenta empresas (NAKAGANE, 1989: 148).

Entre 1932 e 1941, houve um fluxo grande de capital do Japão à Manchúria. Durante a primeira metade dos anos da década de 1930, o período de construção econômica de Manchukuo, o investimento japonês teve como característica a concentração em atividades econômicas sob o controle estatal. Dos 1,2 bilhões de ienes investidos entre 1932 e 1936, mais que 77 por cento foi canalizado através da Mantetsu e do governo de Manchukuo (YOUNG, 1998: 213).

Dentre as consequências positivas do desenvolvimento da Manchúria para o Japão foi a de prover uma importante fonte de demanda para a indústria pesada japonesa. Outra consequência foi que a experiência de controle estatal das indústrias na Manchúria resultou em idéias sobre planejamento indicativo industrial, que foi importante para a estratégia de desenvolvimento do Japão pós-guerra (HOWE, 1987: 170).

Outro legado deixado pelos investimentos japoneses foi na Península de Liaotung, que se localiza na Manchúria, que atingiu a primeira industrialização do Leste Asiático fora do próprio Japão (HOWE, 1987: 171).

A experiência com Manchukuo guiou o Japão no período posterior a 1937 até o final da Segunda Guerra Mundial. A formação de uma unidade industrial e comercial formada com o bloco econômico Japão-Manchúria foi estendida, inicialmente para incluir o norte da

China, depois o resto da China, e finalmente o Sudeste Asiático num bloco econômico do iene, auto-suficiente. As lições de gestão econômica aprendidos em Manchukuo, incluindo unificação monetária, metas de produção, empresas mistas de desenvolvimento e outros instrumentos de controle pelo Estado, foram aplicadas tanto na Coreia quanto em Taiwan (YOUNG, 1998: 50).

No término da Segunda Guerra Mundial, os ativos japoneses na Manchúria totalizavam US\$ 8.629.628.939, representando 39,44 por cento do total do estoque dos ativos externos japoneses em agosto de 1945 e segundo a classificação por tipo de propriedade, 2,53 por cento (US\$ 218.300.000) pertenciam ao governo, 84,00 por cento (US\$ 7.248.133.939) pertenciam às corporações e 13,47 por cento (US\$ 1.163.249.000) pertenciam a indivíduos tal como mostrado na tabela 2.2 do Capítulo II.

As quinhentas maiores empresas detinham quase noventa por cento dos ativos japoneses sob o controle das corporações conforme os dados da tabela 5.7 a seguir.

Tabela 5.7: Estoque de ativos e participação segundo tamanho das empresas Manchúria em 1945

| Tamanho de empresas | US\$ | Participação % |
|-------------------------|---------------|-------------------|
| 500 maiores empresas | 6.528.177.940 | 90,0 |
| 750 médias empresas | 343.815.053 | 4,7 |
| 750 pequenas empresas | 106.140.946 | 1,4 |
| Outras empresas menores | 150.000.000 | 2,1 |
| Outros ativos diversos | 120.000.000 | 1,8 |
| Total | 7.248.133.939 | 100,0 |

Observações: estoque dos ativos externos japoneses a valores de agosto de 1945 em dólares americanos.

Fonte: UNITED STATES OF AMERICA (1948a: 2)

A tabela 5.8 apresenta o estoque dos ativos por indústria das empresas japonesas instaladas na Manchúria. Considerando esses ativos, as indústrias com maiores participações eram, por ordem, transporte e armazéns (35,66 por cento), ferro e aço (10,31 por cento), eletricidade e gás (7,30 por cento), comércio (5,54 por cento).

Tabela 5.8: Participação industrial dos ativos na Manchúria em 1945

| Indústria | US\$ | Participação % |
|-----------------------------------|---------------|-------------------|
| Agricultura | 81.311.442 | 1,17 |
| Cimento e cerâmica | 79.769.375 | 1,14 |
| Química | 236.010.317 | 3,38 |
| Carvão, minério e minerais | 305.524.324 | 4,38 |
| Comunicação e impressão | 146.378.257 | 2,10 |
| Construção civil | 92.223.225 | 1,32 |
| Finanças e seguros | 153.850.600 | 2,20 |
| Pesca | 25.134.470 | 0,36 |
| Alimento industrializado | 88.697.505 | 1,27 |
| Florestal e madeireira | 98.646.789 | 1,41 |
| Ferro e aço | 719.151.850 | 10,31 |
| Desenvolvimento fundiário | 241.101.223 | 3,46 |
| Equipamentos mecânicos e máquinas | 331.350.202 | 4,75 |
| Metais pesados | 169.556.585 | 2,43 |
| Metais leves | 142.703.485 | 2,05 |
| Diversos | 270.039.627 | 3,87 |
| Papel | 67.179.680 | 0,96 |
| Petróleo e borracha | 140.630.356 | 2,02 |
| Têxteis | 204.286.846 | 2,93 |
| Comércio | 386.483.719 | 5,54 |
| Transporte e armazéns | 2.488.652.562 | 35,66 |
| Eletricidade e gás | 509.451.500 | 7,30 |
| Sub-total de 2000 empresas | 6.978.133.939 | 100,00 |
| 4300 empresas menores | 150.000.000 | |
| Outros ativos diversos | 120.000.000 | |
| Total | 7.248.133.939 | |

Observações:

(a) estoque dos ativos externos japoneses a valores de agosto de 1945 em dólares americanos;

(b) as 4.300 empresas menores e os outros ativos diversos não foram considerados para classificá-los por indústrias.

Fonte: UNITED STATES OF AMERICA (1948a: 3)

Quanto à distribuição por categorias gerais por tamanho de empresas, que é mostrada pela tabela 5.9, a seguir, pouco mais que três quartos do total das corporações eram ativos imóveis e pouco mais que um quinto representavam ativos móveis.

Tabela 5.9: Ativos japoneses na Manchúria em 1945
Distribuição por categorias gerais por tamanho de empresas

| Tamanho de empresas | Imóveis | Móveis | Outros (intangíveis) | Total |
|-------------------------|---------|--------|-------------------------|-------|
| | % | % | % | % |
| 500 maiores empresas | 77,8 | 18,3 | 3,9 | 100,0 |
| 750 médias empresas | 56,8 | 38,0 | 5,2 | 100,0 |
| 750 pequenas empresas | 67,5 | 28,9 | 3,6 | 100,0 |
| Outras empresas menores | 9,0 | 61,0 | 30,0 | 100,0 |
| Total de Corporações | 75,4 | 20,2 | 4,4 | 100,0 |

Observações: estoque dos ativos externos japoneses a valores de agosto de 1945 em dólares americanos.

Fonte: UNITED STATES OF AMERICA (1948a: 2)

5.3. South Manchuria Railway Company

A South Manchuria Railway Company foi formada em 1906, para explorar economicamente a área chinesa cedida pelo Tratado de Portsmouth, anteriormente de propriedade da Rússia, sendo que houve aporte da capital adicional pelos japoneses, quando de sua aquisição. Deste, 50 por cento vieram do governo japonês e 50 por cento do setor privado, principalmente dos bancos Yokohama Specie Bank, que conduziria os negócios dessa empresa na Manchúria, e do Industrial Bank, que atuava como um canal de empréstimos do Ocidente. Além de administrar e construir ferrovias, essa empresa explorava mineração, serviços públicos, comercialização de produtos, entre outras atividades. Sozinha, a South Manchuria Railway Company era proprietária de 79,2 por cento do investimento na Manchúria em 1914 (BEASLEY, 1963: 135 – 136, 186; CHAO, 1982: 3; HOWE, 1987: 160; HOWE, 1996: 369; MYERS, 1989: 104; RAWSKI, 1989: 68 e REMER, 1933: 89, 427-8, 471 e 477-8).

Por volta de 1910, dada a importância da Manchúria para a economia japonesa e para os seus objetivos políticos, o governo japonês fortaleceu a Mantetsu, que se tornou um instrumento para a política do governo japonês na sua expansão territorial (MYERS, 1989: 126-127).

A South Manchuria Railway Company foi uma das empresas mais lucrativas no período da expansão territorial japonesa: em 1929, por exemplo, ela foi a empresa japonesa que obteve

os maiores lucros líquidos (YOUNG, 1996: 71; YAMAZAKI, 1997: 58). Como veremos adiante, havia uma grande diversificação de suas atividades, o que explica esse resultado.

A seguir, a tabela 5.10 mostra que os investimentos da South Manchuria Railway Company eram diversificados em diferentes ramos de atividade em 1914. Verifica-se que afora a sua principal atividade – de transportes ferroviários – que representava 42,33 por cento dos investimentos, havia uma participação significativa de 25,18 por cento no setor de mineração.

Tabela 5.10: Investimentos da South Manchuria Railway Company em 1914

| Setor | Mil ienes | Participação % |
|---------------------|-----------|-------------------|
| Ferrovias | 97967 | 42,33 |
| Varejo | 6397 | 2,76 |
| Naval | 4892 | 2,11 |
| Portos | 17175 | 7,42 |
| Mineração | 58261 | 25,18 |
| Eletricidade e gás | 6804 | 2,94 |
| Hotéis | 1631 | 0,70 |
| Instituições locais | 4145 | 1,79 |
| Terrenos | 15816 | 6,83 |
| Prédios | 18322 | 7,92 |
| Total | 231410 | 100,00 |

Fonte: REMER (1933: 428)

A South Manchuria Railway Company continuou a ter atividades diversificadas no período a que seguiu a 1914, expandindo-se em ramos, tais como em navegação, hotéis, eletricidade, gás, cerâmica, saneamento, docas, mineração. Em 1925, a Mantetsu já controlava 35 subsidiárias (BIX, 1972: 440; REMER, 1933: 475 - 476).

A Mantetsu possuía linhas ferroviárias que tinham uma extensão de 1129,1 quilômetros e nas áreas adjacentes das linhas localizavam-se 105 cidades em 1931. Era também de sua propriedade e estavam sob sua administração nessas áreas, as escolas, os parques, os edifícios administrativos, os escritórios públicos, os hospitais, os armazéns para estoques, as minas e as fábricas (BEASLEY, 1987: 136, MYERS, 1989: 109-110).

A receita total da Mantetsu em 1923 foi de 185 milhões de ienes, maior que o orçamento da Coréia de 101 milhões de ienes e Taiwan de 100 milhões de ienes para o mesmo ano, o que permite constatar a magnitude dessa empresa (MYERS, 1989: 113).

A principal atividade econômica não ferroviária da Mantetsu foi a de extração e processamento mineral. Entre os investimentos em outras áreas da Mantetsu, figuravam a maior mina de carvão da época, Fushun, e o que se tornaria a maior mina e complexo siderúrgico produtor de ferro e aço da China, Ashan. Investimentos em novas tecnologias de extração de minério de carvão em Fushun aumentaram sua produção anual de 2 milhões de toneladas em 1914 para 7 milhões em 1929. A extração de minério de ferro em Anshan começou em 1915 com grandes injeções de capitais nos anos seguintes (BEASLEY, 1987: 139 HOU, 1965: 77; HOWE, 1987: 160; HOWE, 1996: 372 REMER, 1933: 95).

Vale observar que o direito dos japoneses na mina de ferro de Anshan iniciou-se em 1915 quando o japoneses tiveram o direito sobre a exploração dos minérios no Sul da Manchúria e na Mongólia interior, constituindo uma *joint-venture* sino-japonesa. Todo o minério de ferro extraído tinha que ser vendido para a Fundação Anshan, que fora estabelecida pela South Manchuria Railway Company em 1917 (RAWSKI, 1975: 215; HOU, 1965: 77).

A mina de Anshan produzia 9 por cento de toda a produção de ferro na China entre 1918 e 1923, participação que aumentou para 20 por cento em 1924 e 1927, 31 por cento em 1928 e 1931 e 41 por cento em 1935 e 1937. Quanto à produção de ferro gusa, representava 18 por cento da produção na China em 1919 e 1925, aumentando para 47 por cento em 1926 a 1931 e 60 por cento em 1935 e 1937 (RAWSKI, 1975: 215; HOU, 1965: 77-78).

A fundição e a siderúrgica de Anshan e Fushun eram grandes e modernas. Eram empresas verticalmente integradas, que tinham o seu próprio fornecimento de energia assim como oficinas de reparos, fabricação de máquinas e equipamentos próprios (RAWSKI, 1975: 216).

As atividades ferroviárias da Mantetsu também se expandiram ao longo dos anos. Houve a construção de novas linhas, para o norte por razões geoestratégicas e para o sul com a

abertura de áreas de mineração; a expansão veio pela substituição da administração das ferrovias chinesas em 1933 e da Chinese Eastern Railway, comprada da Rússia em 1935 (PEATIE, 1988: 297; BEASLEY, 1987: 215 - 216).

O governo japonês controlava tanto a atividade principal quanto as atividades de outros ramos em que a South Manchuria Railway Company tinha os seus investimentos. Portanto, foi utilizado como um instrumento de política pelo governo japonês. Como foi analisado anteriormente, a empresa tinha uma diversificação muito grande em vários ramos de atividade e ampliou cada vez mais a influência na economia local com a instalação de subsidiárias e afiliadas, controlando algumas cadeias industriais e atuando como instituição financeira da Manchúria. Como visto, em 1931, o governo japonês, através dessa empresa, controlava 60 por cento dos investimentos japoneses na Manchúria (REMER, 1933: 483 - 485).

Em 1931 na Manchúria, a maior parte da indústria pesada estava sob controle da South Manchuria Railway Company (Mantetsu). Como analisou-se anteriormente, os investimentos dessa empresa incluíam-se não somente as ferrovias mas também minas de carvão e de ferro e aço. Estas serviriam para criar uma base industrial para apoiar as operações num eventual ataque pela Rússia. Estabeleceram-se também empresas sob a supervisão da Mantetsu em que cada um dominava uma área particular de atividade: minério de carvão, geração de eletricidade, petróleo etc (BEASLEY, 1987: 215).

No final de 1931, a Mantetsu e suas subsidiárias possuíam 85 por cento de todos os investimentos na Manchúria. Após 1936, a participação da Mantetsu no total dos investimentos japoneses declinou, principalmente pela transferência de algumas subsidiárias para a constituição da Mangyo no ano seguinte, em 1937 (NAKAGANE, 1989: 146-147).

CAPÍTULO VI – A EVOLUÇÃO DOS INVESTIMENTOS JAPONESES EM TAIWAN

Introdução

Uma disputa sobre a influência política na Coreia em 1894 foi a principal causa da primeira guerra Sino-Japonesa que terminou com a derrota da China. Após essa guerra, a China cedeu Taiwan ao Japão em 1895, pelo Tratado de Shimonoseki, que incluiu diversas concessões econômicas a esse segundo país (CHEN, 1983: 202; CHEN, E.I., 1973: 251, 253; HO, 1978: 25; HOWE, C., 1996: 343; KUBLIN, 1973: 350; TSURUMI, 1983: 214).

A expansão territorial japonesa iniciou-se após essa guerra e pelos termos desse Tratado, sendo que o Japão criou em Taiwan um padrão de administração de territórios ocupados cujo modelo, com algumas variações, foi aplicado posteriormente na Coreia e na Manchúria. O estabelecimento de um sistema de administração de governo pelo Japão em Taiwan seguiu os procedimentos gerais que tinham sido utilizados na promoção da modernização no Japão. Portanto, depreende-se que o Japão conseguiu obter resultados marcantes no seu recém-ocupado território uma vez que os japoneses tinham adquirido no início da era Meiji uma experiência institucional em modernização e reformas de Estado (KUBLIN, 1959: 72 e 75).

Uma característica distintiva do Japão em relação às potências ocidentais, era que o Japão tinha poucos interesses econômicos para defender no início da sua ocupação em Taiwan, ao contrário das potências ocidentais, que já mantinham relações mercantis de longo prazo com essa região (GRAJDANZEV, 1942: 103).

Os japoneses realizaram diferentes políticas de desenvolvimento, conforme o período. O primeiro durou de 1895 a 1914, o segundo de 1914 até 1931 e o terceiro desse ano até o final da Segunda Guerra Mundial. No primeiro, houve uma estratégia de desenvolvimento para Taiwan ser um fornecedor agrícola para o Japão. No segundo, essa estratégia resultou em grandes progressos na agricultura e no dinamismo comércio externo. No terceiro, dados os eventos, tal como as guerras, novas estratégias de desenvolvimento econômico em

direção à industrialização foram implantadas em Taiwan (GINSBURG, 1952-1953: 121; HOWE, 1996: 344),

Durante o primeiro período, de 1895 a 1914, a ênfase foi na consolidação do poder político e na construção de infra-estrutura básica. O governo japonês expandiu as instalações de transporte e as linhas ferroviárias. Portos e rodovias foram construídos para fins militares e comerciais, visando dar acessibilidade ao interior da ilha. Nesse período, foram estabelecidos monopólios governamentais, tais como do sal, cânfora e ópio; 40 por cento das receitas do governo vinham da venda desses produtos em 1903. Posteriormente, foram também estabelecidos monopólios governamentais sobre tabaco e bebidas alcoólicas. O governo tomou à sua responsabilidade as instalações de transporte e a arrecadação da receita derivada de suas operações. Ao mesmo tempo, os poderes do governo geral japonês em Taiwan foram ampliados de modo que a ilha fosse menos dependente do Japão quanto às suas decisões, dando a sua administração uma relativa autonomia. Em 1898, o Bank of Taiwan foi estabelecido pelo governo japonês como uma instituição que ao mesmo tempo funcionava como um banco comercial, para facilitar e promover as atividades empresariais, e como banco central, emitindo moeda (GINSBURG, 1952-1953: 119, 121-122).

O segundo período de desenvolvimento foi de 1914 até o Incidente da Manchúria de 1931. Durante esse período a ênfase foi na intensificação das atividades agrícolas. As terras aráveis foram cultivadas. A irrigação foi expandida e foram estabelecidos controles nos mercados de produtos agrícolas. Os meios de transportes foram melhorados e instituições foram estabelecidas para a pesquisa agrícola. O período terminou com uma economia agrícola altamente desenvolvida uma vez que tinha como objetivo aumentar as exportações de arroz e açúcar ao Japão para supri-lo de alimentos. A maior parte da economia de Taiwan nesse período estava nas mãos de um pequeno número de empresas japoneses, apoiadas pelo governo geral japonês em Taiwan (GINSBURG, 1952-1953: 122; HO, 1971: 287).

O terceiro período, do início dos anos de 1930 até o final da Segunda Guerra Mundial, foi caracterizado pela maior ênfase na industrialização e pela ampliação da intervenção do

governo em diversas atividades econômicas, pois o Japão faria de Taiwan uma base de operações ao Sudeste Asiático. Tanto o consumo quanto a produção eram controladas pelo governo num período de esforço de guerra. O governo participou no estabelecimento de indústrias não agrícolas e deu assistência às empresas japonesas nas suas atividades econômicas industriais. O Taiwan Development Company foi estabelecida em 1936 com fundos governamentais para desenvolver a indústria em Taiwan e nas ilhas dos mares do sul. (GINSBURG, 1952-1953: 122-123; HO, 1971: 287).

6.1. Ocupação, desenvolvimento e investimentos japoneses

Para o Japão, Taiwan representou um investimento que proviria rápido retorno, e serviu como modelo do Japão na expansão para outros territórios, vindo assim a aplicar em outras áreas sob sua ocupação algumas das medidas adotadas em Taiwan. O governo geral japonês em Taiwan realizou uma política para torná-la moderna e economicamente auto-suficiente. Os administradores japoneses aplicaram as lições de desenvolvimento do Japão em Taiwan, particularmente no aspecto do Estado tomar a iniciativa de prover capitais, preparando a infra-estrutura produtiva até que o capital privado japonês pudesse ser capaz de assumir essa tarefa. O governo japonês em Taiwan instituiu reformas econômicas que incorporaram Taiwan na economia japonesa e tarifas que reorientaram o comércio com o Japão. Equilíbrio fiscal e independência do orçamento de Taiwan em relação ao Japão foram atingidos pela renda proveniente do estabelecimento de monopólios estatais em produtos-chave, tais como o tabaco, ópio, sal e cânfora. Houve também nos anos iniciais de 1900, a elaboração de um censo populacional e fundiário para obter uma base fiscal (GOLD, 1988: 105; HOWE, 1996: 345; KUBLIN, 1959: 78; PEATTIE, 1984: 19).

Além dos monopólios nessas indústrias, o governo também detinha a propriedade e o controle de importantes segmentos da economia, tais como a operação de ferrovias e a indústria de produção de energia elétrica (HO, 1971: 313).

Para realizar os objetivos de aliviar as pressões do seu balanço de pagamentos e de suprir o Japão de açúcar e arroz, os meios pelos quais o governo japonês em Taiwan utilizou foram:

alocar suas despesas e usar a sua autoridade em favor do que ele queria promover, direcionando incentivos fiscais e subsídios para as empresas investirem (HO, 1971: 313).

Houve investimentos do governo em infra-estrutura, com uma série de medidas, tais como estabelecer escolas, instalações para saúde pública, melhoramentos agrícolas, irrigação, produção e distribuição de energia, transportes e comunicações e desenvolvimento urbano e portuário que tornaram Taiwan moderna e economicamente auto-suficiente. O resultado dessas medidas foi que sete anos após a anexação, o governo geral japonês em Taiwan atingiu a meta de auto-suficiência financeira (GOLD, 1988: 105; PEATTIE, 1988: 230). (CHEN, 1983: 202).

Um montante significativo de capital japonês fluiu a Taiwan uma vez que os japoneses detinham o controle da economia e a estabilidade política, além de outros atrativos, tais como a abundância de crédito dos bancos controlados pelos japoneses em Taiwan, e uma moeda estabilizada. A maior parte do capital japonês que inicialmente ingressou no país, junto com os subsídios diretos do governo japonês, foi para construção de infra-estrutura de transportes e para o estabelecimento de indústrias de açúcar. Uma outra parte dos capitais se destinava à mineração, especialmente para o carvão e o ouro. Apesar de terem intervenção do governo japonês em Taiwan uma vez que o capital das empresas privadas era utilizado em associação com o capital do governo geral em empresas mistas, o investimento e o reinvestimento das empresas japonesas nessas indústrias tinha como atrativo a estrutura de mercado ser concentrada. (GINSBURG, 1952-1953: 126 - 125).

Depreende-se, portanto, que o governo teve uma grande participação no desenvolvimento econômico de Taiwan, sendo, por exemplo, o governo geral japonês em Taiwan o seu maior investidor. Sendo que ele também foi o maior e o mais efetivo acumulador e organizador do capital.

O crescimento de Taiwan pode ser creditado à política do governo que planejava e direcionava o desenvolvimento da ilha. O governo geral japonês em Taiwan introduziu e levou adiante programas econômicos para a promoção do desenvolvimento. Através de

instrumentos fiscais e tratamento preferencial aos investidores japoneses, o governo assegurou que o superávit comercial gerado pela economia permanecesse sob controle japonês. O governo tinha três objetivos principais: (1) promover a produção e exportação de açúcar e arroz, (2) atingir a independência financeira de Taiwan e (3) manter o poder econômico nas mãos dos japoneses. Esses eram os objetivos básicos porque o governo estava comprometido em desenvolver a economia de Taiwan para complementar a japonesa e gerar crescentes superávits comerciais (HO, 1971: 287-288; HO, 1978: 32).

Além de promover a produção agrícola e exportações, o governo colonial tinha como prioridade manter o poder econômico de Taiwan sob controle japonês de forma que o governo encorajou a concentração das indústrias para que os japoneses tivessem a propriedade e o controle (HO, 1978: 37).

Quando o Japão ganhou o controle de Taiwan em 1895, a economia da ilha era composta principalmente de agricultura *in natura*. Havia três principais produtos de exportação: arroz, açúcar e chá. Quase todas as importações eram de bens de consumo. O Japão, portanto, não mudou a composição das *commodities*, mas promoveu o aumento da produtividade na estrutura existente para que pudessem ser exportadas ao Japão (GRABOWSKI, 1988: 55).

Sob a direção do governo japonês, Taiwan foi desenvolvida como um apêndice da agricultura do Japão. Gradualmente, uma relação triangular desenvolveu-se ligando a agricultura de Taiwan, seu setor não agrícola e o Japão. A agricultura de Taiwan exportava arroz e açúcar para o Japão e o setor não agrícola importava bens industrializados para vender para a agricultura. O objetivo original do Japão em relação a Taiwan era desenvolver a agricultura para suprir o Japão com alimentos e matérias-primas de forma que esses recursos possibilitariam ao Japão conseguir suas metas de aumentar o poder e a riqueza de sua indústria, na época, em desenvolvimento (GINSBURG, 1952-1953: 116; GRAJDANZEV: 1942, 104; HO, 1978: 3).

A participação do governo, seja direta ou indireta, nas atividades de desenvolvimento de natureza específica foi realizada através do estabelecimento de empresas mistas. Por exemplo, a Taiwan Electric Power Company foi fundada em 1919 com um capital de 30 milhões de ienes, dos quais 12 milhões eram oriundos do governo japonês em Taiwan; o restante foi proveniente da *zaibatsu* Mitsui e da Nippon Life Insurance Company. Os retornos do seu capital inicial foram reinvestidos em Taiwan. Outro fato, é que essa empresa, por sua vez, investiu em processamento de metais e transporte. As empresas mistas, que operavam como uma empresa privada mas com apoio do governo, foram impulsionadoras do desenvolvimento de Taiwan (GINSBURG, 1952-1953: 118-119).

Pelo ponto de vista japonês, um território ocupado lucrativo requeria uma economia produtiva de forma que a economia deveria permanecer sob o controle direto japonês. Assim, a agricultura tradicional foi transformada para ser mais produtiva e comercializada. Com o apoio e proteção do governo, um pequeno enclave corporativo foi estabelecido e isso forneceu à agricultura insumos industriais e serviços, tais como o financiamento e o transporte. Nos anos de 1930, Taiwan tinha uma economia com um grande setor agrícola extensivo lado a lado com um setor não agrícola, pequeno e moderno, ambos bastante dependentes do comércio externo com o Japão (HO, 1978: 3-4).

Os investimentos diretos japoneses durante o período colonial eram privados, entretanto, foram incentivados por proteção tarifária e subsídios, uma política do governo geral japonês em Taiwan, provendo substanciais vantagens competitivas aos capitalistas japoneses em relação aos produtores nativos de Taiwan. Por exemplo, antes de 1924, empresários nativos somente podiam formar empresas caso houvesse participação de capitais japoneses; depois desse ano, regulamentos seletivos e procedimentos de licença impostos pela administração do governo geral japonês causaram a virtual exclusão de firmas não japonesas. Conseqüentemente, a maioria da atividade industrial de grande escala na ilha estava em mãos dos japoneses (RANIS & SCHIVE, 1985: 88-89).

A companhia Okura, por exemplo, tinha quase um quarto dos seus investimentos externos em Taiwan no período de 1912 a 1926 (BEASLEY, 1987: 150-51). Apesar do domínio do

governo, o setor privado teve um papel importante para Taiwan, tal como pode ser exemplificado pelas atividades da companhia Okura e no desenvolvimento da indústria açucareira (HOWE, 1996: 346). Nos anos iniciais da ocupação, as atividades da Okura eram essencialmente no comércio externo, expandindo-se para a construção civil e produção, construção de ferrovias, reflorestamento, açúcar e outras formas de produção agrícola. A estratégia da expansão econômica japonesa foi a combinação de comércio externo e investimento direto estrangeiro. O papel do investimento no exterior seria extrair e transportar matérias-primas, seguidas do estabelecimento de uma ampla variedade de indústrias produtivas e serviços, tal como as *sogo shosha* que desempenhavam uma função importante no intercâmbio comercial. Houve uma estreita relação e cooperação com o governo, uma vez que somente o governo poderia estabelecer condições políticas e diplomáticas para ter um investimento direto com alto retorno e garantir os riscos empreendidos em grandes projetos em economias nos estágios iniciais do desenvolvimento econômico na visão de Okura (HOWE, 1996: 347).

Durante o domínio pelos japoneses, Taiwan experimentou um período de crescimento extraordinário: de 1903 a 1940, o produto total em preços constantes cresceu cerca de 45 por cento por década, sendo que o período de maior crescimento foi do final da década de 1910 até o início da década de 1930 comparativamente aos outros períodos (HO, 1978: 26).

Tabela 6.1: Indicadores de crescimento econômico

| Ano | PIB (1937=100) | Índice de produção agrícola (1935-37=100) |
|------|-------------------|--|
| 1905 | 30 | 39 |
| 1910 | 43 | 42 |
| 1915 | 45 | 48 |
| 1920 | 71 | 48 |
| 1925 | 74 | 68 |
| 1930 | 90 | 79 |
| 1935 | 112 | 98 |
| 1940 | 99 | 93 |

Fonte: HO (1978: 27)

6.2. Investimentos japoneses na agricultura

As políticas do governo geral japonês em Taiwan asseguraram que muito da expansão industrial de Taiwan fosse financiada pelos investimentos diretos japoneses no período da ocupação japonesa e concentrada no processamento de açúcar e arroz (RANIS & SCHIVE, 1985: 89).

A promoção da agricultura estava intimamente ligada ao desejo do governo em estabelecer a indústria açucareira. O desenvolvimento dessa indústria é um exemplo de como o governo, cooperando com o capital privado japonês, criou uma estrutura empresarial. O programa do governo induziu investimentos japoneses em Taiwan nesse produto e persuadiu os fazendeiros taiwaneses em cultivar a cana de açúcar. Investimentos em infraestrutura foram realizados pelo governo para tornar a ilha um local mais atrativo para investir (KA, 1995: 75; HO, 1971: 320).

O Japão era tradicionalmente um importador de açúcar. De 1896 e 1904, antes de Taiwan tornar-se um produtor significativo de açúcar, o Japão gastava o equivalente a 22 milhões de ienes anuais em média de suas reservas estrangeiras para financiar as importações de açúcar, um montante superior à metade do seu déficit comercial no período. A aquisição de Taiwan possibilitou ao Japão desenvolver um fornecedor de açúcar dentro do bloco do iene, em consequência, aliviando as pressões no seu balanço de pagamentos (HO, 1971: 313).

O governo promoveu o desenvolvimento da agricultura disseminando moderna tecnologia e estabelecendo monopólios em indústrias baseadas na agricultura. Esses programas foram importantes no início da sua ocupação quando os japoneses observaram que Taiwan dependeria de muitos recursos do Japão. Determinado a fazer a ilha economicamente auto-suficiente e para diminuir o problema do balanço de pagamentos da metrópole, o governo japonês em Taiwan incentivou a pesquisa e desenvolvimento de produtos agrícolas, que ofereceriam as melhores perspectivas de um retorno rápido no investimento, indo ao encontro das necessidades internas do Japão. Essa política foi a base para a indústria açucareira entre 1900 e 1910, altamente subsidiada no início, mas que se tornou a principal

indústria de Taiwan, reduzindo a dependência japonesa desse produto de fontes externas além de seus territórios ocupados no Leste Asiático (PEATIE, 1984: 31; SHI, 1973: 351).

Para apoiar o crescimento da agricultura, alguns serviços modernos foram desenvolvidos. Entre 1905 e 1930, o governo japonês em Taiwan alocava um quarto a um terço de seus gastos para projetos de infra-estrutura. Cerca de 50 por cento desses se destinavam ao desenvolvimento de ferrovias e portos. Em 1929, a metade das ferrovias era propriedade do governo. Até 1920, a maior parte dos fundos para irrigação era proveniente do governo (BEASLEY, 1987: 150).

Um sistema de transporte eficiente foi desenvolvido para facilitar a comercialização da agricultura, ligando o interior de Taiwan assim como este e o Japão. Foram aceleradas as construções de ferrovias e portos. Em 1908, dois dos mais importantes portos, um ao norte e outro ao sul de Taiwan, foram ligados por uma ferrovia especialmente construída para tal finalidade. Instituições financeiras e bancárias foram estabelecidas para servir à produção assim como ao crescente volume de comércio interno e externo. Enquanto não existia em Taiwan nenhuma instituição financeira moderna no final do século dezenove, no final dos anos de 1920, já havia cinco instituições financeiras modernas com mais de 50 filiais (HO, 1978: 28, 29).

Após estabelecer uma infra-estrutura estável para investimentos, o governo japonês em Taiwan ofereceu incentivos financeiros para as empresas japonesas investirem. Na virada do século XIX para o século XX, e especialmente depois do estímulo provocado pela vitória do Japão frente à Rússia, as empresas privadas começaram a investir, com o açúcar refinado como a maior meta. Na primeira fase do desenvolvimento colonial, o açúcar foi o foco central. O governo geral japonês em Taiwan direcionou medidas econômicas para que o açúcar se tornasse uma indústria ideal para o investimento privado. Por exemplo, em 1900 houve o convite do governo japonês em Taiwan para que a companhia Mitsui investisse na indústria açucareira da ilha (GOLD, 1988: 105-106; HOWE, 1933: 349).

As empresas de açúcar que dominavam o setor corporativo recebiam privilégios do governo. Em 1905, por um decreto do governo, as áreas produtoras de açúcar foram divididas em regiões, cada uma com uma refinaria. Esse decreto do governo fez com que surgissem empresas monopsonistas em cada área. Em 1909, o governo encorajou a formação de um cartel do açúcar, mais tarde conhecida como Taiwan Sugar Association, que tinha o poder de regular, com o direcionamento do governo, os preços e a exportação. O governo apoiava essas associações, restringindo a expansão de fábricas existentes e a construção de novas refinarias. Esse cartel era propício tanto às empresas quanto ao governo. As empresas de açúcar maximizavam seus lucros e o governo, permitindo a existência do cartel, influenciava e controlava a indústria. Dessa forma, com a estrutura industrial oligopolística, o governo influenciava a balança comercial (HO, 1971: 322-323; HO, 1978: 38).

Entre 1902 e 1913, vinte e seis novas fábricas de açúcar surgiram, que produziam oitenta e oito por cento da produção de açúcar de Taiwan. Os japoneses estenderam para a produção o controle que já possuíam na comercialização do açúcar, através da fusão das atividades comerciais com as industriais, de forma que as empresas japonesas investiram em refino de açúcar para obter os lucros gerados em ambas as operações, (HAN-YU & MYERS, 1963: 445; KA, 1995: 80).

Os subsídios do governo foram utilizados pelas empresas para estabelecer fábricas modernas e de grande escala, particularmente após 1906, durante o *boom* econômico japonês. Com isso, o capital japonês participava cada vez mais diretamente na fabricação e no refino do açúcar (KA, 1995: 75; HO, 1971: 65).

Foi constituída uma empresa, a Taiwan Sugar Manufacturing Joint Stock Company, fundada com o apoio do Bank of Taiwan e Mitsui Bank, para implantar a política de estabelecimento da indústria açucareira em 1910. Essa empresa estabeleceu a primeira fábrica de açúcar moderna e de grande escala. A empresa era controlada pelo governo e tinha a participação de outras empresas além das duas primeiras. Entre outras medidas, para apoiar essas indústrias, o governo japonês em Taiwan estabeleceu a garantia de uma taxa de

retorno mínima, terras aráveis, imposto de consumo de açúcar, tarifas de comércio externo, fornecimento de matérias-primas. Esse modelo era lucrativo de forma que em 1914 muitas das grandes empresas japonesas investiam nessa indústria. Observando o sucesso da primeira fábrica de açúcar e o interesse do governo na promoção dessa indústria através da cessão de subsídios e outras medidas de incentivo, muitas empresas japonesas investiram em novas fábricas, resultando num *boom* de investimentos (GINSBURG, 1952-1953: 41; HAN-YU & MYERS, 1963: 443-444; HO, 1971: 320; HOWE, 1933: 349; KA, 1995: 76 e 79).

Com grandes áreas geográficas e poucos competidores, as grandes empresas de açúcar fortaleceram seu controle sobre os preços do mercado do açúcar. Com integração horizontal e vertical, essas empresas com grande escala, combinando comércio e produção, indústria e agricultura, reduziam os seus riscos diversificando os seus investimentos (KA, 1995: 81). De 1911 a 1928 houve um processo de concentração das firmas na indústria açucareira de Taiwan. A concentração também tomou a forma de integração vertical, sendo que as grandes empresas japonesas de açúcar engajaram-se em diversas atividades industriais relacionadas ao açúcar, como a fabricação de fertilizantes, álcool de cana, balas (doces) e administração de seu próprio sistema ferroviário e da navegação de carga (KA, 1995: 81).

O crescimento do setor agrícola durante esse período foi bastante rápido. Entre 1901-5 e 1936-40, a produção agrícola cresceu a uma taxa de 3,4 por cento ao ano. Os rendimentos dessa produção não permaneceram somente no setor agrícola. O superávit agrícola, definida como a diferença entre a produção agrícola e o consumo de produtos agrícolas, foi transferido para fora desse setor (GRABOWSKI, 1988: 56).

Tabela 6.2: Produção de Açúcar em Taiwan

| Ano | Toneladas |
|------|-----------|
| 1927 | 411.140 |
| 1929 | 789.328 |
| 1930 | 810.484 |
| 1931 | 989.048 |
| 1933 | 633.724 |
| 1934 | 647.724 |
| 1935 | 965.652 |
| 1936 | 901.679 |

Fonte: SHI (1973: 343)

O montante de arroz produzido mais que dobrou entre 1905 e 1935 e a produção de açúcar triplicou entre 1910 e 1940 (GINSBURG, 1952-1953: 116).

Com crescentes aumentos de produtividade agrícola, foi possível a Taiwan suprir a crescente demanda por produtos agrícolas de forma que as exportações de Taiwan cresceram bastante. Entre 1900 e 1939, o volume exportado cresceu mais que 18 vezes e ao término dos anos de 1920, o Japão absorvia de 80 a 90 por cento das exportações. Importações cresceram menos rápido, mas a participação preponderante veio do Japão, sendo 68 por cento nos anos das décadas de 1910 e 1920 e mais que 80 por cento nos anos de 1930 (Ho, 1978: 29-30).

Durante a Primeira Guerra Mundial, a escassez mundial de açúcar fez essa indústria ser altamente lucrativa, sendo que tanto as empresas quanto o governo se beneficiaram. Houve também um impacto na economia de Taiwan como um todo, pois as receitas governamentais advindas do açúcar foram usadas para projetos que formaram a infraestrutura ao desenvolvimento industrial e para o comércio externo (Howe, 1996: 349).

Com o aumento das exportações, a produção de açúcar refinado necessitou modernizar-se, requerendo inversões de capital e tecnologia. As empresas estabelecidas eram em sua maioria japonesas, ligadas às *zaibatsu*, como a Mitsui.

Em 1937, 98 por cento do processamento de açúcar de cana estava concentrado nas mãos de nove empresas japonesas. Dentre as seis maiores empresas de processamento de açúcar, a mais antiga era a Dainippon Seito, fundada em 1896. Observava-se que essas empresas tinham investimentos em outras atividades, tais como operação de ferrovias e rodovias além da produção do álcool (GRAJDANZEV, 1942: 98-100).

O açúcar continuava a ser produzido, em 1942, em fábricas de propriedade de empresas japonesas de açúcar que possuíam grandes montantes de capital e que vinham comprando gradativamente as áreas de cultivo, chegando a possuírem pouco mais que dez por cento da área arável da ilha (GRAJDANZEV, 1942: 61).

O desenvolvimento da indústria de açúcar é considerado uma das políticas de maior sucesso do governo japonês em Taiwan. Na época da anexação, o governo japonês estava ansioso para melhorar sua balança comercial e o cultivo do açúcar era um excelente meio para isso uma vez que as importações desse bem representava cerca de um décimo do total das importações do Japão (GRAJDANEV, 1942: 58).

Tabela 6.3: Índice de produção de açúcar em Taiwan

| Ano | Índice geral (1937=100) | Produção de açúcar (1000 MT) |
|------|----------------------------|---------------------------------|
| 1905 | - | 50 |
| 1910 | 24 | 204 |
| 1915 | 30 | 208 |
| 1920 | 30 | 223 |
| 1925 | 51 | 480 |
| 1930 | 70 | 810 |
| 1935 | 88 | 965 |
| 1940 | 123 | 1133 |

Fonte: HO (1978: 27)

A principal fonte de crescimento industrial no período da ocupação japonesa em Taiwan foi a indústria de processamento de alimentos. Em 1930, 64 por cento do número total de fábricas era de processamento de alimentos e 76 por cento do valor bruto da produção das indústrias era de processamento de alimentos. Desse setor, a mais importante indústria era de refino de açúcar. Em 1921, a produção de açúcar era de 61 por cento do valor bruto da produção industrial. Mesmo na década de 1930, após a industrialização ter sido mais diversificada, a participação do açúcar no total do valor bruto da produção das fábricas era ainda de cerca de 50 por cento. O ritmo da industrialização em Taiwan esteve atrelado ao crescimento da indústria de açúcar (HO, 1978: 72).

Tabela 6.4: Valor Bruto da Produção em Taiwan (em milhões de ienes correntes)

| | 1914 | 1919 | 1921 | 1929 | 1933 | 1935 | 1936 | 1937 |
|-------------|-------------------|-------------------|-------------------|-------------------|--------------------|-------------------|-------------------|-------------------|
| Agricultura | 80,5 (60,0 %) | 252,4 (61,3%) | 201,3 (55,5%) | 301,9 (50,4%) | 237,9 (48,6%) | 361,0 (53,0%) | 388,3 (50,8%) | 403,0 (47,2%) |
| Indústria | 45,7 (34,0%) | 130,0 (31,5%) | 130,9 (36,1%) | 246,8 (41,3%) | 209,6 (42,8%) | 264,9 (38,9%) | 310,0 (40,6%) | 374,9 (44,0%) |
| Mineração | 4,5 (3,3%) | 11,2 (2,7%) | 10,3 (2,8%) | 14,8 (2,5%) | 15,2 (3,1%) | 22,8 (3,3%) | 28,7 (3,8%) | 36,2 (4,3%) |
| Total | 134,4 (100,0%) | 412,0 (100,0%) | 362,8 (100,0%) | 598,4 (100,0%) | 4898,1 (100,0%) | 680,8 (100,0%) | 763,7 (100,0%) | 852,2 (100,0%) |

Fonte: GRAJDANZEV (1942: 91)

A participação na produção industrial aumentou no período entre 1914 e 1937, tal como pode ser visto na tabela acima.

6.3. Setor não agrícola e investimentos

Entre 1900 e 1905, quando os japoneses estabeleceram as primeiras empresas industriais em Taiwan, a principal atividade dos japoneses no Japão era a agricultura (GRAJDANZEV, 1942: 113).

O surgimento de uma classe industrial nativa nunca foi incentivada pelo governo geral japonês em Taiwan; a política do governo desencorajava o surgimento de tal classe. Até 1924, os taiwaneses não tinham permissão de organizar ou operar corporações a menos que tivessem participação japonesa. Mesmo após essa regra restritiva ter sido abolida, os taiwaneses não conseguiam ingressar no setor corporativo moderno, pois estava dominado pelos japoneses. Assim, o setor moderno permaneceu exclusivamente sob a propriedade dos japoneses. Através do poder de regular e dar licenças e garantindo privilégios exclusivos aos japoneses, o governo manteve o poder econômico dos japoneses (GOLD, 1988: 107; Ho, 1978: 38).

Em 1929, no total do capital das empresas industriais, a participação dos japoneses era de 90,7 por cento. No total do capital das empresas na mineração, a participação dos japoneses representava 71,6 por cento (GRAJDAZEV, 1942: 110-111)

Um desenvolvimento significativo no período colonial de Taiwan foi o surgimento de um enclave industrial. Inicialmente o interesse do Japão era desenvolver o potencial exportador de produtos agrícolas, de forma que o setor industrial não se expandiu rapidamente. A produção industrial cresceu mas predominantemente nas indústrias que processavam bens agrícolas. No final do período de ocupação, uma base industrial²³ tinha sido construída em Taiwan (HO, 1978: 70).

6.4. Comércio externo

O comércio externo possibilitou o seu desenvolvimento econômico de Taiwan, sendo que empresas japonesas geriam a maior parte dele.

Antes de 1895, o comércio de Taiwan limitava-se com a China continental, sendo que menos de um por cento das importações vinham do Japão e pouco mais de dez por cento das exportações se destinavam ao Japão. Entretanto, a produção como um todo, com exceção de açúcar e chá, era orientada para o mercado interno. A ocupação japonesa abriu novas oportunidades de exportações para Taiwan, alterando tanto a direção quanto o volume de comércio. As necessidades do Japão, primeiro de açúcar e depois de arroz, deram à agricultura de Taiwan uma expansão rápida de seu mercado (HO, 1975: 427).

Até o final da ocupação japonesa, Taiwan continuou a ser o maior fornecedor de alimentos ao Japão, enquanto funcionava como um mercado para bens finais e serviços japoneses. (KUBLIN, 1973: 327, 351). Com a transformação do Japão de uma economia essencialmente agrícola para uma com base industrial, requeria-se que houvesse mercados no exterior para seus produtos industrializados, tal como Taiwan. Este se tornou dependente da metrópole, pois os japoneses tinham concentrado sob a propriedade deles as principais indústrias de Taiwan e estabeleceram um sistema de comércio que destinava os produtos para o Japão, principalmente até os anos de 1930 (PEATIE, 1988: 255)

²³ Análise será realizada na seção 6.5 do presente capítulo.

Sob a administração do governo geral japonês, Taiwan tornou-se uma parte da política mercantilista, em que um dos papéis dele era produzir produtos requeridos pelo Japão. Conseqüentemente, entre 1895 e 1930, as políticas adotadas eram principalmente focadas na produção de arroz e açúcar, incluindo a melhoria da infra-estrutura da agricultura, uma significativa reforma agrária e o estabelecimento de institutos de pesquisa agrícolas. Como resultado direto, as exportações de arroz e de açúcar para o Japão cresceram significativamente (RANIS & SCHIVE: 1985: 88).

As exportações de Taiwan destinadas ao Japão tinham como objetivo suprir as necessidades de alimentos dentro do próprio império. Durante os anos da década de 1930, arroz e açúcar participaram entre 60-70 do total das exportações de Taiwan ao Japão (KUBLIN, 1973: 346).

Entre 1931 e 1935, Taiwan era uma das cinco maiores economias exportadoras líquidas de arroz, enquanto o Japão era um importador líquido de arroz. Observa-se, portanto, a importância de Taiwan para o fornecimento de arroz ao Japão e isso reflete o incentivo do governo para que houvesse cultivo de arroz em Taiwan (HOWE, 1996: 353).

Taiwan teve assegurado o seu mercado para a sua produção de açúcar uma vez que na maior parte do período da ocupação japonesa, a agricultura e as indústrias relacionadas à agricultura tiveram uma tarifa comercial privilegiada. Essa expansão na demanda do Japão transformou Taiwan numa economia exportadora, podendo ser considerada como um caso de crescimento incentivado por exportações (HO, 1975: 427).

Tabela 6.5: Índices de comércio externo de Taiwan 1905-1940

| Ano | Índice de volume exportado (1925= 100) | Índice de volume importado (1925=100) |
|------|---|--|
| 1905 | 21 | 31 |
| 1910 | 39 | 49 |
| 1915 | 49 | 54 |
| 1920 | 44 | 68 |
| 1925 | 100 | 100 |
| 1930 | 122 | 136 |
| 1935 | 180 | 179 |
| 1940 | 196 | 172 |

Fonte: HO (1978: 27)

Como pode ser visto nas duas tabelas abaixo, foi significativa a participação das exportações, principalmente ao Japão, da produção tanto do açúcar quanto do arroz de Taiwan.

Tabela 6.6: Produção e exportações de açúcar de Taiwan (volume)

| Período | Exportações de açúcar/Total produzido de açúcar (TP) % | Exportações de açúcar ao Japão/TP % | Índice |
|-----------|---|--|--------|
| 1900-1904 | 79,86 | 74,84 | 100 |
| 1905-1909 | 93,74 | 93,29 | 234 |
| 1910-1914 | 91,00 | 88,02 | 524 |
| 1915-1919 | 96,80 | 83,87 | 1037 |
| 1920-1924 | 103,90 | 99,84 | 1122 |
| 1925-1929 | 97,30 | 95,09 | 1772 |
| 1930-1934 | 95,28 | 93,59 | 2438 |
| 1935-1939 | 94,93 | 88,48 | 3310 |
| 1940-1944 | 71,55 | 63,43 | 2352 |

Fonte: KA (1995: 68)

Tabela 6.7: Produção e exportações de arroz de Taiwan (volume)

| Período | Exportações de arroz/Total produzido de arroz (TP) % | Exportações de arroz ao Japão/TP % | Índice |
|-----------|---|--|--------|
| 1900-1904 | 14,23 | 7,32 | 100 |
| 1905-1909 | 19,77 | 18,82 | 193 |
| 1910-1914 | 16,83 | 16,72 | 167 |
| 1915-1919 | 19,94 | 19,26 | 213 |
| 1920-1924 | 21,32 | 21,15 | 249 |
| 1925-1929 | 36,40 | 35,57 | 529 |
| 1930-1934 | 42,15 | 41,42 | 770 |
| 1935-1939 | 49,29 | 47,69 | 1023 |
| 1940-1944 | 24,85 | 24,20 | 438 |

Fonte: KA (1995: 68)

A estratégia do governo japonês quanto a Taiwan era desenvolvê-la como um complemento do Japão, então a ênfase foi colocada na integração econômica das duas economias. Taiwan, tal como analisado anteriormente, deveria se tornar um apêndice agrícola do Japão, ajudando-o a alimentar a sua crescente população industrial. Em termos de fluxos de

produtos, isso significou um relacionamento entre os dois setores, agrícola e industrial, entre Taiwan e Japão. O setor agrícola de Taiwan produzia e exportava açúcar e arroz ao Japão. Este, por sua vez, exportava bens manufaturados de consumo e de capital ao setor não agrícola de Taiwan. Para completar o fluxo, o setor agrícola comprava bens industriais importados e serviços comerciais do setor não agrícola de Taiwan (GRABOWSKI, 1988: 55; HO, 1978: 29).

A tabela 6.8, abaixo, apresenta a composição do comércio de Taiwan de forma a apresentar como o relacionamento com o Japão era operado. Quase todas as exportações eram de produtos primários. Dentre esses, os alimentos foram os mais importantes, representando mais de 70 por cento dos produtos exportados. Além dos alimentos, Taiwan fornecia ao Japão outras matérias-primas tal como a cânfora, carvão e álcool. As importações de produtos industriais para Taiwan chegaram a 70 por cento; a maior parte eram bens de consumo e quase todos eram fornecidos pelo Japão. Têxteis de algodão eram importados para a população local e fertilizantes eram importados para as necessidades de produção da agricultura. Máquinas e equipamentos de transporte eram também importados, os primeiros para equipar a indústria de processamento de produtos da agricultura e os segundos para desenvolver o sistema de transporte para carregar alimentos e bens processados de alimentos para o mercado. O grande volume de importação de alimentos foi também dirigido para acomodar as necessidades dos japoneses. Alimentos e bebidas especiais foram importados do Japão para satisfazer a demanda de vários japoneses que viviam em Taiwan, e arroz foi importado do Sudeste Asiático de forma que uma grande quantidade de arroz de Taiwan, mais apreciado que de outros países, pudesse ser exportado ao Japão (HO, 1978: 30-31).

Os fortes laços entre Taiwan e Japão podem ser verificados através do exame dos dois maiores itens exportados, o arroz e o açúcar. Em valores, esses dois produtos contabilizaram entre 50 e 70 por cento do total das exportações de Taiwan. Nos anos da década de 1930, aproximadamente metade da produção de arroz era exportada, sendo que quase toda a produção exportada de arroz e açúcar foi destinada ao Japão. Antes da Segunda Guerra Mundial, 15 por cento aproximadamente do total das importações

japonesas era constituído de arroz e açúcar, e a contribuição de Taiwan era substancial. Foi o principal fornecedor de açúcar: nos anos de 1930, perto de 75 por cento de todo açúcar consumido no Japão era de Taiwan. Quanto ao arroz, nessa mesma época, 45 por cento da safra anual de arroz era exportada ao Japão, contabilizando mais que 30 por cento das importações japonesas do arroz (HO, 1978: 31).

**Tabela 6.8: Taiwan - Composição das exportações e importações
1900-1939 (média anual como percentagem do total)**

| Produtos | Período | 1900-09 % | 1910-19 % | 1920-29 % | 1930-39 % |
|---------------------------------------|---------|--------------|--------------|--------------|--------------|
| Total exportação | | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 |
| Alimentos | | 76,2 | 77,3 | 82,9 | 84,5 |
| Arroz | | 23,2 | 14,5 | 19,1 | 25,9 |
| Açúcar | | 27,8 | 50,6 | 50,6 | 46,8 |
| Outros | | 25,2 | 12,2 | 13,2 | 11,8 |
| Outros produtos primários | | 21,1 | 11,5 | 9,6 | 8,6 |
| Produtos industrializados e diversos | | 2,6 | 11,2 | 7,4 | 6,8 |
| Total importação | | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 |
| Alimentos e outros produtos primários | | 29,2 | 38,2 | 41,5 | 34,1 |
| Produtos industrializados e diversos | | 70,8 | 61,8 | 58,4 | 65,9 |

Fonte: HO (1978: 29)

Tabela 6.9: Distribuição das exportações de Taiwan por grupo de países

| Ano | América do Norte % | Europa Occidental % | China % | Japão % | Outros na Ásia % | Resto do Mundo % | Total % |
|------|--------------------------|---------------------------|------------|------------|------------------------|------------------------|------------|
| 1897 | 8,1 | 0,0 | 66,9 | 14,2 | 11,5 | 0,0 | 100,0 |
| 1900 | 6,7 | 0,0 | 52,3 | 29,5 | 12,1 | 0,0 | 100,0 |
| 1905 | 14,0 | 0,0 | 20,6 | 56,4 | 9,1 | 0,0 | 100,0 |
| 1910 | 8,5 | 4,2 | 6,2 | 80,0 | 0,8 | 0,3 | 100,0 |
| 1913 | 10,7 | 5,1 | 5,4 | 75,7 | 2,8 | 0,2 | 100,0 |
| 1915 | 8,2 | 1,7 | 6,6 | 79,6 | 3,7 | 0,1 | 100,0 |
| 1919 | 3,9 | 0,7 | 7,2 | 80,0 | 5,7 | 2,4 | 100,0 |
| 1920 | 3,1 | 0,8 | 5,5 | 83,7 | 5,6 | 1,1 | 100,0 |
| 1925 | 2,7 | 0,8 | 10,4 | 81,8 | 4,3 | 0,1 | 100,0 |
| 1929 | 1,5 | 0,4 | 6,9 | 87,8 | 3,2 | 0,3 | 100,0 |
| 1930 | 1,2 | 0,6 | 4,4 | 90,6 | 3,1 | 0,2 | 100,0 |
| 1935 | 1,6 | 0,4 | 5,0 | 89,6 | 3,1 | 0,3 | 100,0 |
| 1939 | 1,6 | 0,3 | 11,8 | 86,0 | 0,1 | 0,3 | 100,0 |
| 1940 | 1,2 | 0,8 | 16,6 | 81,1 | 0,2 | 0,1 | 100,0 |

Fonte: HO (1978: 392)

Tabela 6.10: Distribuição das importações de Taiwan por grupo de países

| Ano | América do Norte % | Europa Occidental % | China % | Japão % | Outros na Ásia % | Resto do Mundo % | Total % |
|------|--------------------------|---------------------------|------------|------------|------------------------|------------------------|------------|
| 1897 | 4,9 | 11,0 | 45,1 | 22,6 | 6,7 | 10,4 | 100,0 |
| 1900 | 6,8 | 6,8 | 27,3 | 38,2 | 5,5 | 15,0 | 100,0 |
| 1905 | 4,9 | 7,8 | 22,1 | 55,3 | 6,1 | 4,1 | 100,0 |
| 1910 | 6,3 | 13,3 | 11,9 | 59,5 | 4,3 | 4,7 | 100,0 |
| 1913 | 2,1 | 3,9 | 12,5 | 70,3 | 7,7 | 3,3 | 100,0 |
| 1915 | 1,5 | 1,5 | 15,0 | 76,0 | 3,7 | 2,2 | 100,0 |
| 1919 | 2,4 | 1,1 | 20,9 | 58,6 | 6,5 | 10,5 | 100,0 |
| 1920 | 3,6 | 0,6 | 19,3 | 65,0 | 7,8 | 3,7 | 100,0 |
| 1925 | 1,6 | 4,0 | 17,5 | 69,7 | 7,5 | 7,6 | 100,0 |
| 1929 | 2,1 | 5,5 | 15,5 | 68,5 | 7,4 | 1,0 | 100,0 |
| 1930 | 3,0 | 5,9 | 14,0 | 73,1 | 3,0 | 1,0 | 100,0 |
| 1935 | 1,2 | 1,9 | 11,6 | 82,9 | 2,0 | 0,4 | 100,0 |
| 1939 | 0,5 | 0,6 | 9,0 | 87,5 | 2,3 | 0,2 | 100,0 |
| 1940 | 0,7 | 0,5 | 8,3 | 88,4 | 1,9 | 0,2 | 100,0 |

Fonte: HO (1978: 393)

Deve-se dar atenção aos fatores políticos, eventos, causadores do movimento de comércio internacional. Antes da ocupação de Taiwan, o Japão ocupava uma modesta participação no intercâmbio comercial com a ilha, vindo a aumentar à medida que se efetivava a ocupação. No período entre 1897 e 1930, a participação japonesa no total das exportações de Taiwan vinha numa tendência crescente, atingindo um máximo de 90,6 por cento em 1930. A participação japonesa nas importações de Taiwan teve uma tendência crescente entre 1897 e 1940. Deve-se observar que em 1939, Manchúria e vários portos da China tinham se tornado territórios ou zonas de interesse dos japoneses. Caso contabilizarmos essas áreas como intercâmbio japonês, em 1939, a participação da área do bloco do iene ou bloco japonês no comércio de Taiwan foi de 97,8 por cento das suas exportações e de 96,5 por cento de suas importações; em contrapartida diminuiu a participação das exportações aos Estados Unidos, Europa e outros países asiáticos sob o domínio dos europeus (GRAJDANZEV, 1942: 143-144; SHI, 1973: 345).

Até o início da década de 1930, Taiwan era uma economia essencialmente colonial, pois matérias-primas e alimentos eram exportados para o Japão enquanto deste havia a

importação de bens industriais. Até então, as atividades econômicas não agrícolas não eram incentivadas pelo governo japonês em Taiwan como forma de prevenir o eventual surgimento de competidores de Taiwan em relação aos produtos industrializados japoneses. Entretanto, houve uma mudança nessa época, no sentido de incentivar o estabelecimento de uma base industrial auto-suficiente para o esforço de guerra japonês, de forma que as atividades das empresas japonesas intensificaram-se, mas com resultados poucos significativos, no tocante a uma alteração na estrutura industrial da ilha (PEATTIE, 1984: 32-33; SHI, 1973: 329).

Tabela 6.11: Participação dos Ramos de Atividade no Valor Bruto da Produção da Indústria em Taiwan (em milhões de ienes correntes)

| | 1929 | 1931 | 1935 | 1936 | 1937 |
|------------------------|-------|-------|-------|-------|-------|
| Têxteis | 1,1 | 1,0 | 1,2 | 1,4 | 1,4 |
| Metais | 2,0 | 2,4 | 2,9 | 3,5 | 3,3 |
| Maquinaria | 2,0 | 2,5 | 2,3 | 2,5 | 2,2 |
| Cerâmica | 3,5 | 3,3 | 2,9 | 3,0 | 2,5 |
| Química | 8,8 | 6,5 | 9,3 | 9,1 | 9,4 |
| Madeira | 3,4 | 3,2 | 3,2 | 3,4 | 1,5 |
| Impressão e editoração | 1,4 | 1,6 | 1,5 | 1,6 | 1,4 |
| Alimentos | 72,1 | 74,3 | 72,6 | 70,9 | 72,5 |
| Outros | 5,7 | 5,2 | 4,1 | 4,6 | 5,8 |
| Total | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 |

Fonte: GRAJDANZEV (1942: 93)

6.5. Esforço de guerra e investimentos

Nos anos da década de 1930, o Japão mudou sua política em relação à Taiwan para torná-la militarizada uma vez que eram crescentes as tensões internacionais. Esse fato foi acompanhado pela reavaliação da importância estratégica de Taiwan do ponto de vista geopolítico, sendo que os investimentos japoneses foram dirigidos às indústrias pesadas tais como cimento, químicos, celulose e papel, assim como fertilizantes, refino de petróleo e metalurgia. A produção industrial, cresceu 6,6 por cento anualmente durante a década de 1930. Quando o Japão ingressou na Segunda Guerra Mundial em 1941, o índice para produtos metálicos e de metal, era de 449, químicos de 145 e têxteis de 132, tomando como base do índice o ano de 1937 (RANIS & SCHIVE, 1985: 88).

Ressalte-se que apesar do principal objetivo do Japão na primeira fase da ocupação de Taiwan ter sido produzir alimentos e matérias-primas ao Japão, esse excedente não foi simplesmente retirado *in natura* de Taiwan, pois um dos maiores produtos, o açúcar, era processado em modernas fábricas em Taiwan. A função de Taiwan mudou quando o Japão começou a preparar-se para a guerra, a partir de meados dos anos de 1930, quando foram introduzidas indústrias relacionadas com defesa na ilha para torná-la uma base de operações para avanços para o Sudeste Asiático, de forma que houve uma diversificação e aprofundamento da produção industrial em Taiwan, transformando a indústria de processamento de alimentos para indústrias pesadas, relacionadas com a defesa, fenômeno esse que embora tenha ocorrido não se pode constatar a partir dos dados da tabela anterior. Sendo assim, foi uma decisão japonesa quanto a Taiwan não somente fazê-la como parte da esfera de comércio mas também desenvolver paralelamente a produção devido ao esforço de guerra (GOLD, 1988: 107; GRAJDANZEV, 1942: 104).

Afora o processamento de alimentos, dois outros importantes ramos de atividade desenvolvidos foram as indústrias químicas e cerâmicas (produtos minerais não metálicos). Agregadas, em 1930, elas contabilizavam 20 por cento dos empregos das fábricas e cerca de 10 por cento do valor bruto da produção das fábricas (HO, 1978: 73). A indústria química expandiu-se rapidamente, com um crescimento médio um pouco acima dos 8 por cento no período de 1912 a 1940. Neste ramo de atividade, houve impacto para a produção e a comercialização da agricultura uma vez que a indústria química era intimamente ligada à agricultura – os dois maiores produtos eram os fertilizantes químicos (um insumo na agricultura) e álcool. A maioria dos bens da indústria química era utilizada no processamento de produtos da agricultura ou para fertilizantes para a agricultura (GRAJDANZEV, 1942: 103-104; HO, 1978: 73).

De 1931 a 1945, o papel de Taiwan no esforço de guerra do Japão aumentou gradualmente. Política e economicamente o *status* de Taiwan no sistema de ocupação territorial japonês aumentou de um território explorado para um território explorado e explorador, pois tornou-se uma base através da qual o Japão poderia incorporar ainda os territórios do Sudeste Asiático (WINCKLER, 1988: 58).

Quando o Japão começou a preparar-se para a guerra em meados da década de 1930, ele alterou a sua estratégia de promover Taiwan como uma economia agrícola de dois produtos e começou a expandir a sua base industrial. Com esses preparativos para a guerra, Taiwan precisava ser mais autônoma na sua capacidade industrial. O governo japonês em Taiwan e as empresas japonesas expandiram a capacidade de Taiwan para produzir produtos industrializados, anteriormente importados do Japão, através de um processo de substituição de importações. O governo, por sua vez, aumentou ainda mais o controle sobre a economia (HO, 1971: 224; HO, 1978: 74).

Detalhando os objetivos econômicos do governo geral japonês em Taiwan, em meados da década de 1930, eles foram: (1) a expansão da capacidade industrial de Taiwan para produzir bens previamente importados do Japão e fornecer matérias-primas industriais como lingotes de alumínio e produtos químicos necessários para a indústria pesada japonesa e (2) reorientação das relações econômicas externas de Taiwan, aumentando seus laços com o Sul da China e Sudeste Asiático. O primeiro objetivo foi ditado pelo desejo de reduzir algumas das pesadas pressões de demandas feitas na indústria japonesa. A segunda foi para fortalecer a posição japonesa no Sul da China e no Sudeste Asiático. O Japão sempre considerou Taiwan a base natural para estender sua influência nessas duas áreas.

Economicamente, esperava-se que mais exportações de Taiwan fossem direcionadas a essas áreas. Com a crescente capacidade produtiva de Taiwan, o governo pretendia expandir seu mercado e transformar Taiwan num centro industrial (Ho, 1971: 325).

Em meados da década de 1930, estabeleceram-se novos tipos de empresas industriais e houve ganhos de produção em indústrias tecnicamente complexas, tais como a de refino de petróleo em Taiwan, que atendiam plenamente a demanda interna (SHI, 1973: 343).

Para reduzir a dependência de Taiwan das importações japonesas, ampliou-se a produção de fertilizantes transferindo máquinas japonesas usadas. Entretanto, os esforços mais

intensivos para a modernização estavam reservados para as indústrias metalúrgicas e indústrias químicas em geral (HO, 1978: 75).

O principal instrumento de industrialização adotado pelo governo para a expansão da capacidade industrial foi a criação de empresas de economia mista. As principais empresas que difundiram o programa de industrialização foram a Taiwan Electric Power Company (TEPC) e a Taiwan Development Company (TDC). A primeira já tinha sido estabelecida em 1919, originalmente para desenvolver recursos energéticos. Afora o governo, os maiores investidores na TEPC incluíam a Mitsui e o Japan Life Insurance Company. Como resultado da decisão do governo em industrializar a ilha, a TEPC expandiu suas atividades e tornou-se um investidor na indústria pesada. Em 1935, a TEPC, em associação com a Mitsui e a Mitsubishi, estabeleceu a Japan Aluminum Company, com duas plantas industriais. Essa empresa tornou-se a mais importante produtora de metal em Taiwan; em 1940, essa empresa fornecia cerca de um sexto do total de alumínio produzido nos territórios ocupados pelos japoneses no Leste Asiático. No final dos anos de 1930, a TEPC instalou em Taiwan também outras indústrias, tais como de ferro, aço e magnésio (HO, 1971: 325).

A Taiwan Development Company foi estabelecida pelo governo em 1936, especificamente para coordenar o desenvolvimento de Taiwan com o Sul da China e o Sudeste Asiático, sendo que a maior parte de suas atividades estavam concentradas em Taiwan. Essa empresa tinha atividades na Malásia e na Indonésia e operou várias empresas na Tailândia, Sul da China e Filipinas. Ela foi autorizada a investir e a operar empresas nos ramos de mineração, agricultura, reflorestamento, comércio exterior e indústrias leves em Taiwan. A TDC iniciou vários outros empreendimentos, entre as quais, a extração de óleo de algodão, a extração de álcool de batata doce, a industrialização de celulose e uma montadora de veículos (HO, 1971: 325-326).

Em 1934, os japoneses completaram uma hidroelétrica, a Jitsugetsutan, uma das maiores do Leste Asiático, sendo que a energia gerada supria inicialmente as fábricas de produção de

manganês, alumínio e de produtos químicos. Em 1937, a energia dessa instalação tornou-se disponível para a expansão de outras indústrias controladas pelo governo (SHI, 1973: 344).

Durante esse período de meados da década de 1930, foram projetadas e estabelecidas plantas industriais de metais e de produtos químicos. Eram essencialmente indústrias de guerra. O desenvolvimento mais importante foi o estabelecimento de plantas de alumínio usando energia hidroelétrica. Outras plantas metalúrgicas, principalmente de refino e processamento de manganês, foram estabelecidas. Uma planta foi construída para processar ferro, com matérias-primas importadas do Japão e da Manchúria; uma outra foi estabelecida para produzir magnésio de magnetita importada da Manchúria. Houve um significativo aumento na produção de metais e de produtos químicos, sendo que o seu valor equivalia a 20 por cento do total da produção em 1940, comparado aos 16 por cento em 1937 (GINSBURG, 1952-1953: 113-114).

No final da década de 1930, a maior parte do investimento de empresas japonesas em Taiwan não era originária do Japão mas sim dos investimentos propiciados pelo governo geral japonês em Taiwan ou reinvestimento de empresas privadas japonesas; dos 800 milhões de ienes de 1939, cerca de um terço consistia de empresas mistas cujo controle era do governo japonês em Taiwan. A maior parte do investimento industrial de 350 milhões foi parcialmente proveniente de fundos governamentais em associação com o capital corporativo (GINSBURG, 1952-1953: 117-118).

Concernente ao reinvestimento, há o exemplo da Taiwan Sugar Manufacturing Company (Taiwan Seito, K.K.), tal como de todas as grandes empresas de refino de açúcar, cujo investimento originariamente proveio do Japão mas cujos reinvestimentos surgiram a partir dos capitais que permaneceram em Taiwan.

Ao final da Segunda Guerra Mundial, os ativos japoneses na Taiwan totalizavam US\$ 1.897.918.564, representando 8,67 por cento do total do estoque dos ativos externos japoneses em agosto de 1945 e segundo a classificação por tipo de propriedade, 31,2 por cento (US\$ 592.642.000) pertenciam ao governo, 55,6 por cento (US\$ 1.055.162.564)

pertenciam às corporações e 13,2 por cento (US\$ 250.114.000) pertenciam a indivíduos tal como mostrado na tabela 2.2 do Capítulo II.

A tabela 6.12 apresenta o estoque de ativos japoneses segundo o tamanho das empresas, depreendendo que as duzentas maiores empresas japonesas instaladas em Taiwan representavam 87 por cento do total de ativos das corporações.

**Tabela 6.12: Estoque de ativos e participação segundo tamanho das empresas
Taiwan em 1945**

| Tamanho de empresas | US\$ | Participação % | Participação % |
|-------------------------|---------------|-------------------|-------------------|
| 200 maiores empresas | 918.445.030 | 87,0 | |
| 200 médias empresas | 40.383.335 | 3,8 | |
| 200 pequenas empresas | 14.548.199 | 1,4 | |
| Outras empresas menores | 54.500.000 | 2,9 | |
| Outros ativos diversos | 27.250.000 | 2,6 | |
| Total das corporações | 1.055.162.564 | 100,0 | 55,6 |
| Governo | 592.642.000 | | 31,2 |
| Indivíduos | 250.114.000 | | 13,2 |
| | 1.897.918.564 | | 100,00 |

Observação: estoque dos ativos externos japoneses a valores de agosto de 1945 em dólares americanos.

Fonte: UNITED STATES OF AMERICA (1948b: 72)

A tabela 6.13 abaixo, apresenta o estoque dos ativos por indústria das empresas japonesas instaladas na Taiwan. Considerando esses ativos, as indústrias com maiores participações eram, por ordem, alimento industrializado - açúcar (33,70 por cento), eletricidade e gás (13,19 por cento), química (7,22 por cento) e transporte e armazéns (5,06 por cento).

Tabela 6.13: Participação industrial dos ativos em Taiwan em 1945

| Indústria | US\$ | Participação % |
|-----------------------------------|---------------|-------------------|
| Agricultura | 17.320.496 | 1,78 |
| Cimento e cerâmica | 14.957.852 | 1,54 |
| Química | 70.307.309 | 7,22 |
| Carvão, minério e minerais | 33.810.577 | 3,47 |
| Comunicação e impressão | 4.328.655 | 0,44 |
| Construção civil | 3.625.102 | 0,37 |
| Finanças e seguros | 13.919.496 | 1,43 |
| Pesca | 16.666.934 | 1,71 |
| Alimento industrializado - açúcar | 328.054.443 | 33,70 |
| Alimento industrializado - outros | 25.120.457 | 2,58 |
| Florestal e madeira | 6.180.739 | 0,63 |
| Ferro e aço | 21.971.318 | 2,26 |
| Desenvolvimento fundiário | 46.870.884 | 4,82 |
| Equipamentos mecânicos e máquinas | 9.579.339 | 0,98 |
| Metais pesados | 8.104.200 | 0,83 |
| Metais leves | 24.432.000 | 2,51 |
| Diversos | 29.032.252 | 2,98 |
| Papel | 24.109.066 | 2,48 |
| Petróleo e borracha | 28.679.544 | 2,95 |
| Têxteis | 28.402.581 | 2,92 |
| Comércio | 40.257.760 | 4,14 |
| Transporte e armazéns | 49.295.960 | 5,06 |
| Elettricidade e gás | 128.385.600 | 13,19 |
| Subtotal de 600 empresas | 973.412.564 | 100,00 |
| 1200 empresas menores | 54.500.000 | |
| Outros ativos diversos | 27.250.000 | |
| Total | 1.055.162.564 | |

Observações:

(a) estoque dos ativos externos japoneses em valores de agosto de 1945 em dólares americanos;

(b) as 1200 empresas menores e os outros ativos diversos não foram considerados para classificá-los por indústrias.

Fonte: UNITED STATES OF AMERICA (1948b: 73 e 75)

Quanto à distribuição por categorias gerais por tamanho de empresas, que é mostrada pela tabela 6.14, a seguir, pouco menos que dois terços do total das corporações eram ativos imóveis e pouco menos que um terço representavam ativos móveis.

Tabela 6.14: Ativos japoneses na Taiwan em 1945
Distribuição por categorias gerais por tamanho de empresas

| Tamanho de empresas | Imóveis | Móveis | Outros (intangíveis) | Total |
|-------------------------|---------|--------|-------------------------|-------|
| | % | % | % | % |
| 200 maiores empresas | 66,5 | 28,0 | 5,5 | 100,0 |
| 200 médias empresas | 50,8 | 42,2 | 7,0 | 100,0 |
| 200 pequenas empresas | 52,5 | 39,0 | 8,5 | 100,0 |
| Outras empresas menores | 62,5 | 31,7 | 5,8 | 100,0 |
| Total de Corporações | 64,9 | 28,1 | 7,0 | 100,0 |

Observações: estoque dos ativos externos japoneses a valores de agosto de 1945 em dólares americanos

Fonte: UNITED STATES OF AMERICA (1948a: 2)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Eventos históricos, analisados no decorrer da tese, foram considerados como elementos que propiciaram uma trajetória que levou a um padrão de concentração dos investimentos japoneses para o Leste Asiático. Os dados referentes ao investimento externo japonês comprovam a hipótese do modelo de economia evolucionária de que os acidentes históricos causaram esse padrão.

Os investimentos japoneses se dirigiram, inicialmente, a diferentes regiões: Estados Unidos, Europa, Ásia. Entretanto, concentraram-se no Leste Asiático do que se depreende que foi a escolha selecionada entre as alternativas. A explicação desse fato reside na análise da seqüência histórica em que os eventos e as oportunidades geradas condicionaram as escolhas e dominaram as decisões dos investimentos japoneses para a região.

A sucessão de pequenos eventos implicou na geração de oportunidades que ajudaram a determinar qual o padrão que seria atingido. Fatos externos como o aumento das relações comerciais dos países ocidentais com a China, a existência de territórios ocupados pelo Japão bem como de áreas especiais de interesse econômico desses países pela Ásia e a expansão do território continental dos Estados Unidos para o Pacífico, levaram o Japão à abertura da economia. Internamente, a centralização do poder com a Restauração Meiji consolidou o processo de abertura da economia, assim como assegurou que houvesse a promoção da industrialização. Consideramos como pré condições do investimento japonês no exterior a abertura da sua economia e a sua industrialização.

Os países industrializados, tais como a Rússia, a Inglaterra, a França e a Alemanha possuíam zonas de influência e territórios na Ásia, avançando cada vez mais para áreas próximas ao Japão no final do século XIX. Para diminuir e bloquear o domínio dessas potências ocidentais, o Japão assegurou também a sua influência na região através de guerras e tratados, que propiciaram a ocupação territorial, de forma a obter o controle político parcial ou integral de países. A expansão econômica japonesa ao exterior esteve relacionada com aspectos geopolíticos, no que concerne às questões da segurança nacional

do Japão.

Dentre os principais acidentes históricos ou eventos, citamos a Guerra Sino-Japonesa ocorrida entre 1894 e 1895, cuja origem foi defender os interesses de cada um dos países na Coreia. Como sua ganhadora, o Japão firmou com a China, o Tratado de Shimonoseki, em que ela foi obrigada a ceder Taiwan, conceder privilégios econômicos aos japoneses na China e reconhecer a independência da Coreia. Como consequência imediata desse Tratado, os japoneses ocuparam politicamente Taiwan em 1896, a que se seguiram os investimentos externos japoneses nesse território ocupado. Entre os privilégios, o tratado assegurou ao Japão o direito em transferir indústrias e manufaturas à China.

Uma outra guerra que impulsionou os interesses econômicos japoneses no Leste Asiático foi a Guerra Russo-Japonesa, entre 1904 e 1905, desencadeada para preservar os interesses de cada um na Manchúria e na Coreia. O vitorioso desse conflito bélico foi o Japão, sendo que a paz foi estabelecida pelo Tratado de Portsmouth, que reconheceu a Coreia como zona de interesse japonês e cedeu ao Japão a Península de Kwantung (Liaotung) e a área pertencente a South Manchurian Railway, regiões chinesas localizadas na Manchúria, cuja posse anterior ao Tratado era da Rússia. Expandiu-se desta forma ainda mais a área territorial e o domínio político japonês no Leste Asiático, a que seguiram os investimentos externos japoneses.

Livre dos interesses de outros países - China e Rússia - o Japão fez a Coreia tornar-se um protetorado em 1905, o que dava direitos de supervisionar a sua política externa, e a anexou formalmente em 1910, quando firmou um tratado para tal finalidade de forma que com a dominação política, estava assegurada o controle da economia pelos japoneses .

A eclosão da Primeira Guerra Mundial na Europa em 1914 fez com que os japoneses ocupassem a área cedida pela China até então aos alemães na província de Shantung através do *Shantung Settlement* firmado na Conferência de Washington, com a aquisição dos direitos econômicos pelo Japão. Em 1914, o Japão assumiu a ferrovia e as minas controladas pelos alemães na província de Shantung. Com esse evento, abriu-se caminho

para que muitas empresas japonesas instalassem filiais nessa província.

Em 1931 houve o Incidente da Manchúria em que as tropas japonesas atacaram as tropas chinesas na cidade de Mukden, a partir do qual houve um crescente avanço dos japoneses até toda a Manchúria ser ocupada em 1932, culminando com a constituição do Estado de Manchukuo aonde se implantou uma economia planificada, na qual o governo japonês ditava as diretrizes e concedia incentivos para as empresas investirem.

A partir do Incidente da Manchúria, houve o direcionamento do governo japonês em estabelecer indústrias de base e infra-estrutura nos territórios ocupados na Coréia, China, Manchúria e Taiwan para o esforço de guerra. Em 1937, a ocorrência da II Guerra Sino-Japonesa deu um novo impulso aos investimentos japoneses nos territórios, que já estavam ocupados pelo Japão, pois cada vez mais o governo japonês os incentivava, principalmente nas indústrias de base e de capital.

E a entrada do Japão numa guerra de grande escala - a Segunda Guerra Mundial - fez com que o esforço de guerra tornasse cada vez maior os investimentos japoneses naqueles territórios ocupados.

Com a expansão do território japonês através das guerras e tratados, os investimentos concentraram-se no Leste Asiático. Cada um dos tratados e das guerras considerados individualmente como pequenos acidentes históricos, determinou uma trajetória particular selecionando aquela região, tornando-se a área escolhida entre as alternativas que incluíam também outras regiões. A história inicial dos investimentos em consequência daqueles eventos e das oportunidades advindas determinou que aquela região se transformasse na opção primordial das inversões japonesas. Ou seja, as opções realizadas no passado impuseram restrições a novas opções, determinando um padrão para a concentração dos investimentos no Leste Asiático.

Portanto, a oportunidade das empresas investirem no Leste Asiático fez com que essa região tendesse a permanecer como o padrão de localização: à medida que se ampliava o

território, as empresas investiam em cada área ocupada pelo Japão, adquiriram experiência cada vez maior no processo de investimento na região, propiciando auto-reforço e feedbacks positivos para se concentrarem na área.

Vimos que houve o auto-reforço de investimentos japoneses na região, sendo que o aumento da importância do Leste Asiático para a economia japonesa encorajou empresas a realizarem mais investimentos: as circunstâncias dadas pelas guerras e tratados levaram à predominância dos interesses econômicos japoneses por aquela região.

O resultado do processo do padrão de localização dos investimentos foi sujeito aos acidentes históricos. Essa solução foi selecionada dinamicamente, pela seqüência histórica dos eventos. Desse modo, uma região pôde liderar a concentração desses investimentos às expensas de outras.

Uma vez que houve o processo dinâmico dos eventos históricos que tendia a levar àquele padrão dos investimentos japoneses a se concentrarem no Leste Asiático, tornou-se difícil escapar desta trajetória de fluxos. Cada vez mais as empresas investiam no Leste Asiático de forma que melhorava a possibilidade de escolha desta região para os investimentos. O auto-reforço dos investimentos nessa área, a tornou dominante, de forma que diminuíram as possibilidades de investimentos noutras regiões.

Concluimos que o aumento e a concentração dos investimentos japoneses no Leste Asiático foi devida à influência de eventos temporalmente remotos, tal como a abertura da economia e a industrialização, e pela sucessão de acontecimentos – eventos históricos - dominados por oportunidades, dadas pela expansão do território propiciada por guerras e tratados.

Mostramos que o modelo *path dependence* da economia evolucionária tem aplicação em economia internacional, sendo uma alternativa teórica adequada para analisar os fluxos econômicos internacionais. Futuras pesquisas, utilizando esse escopo teórico, poderiam abranger as razões da prevalência de determinadas origens geográficas dos investimentos externos para o Brasil; questões relativas à contribuição dos investimentos japoneses

anteriores à Segunda Guerra Mundial no Leste Asiático para a industrialização e desenvolvimento dessa região no pós-guerra e o estudo de destino e origem de intercâmbios comerciais de longo prazo. Que possamos entrar em *lock-in* para realizar pesquisas acadêmicas cada vez mais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADLER, MICHAEL & STEVENS, GUY, V. G. (1974). "The Trade Effects of Direct Investment". Reeditado In: BUCKLEY, PETER (ed.) (1990). *International Investment*. Andershot & Brookfield: Edward Elgar. pp. 193 - 214.
- AKAMATSU, KANAME (1943). "Shinkokoku sangyo hatten no ganko keitai". [O modelo "flying wild geese" de desenvolvimento das novas economias industrializadas]. In: *Ueda Teijiro Hakase Kinen Ronbunshu*. Vol. 4. Tokyo: Kagaku shugui kogyoshazohan.
- AKAMATSU, KANAME (1956). "Waga kuni sangyo hatten no ganko keitai - kikaiki dogugyo ni tsuite" [O modelo "flying wild geese" de desenvolvimento industrial japonês: a indústria de ferramentas para máquinas]. *Ikko Ronso*. 36(5).
- AKAMATSU, KANAME (1961). "Theory of Unbalanced Growth in the World Economy". *Weltwirtschaftliches Archiv*. Band 86: 197 - 217.
- AKAMATSU, KANAME (1962). "A Historical Pattern of Economic Growth in Developing Countries". *The Developing Economies*, 1 (March-August): 3-25.
- ALIBER, ROBERT Z. (1993). *The Multinational Paradigm*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- ALLEN, G. C. (1940). "Japanese industry: its organization and development to 1937". In: SCHUMPETER, E.B. (ed.) *Industrialization of Japan and Manchukuo, 1930-40: population, raw materials and industry*. New York: Macmillan.
- ALLEN, G.C. (1980). *Japan's Economic Policy*. London: Macmillan.
- ANDERSEN, E.S. (1997). *The Beginnings of a FAQ of Evolutionary Economics*. <http://www.business.auc.dk/evolution/evolecon/faq.html>. 18 July 1997.
- ANDERSON, K. & TYERS, R. (1992). "Japanese Rice Policy in the Interwar Period: some consequences of imperial self sufficiency". *Japan and the World Economy*. Vol.4. N. 2. pp. 103 - 127.
- AOKI, MASAHIRO (1988). *Information, Incentives and Bargaining in the Japanese Economy*. Cambridge: Cambridge University Press.
- AOKI, MASAHIRO & Okuno-Fujiwara, Masahiro (1996). *Keizai Shisutemuno Hikaku Seido Bunseki*. [Análise institucional comparativa: uma nova abordagem para sistemas econômicos]. Tokyo: University of Tokyo Press.
- ARRIGHI, GIOVANNI (1994). *O longo século XX: dinheiro, poder e as origens de nosso tempo*. Rio de Janeiro e São Paulo: Contraponto e Unesp.
- ARTHUR, BRIAN W. (1988). "Self-Reinforcing Mechanisms in Economics". In: ANDERSON, P.W.; ARROW, K.J.; PINES, D. (ed.). *The Economy as an Evolving Complex System*. Reading, Mass.: Addison-Wesley.
- ARTHUR, BRIAN W. (1989). "Competing Technologies, Increasing Returns, and Lock-In by Historical Small Events". *Economic Journal* 99 (March): 116-31.
- ARTHUR, BRIAN W. (1990). "Positive Feedbacks in the Economy". *Scientific American*. February: 92-99.
- ARTHUR, BRIAN W. (1994). *Increasing Returns and Path Dependence in the Economy*. Ann Arbor: The University of Michigan Press.
- BALASSA, BELA (1989). *New Directions in the World Economy*. Basingstoke: Macmillan.
- BALDWIN, RICHARD (1990). "Factor Market Barriers are Trade Barriers: gains for trade from 1992". *European Economic Review* 34(4): 831 - 45.
- BEASLEY, W. G. (1963). *Historia Moderna del Japón*. Buenos Aires: Sur.
- BEASLEY, W.G. (1987). *Japanese Imperialism, 1894-1945*. Oxford: Oxford University Press.
- BISSON, T. A. (1936). "Japan's Trade Boom. Does It Menace the United States ?". *Foreign Policy Reports*. No. 1. Vol. XII.
- BIX, HERBERT P. (1972). "Japanese Imperialism and the Manchurian Economy, 1900-1931". *China Quarterly*. 51 (July-Sep). pp. 425-443.
- BJORKMAN, I. & FORSGREN, M. (ed.) (1996). *The Nature of the International Firm*. Copenhagen: Copenhagen Business School Press.
- BRESSER-PEREIRA, L. C. (1981). *Estado e Subdesenvolvimento Industrializado*. São Paulo: Brasiliense.

- BRESSER-PEREIRA, L. C. (1989). "O caráter cíclico da intervenção estatal". *Revista de Economia Política*. Julho-Setembro.
- BRUDNOY, DAVID (1970). "Japan's Experiment in Korea". *Monumenta Nipponica* 25: 156-195.
- BUCKLEY, P.J. & CASSON, M. (1976). *The Future of the Multinational Enterprise*. Basingstone and London: Macmillan.
- BUCKLEY, PETER J. & CASSON, MARK (1981). "The Optimal Timing of a Foreign Direct Investment". Reeditado in: BUCKLEY, PETER J. (1990) (ed.). *International Investment*. Andershot & Brookfield: Edward Elgar.
- BUCKLEY, PETER J. & CASSON, MARK (1992). "Organizing for Innovation: the multinational enterprise in the twenty-first century". In: BUCKLEY, PETER J. & CASSON, MARK (ed.) (1992).
- BUCKLEY, PETER J. & CASSON, MARK (ed.) (1992). *Multinational Enterprises in the World Economy: essays in honor of John Dunning*. Aldershot & Brookfield: Edward Elgar.
- BUCKLEY, PETER J. & MIRZA, HAFIZ (1988). "The Strategy of Pacific Asian Multinationals". *The Pacific Review* 1(1).
- BUCKLEY, PETER J. & PEARCE, R.D. (1979). "Overseas Production and Exporting by the World's Largest Enterprises: A Study in Sourcing Policy". *Journal of International Business Studies*, 10(1), 9 - 20.
- BUCKLEY, PETER J. (1983). "Macroeconomic versus International Business Approach to Direct Foreign Investment: a comment on Professor Kojima's Interpretation". *Hitotsubashi Journal of Economics*. 24: 95 - 100.
- BUCKLEY, PETER J. (1985). "The Economic Analysis to the Multinational Enterprise: Reading versus Japan?". *Hitotsubashi Journal of Economics*. 26(2): 117 - 124.
- BUCKLEY, PETER J. (1990) (ed.). *International Investment*. Andershot & Brookfield: Edward Elgar.
- BUCKLEY, PETER J. (1991). "Kojima's Theory of Japanese Foreign Direct Investment Revisited". *Hitotsubashi Journal of Economics*. 32(2): 103 - 110.
- CASSON, MARK (1979). *Alternatives to the Multinational Enterprise*. London & Basingstoke: Macmillan.
- CASSON, MARK (1982). "The Theory of Foreign Direct Investment". Reeditado in BUCKLEY, PETER J. (ed.) (1990). pp. 243 - 73.
- CASSON, MARK (1985). "Multinationals and Intermediate Product Trade". In: BUCKLEY, P.J. & CASSON, M.C.. *Economic Theory of the Multinational Enterprise: Selected Papers*. London: Macmillan.
- CASSON, MARK (1986). *Multinationals and World Trade: Vertical Integration and the Division of Labor in World Industries*. London: Allen & Unwin.
- CASSON, MARK (ed.) (1983). *The Growth of International Business*. London: Allen.
- CASSON, MARK (ed.) (1990). *Multinational Corporations*. Aldershot & Brookfield: Edwin Edgar.
- CASSON, MARK (ed.) (1991). *Global Research Strategy and International Competitiveness*. Cambridge, Mass.: Basil Blackwell.
- CAVES, R.E. (1971). "International Corporations: the Industrial Economics of Foreign Investment". *Economica* 38: 1 - 27.
- CAVES, R.E. (1982). *Multinational Enterprise and Economic Analysis*. Cambridge: Cambridge University Press.
- CHANG, HAN-YU & MYERS, R. H. (1963). "Japanese Colonial Development Policy in Taiwan, 1895-1906: a case of bureaucratic entrepreneurship". *Journal of Asian Studies*, 22 (4). pp. 433-449.
- CHAO, KANG (1975). "The Growth of a Modern Cotton Textile Industry and the Competition with Handicrafts". In: PERKINS, DWIGHT H. (ed.) (1975). *China's Modern Economy in Historical Perspective*. Palo Alto: Stanford University Press. pp. 167-201.
- CHAO, KANG (1977). *The Development of Cotton Textile Production in China*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- CHAO, KANG (1982). *The Economic Development of Manchuria: the rise of a frontier economy*. Michigan Papers in Chinese Studies no. 43. Ann Arbor: Center for Chinese Studies.
- CHEN, EDWARD I-TE (1983). "Japanese Colonialism: na overview". In: WRAY, H. & CONROY, H. (eds.). *Japan Examined: perspectives on modern Japanese history*. Honolulu: University of Hawaii Press. pp. 201 - 207.

- CHEN, JIAN-AN (1992). "Japanese Firms with Direct Investments in China and their Local Management". In: TOKUNAGA, SHOJIRO (1992). pp. 257 - 272.
- CHOE, YONG-HO (1980). "The Japanese Colonial Period". In: KIM, HAN-KYO (ed.). *Studies on Korea: a scholar's guide*. Honolulu: University of Hawaii Press.
- CHUNG, YOUNG-IOB (1975). "Korean Investment Under Japanese Rule". In: KIM, C.I.E. & MORTIMORE, D.E. (eds.) (1975). *Korea's Response to Japan: the colonial period, 1910-1945*. Kalamazoo: Western Michigan University. pp. 15 - 41.
- CLEGG, JEREMY (1991). "Explaining Foreign Direct Investment Flows". In: BUCKLEY, PETER J. AND CASSON, MARK (ed.) (1992).
- CLEGG, L. J. (1987). "The Determinants of Multinational Enterprise: a comparative study of the US, Japan, UK, Sweden and West Germany". Reeditado in: CASSON, MARK (ed.) (1990).
- COASE, R. (1937). "The Nature of Firm". *Economica* 4: 386-405.
- COHEN, JEROME B. (1949). *Japan's Economy in War and Reconstruction*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- COHEN, JEROME B. (1958). *Japan's Postwar Economy*. Bloomington: Indiana University Press.
- CUMINGS, BRUCE (1984). *The Two Koreas*. New York: Foreign Policy Association.
- DAVID, PAUL (1985). "Clio and the Economics of QWERTY". *American Economic Review*. 75(2): 332-37.
- DERNBERGER, ROBERT F. (1975). "The Role of the Foreigner in China's Economic Development, 1840-1949". In: PERKINS, DWIGHT H. (ed.). *China's Modern Economy in Historical Perspective*. Palo Alto: Stanford University Press. pp. 19-47.
- DEYO, F. C. (ed.) (1987). *The Political Economy of the New Asian Industrialization*. Ithaca: Cornell University Press.
- DORE, R. & SINHA, R. (eds.) (1987). *Japan and World Depression Then and Now: essays in memory of E.F. Penrose*. London: Macmillan.
- DRYSDALE, PETER & GARNAUT, RESS (1982). "Trade Intensity and the Analysis of Bilateral Trade Flows in a Many Country World: a survey". *Hitotsubashi Journal of Economics*. 22 (2).
- DUNNING, JOHN H. (ed.) (1979). *Economic Analyses and the Multinational Enterprise*. London: George Allen & Unwin.
- DUNNING, JOHN H. (ed.) (1985). *Multinational Enterprise Economic Structure and International Competitiveness*. London: John Wiley & Sons.
- DUNNING, JOHN H. (1988). "The Eclectic Paradigm of International Production: a restatement and some possible extensions". *Journal of International Business Studies*, 19 (Spring): 1-31.
- DUNNING, JOHN H. (1988a). *International Production and the Multinational Production*. London: Allen & Unwin.
- DUNNING, JOHN H. (ed.) (1992). *Multinational Enterprise and the Global Economy*. Washington: Addison Wesley.
- DUUS, PETER (1983). "The Takeoff Point of Japanese Imperialism". In: WRAY, H. ; CONROY, H. (eds.). *Japan Examined: perspectives on modern Japanese history*. Honolulu: University of Hawaii Press. pp. 153 - 157.
- DUUS, PETER (1984). "Economic Dimensions of Meiji Imperialism: The Case of Korea, 1895 - 1910". In: MYERS, R. H. & PEATTIE, M. R. (eds.). *The Japanese Colonial Empire, 1895-1945*. Princeton: Princeton University Press.
- DUUS, PETER (1988). *The Cambridge History of Japan*, vol. 6. Cambridge: Cambridge University Press.
- DUUS, PETER (1989). "Zaikabo: Japanese Cotton Mills in China, 1895-1937". In: DUUS, PETER; MYERS, RAMON H.; PEATTIE, MARK R. (eds.) (1989). *The Japanese Informal Colonial Empire in China, 1895-1937*. Princeton: Princeton University Press. pp. 65-100.
- DUUS, PETER (1989). *Introduction*. In: DUUS, PETER; MYERS, RAMON H.; PEATTIE, MARK R. (eds.) (1989). *The Japanese Informal Colonial Empire, 1895-1937*. Princeton: Princeton University Press. pp. xi - xxix.
- DUUS, PETER (1995). *The Abacus and the Sword: the Japanese penetration of Korea, 1895-1910*. Berkeley: University of California Press.

- DUUS, PETER (1996). "Japan's Wartime Empire: problems and issues". In: DUUS, PETER; MYERS, RAMON H.; PEATTIE, MARK R. (eds.). *The Japanese Wartime Empire, 1931-1945*. Princeton: Princeton University Press. pp. xi – xlvii.
- DUUS, PETER; MYERS, RAMON H.; PEATTIE, MARK R. (eds.) (1989). *The Japanese Informal Colonial Empire in China, 1895-1937*. Princeton: Princeton University Press.
- DUUS, PETER; MYERS, RAMON H.; PEATTIE, MARK R. (eds.) (1996). *The Japanese Wartime Empire, 1931-1945*. Princeton: Princeton University Press.
- ECKERT, C. J. (1996). "Total War, Industrialization, and Social Change in Late Colonial Korea". In: DUUS, PETER; MYERS, RAMON H.; PEATTIE, MARK R. (eds.) (1996). *The Japanese Wartime Empire, 1931-1945*. Princeton: Princeton University Press. pp. 3 – 39.
- ECKSTEIN, A.; CHAO, KANG & CHANG, J. (1974). "The Economic Development of Manchuria: the rise of a frontier economy". *Journal of Economic History*, XXXIV (March). pp. 239-264.
- EGLER, DAVID G. (1983). "Pan-Asianism in Action and Reaction". In: WRAY, H. & CONROY, H. (eds.) (1983). *Japan Examined: perspectives on modern Japanese history*. Honolulu: University of Hawaii Press. pp. 229 – 236.
- ETHIER, WILFRED J. (1986). "The Multinational Firm". *Quarterly Journal of Economics* 101 (4): 805 – 833.
- GHERTAN, M. (1988). "Foreign Subsidiary and Parent's Roles During Strategic Investment and Desinvestment Decisions". *Journal of International Business Studies* 19: 47 – 67.
- GINSBURG, NORTON S. (1952-53). "Taiwan: a resource analysis of an oriental economy". *Economic Development and Cultural Change*. Vol. 1. pp. 37 – 56, 110 – 131.
- GOLD, THOMAS B. (1988). "Colonial Origins of Taiwanese Capitalism". In: WINCKLER, E. A. & GREENHALGH, S. (eds.). *Contending Approaches to the Political Economy of Taiwan*. Armonk, New York: M.E. Sharpe. pp. 101 – 117.
- GOLDSBOROUGH, D. J. (1981). "International Trade of Multinational Corporations and its Responsiveness as Changes in Aggregate Demand and Relative Prices". *IMF Staff Papers* no. 28, sept. pp. 573 – 599.
- GOODMAN, GRANT K. (1967). *Imperial Japan and Asia: a reassessment*. New York: East Asia Institute, Columbia University.
- GRABOWSKI, RICHARD (1988). "Taiwanese Economic Development: an alternative interpretation". *Development and Change*, vol. 19, no. 1. pp. 53-67.
- GRAJDANZEV, ANDREW J. (1941). "Korea: example of de-colonization". *Amerasia* 4. pp. 523-517.
- GRAJDANZEV, ANDREW J. (1942). *Formosa Today: an analysis of economic development and strategic importance of Japan's tropical colony*. New York: Institute of Pacific Relations.
- GRAJDANZEV, ANDREW J. (1944). *Modern Korea*. New York: Institute of Pacific Relations.
- GRAY, H. PETER (1985). "Multinational Corporations and Global Welfare: an extension of Kojima and Ozawa". *Hitotsubashi Journal of Economics*. 26(2) : 125 – 134.
- GRAY, H. PETER (1992). "The Interface Between the Theories of International Trade and Production". In: BUCKLEY, PETER J. & CASSON, MARK (ed.) (1992). pp. 41 – 53
- GREENHALGH, SUSAN (1988). "Supranational Processes of Income Distribution". In: WINCKLER, E. A. & GREENHALGH, S. (eds.). *Contending Approaches to the Political Economy of Taiwan*. Armonk, New York: M.E. Sharpe. pp. 67 – 100.
- GRIMWADE, NIGEL (1989). *International Trade: new patterns of trade, production and investment*. London and New York: Routledge.
- HAGIHARA, NOBUTOSHI (1985). "What Japan Means to the Twentieth Century". In: HAGIHARA, N.; IRIE, A.; NIVAT, G.; WINDSOR, P. (eds.). *Experiencing the Twentieth Century*. Tokyo: University of Tokyo. pp. 15 – 29.
- HAKANSSON, H. & LUNDGREN, A. (1997). "Paths in Time and Space – Path Dependence in Industrial Networks". In: MAGNUSSON, L. & OTTOSSON, J. (eds.). *Evolutionary Economics and Path Dependence*. Cheltenham & Brookfield: Edward Elgar Publishing Company. pp. 119-137.
- HAN-YU, CHANG & MYERS, R. H. (1963). "Japanese Colonial Development Policy in Taiwan, 1895-1906: A Case of Bureaucratic Enterpreneurship". *Journal of Asian Studies*. 22 (4). pp. 433-449.

- HARRINGTON, ANN M. (1983). "Meiji Imperialism: "Not Based on Preordained Design". In: WRAY, H. & CONROY, H. (eds.) (1983). *Japan Examined: perspectives on modern Japanese history*. Honolulu: University of Hawaii Press. pp. 131-135.
- HASEGAWA, SHINJI (1990). "Naibuka riron no saikochiku - takokuseki kigyo no riron". [A teoria da internalização reconstruída - uma teoria para as empresas multinacionais]. *Sekai keizai hyoron*. May-jun.
- HATA, IKUHIRO (1988). "Continental Expansion, 1905 - 1941". In: DUUS, PETER. *The Cambridge History of Japan*, vol. 6. Cambridge: Cambridge University Press. pp. 271 - 314.
- HELPMAN, E. & KRUGMAN, P. (1985). *Market Structure and Foreign Trade: Increasing Returns, Imperfect Competition and the International Economy*. Cambridge, MA: MIT Press.
- HILLAMAN, ARYE & URSPRUG, H. W. (1993). "Multinational Firms, Political Competition and International Trade Policy". *International Economic Review* 34(2), may.
- HO, SAMUEL P. S. (1971). "The Developing Policy of the Japanese Colonial Government in Taiwan, 1895-1945". In: RANIS, GUSTAV (ed.). *Government and Economic Development*. New Haven: Yale University Press. pp. 287-331.
- HO, SAMUEL P. S. (1975). "The Economic Development of Colonial Taiwan: evidence and interpretation". *Journal of Asian Studies*, 34 (2), February. pp. 417-439.
- HO, SAMUEL P. S. (1978). *Economic Development of Taiwan, 1860-1970*. New Haven: Yale University Press.
- HODGSON, G.M. (1994). "Precursors of Modern Evolutionary Economics: Marx, Marshall, Veblen and Schumpeter". In: ENGLAND, R.W. (ed.) *Evolutionary Concepts in Contemporary Economics*. Ann Arbor: The University of Michigan Press. pp. 9 - 35.
- HORAGUCHI, HARUO (1992). *Nihon kigyo no kaigai chokusetsu toshi - ajia eno sinsutsu to tettai* [O investimento direto estrangeiro das empresas japonesas: investimento e desinvestimento na Ásia]. Tokyo: University of Tokyo Press.
- HORST, T. O. (1971). "The Theory of Multinational Firm: optimal behaviour under different tariff and tax rates". Reeditado in: BUCKLEY, PETER (ed.). *International Investment*. Andershot & Brookfield. Edward Elgar. pp.179 - 196.
- HORST, T. O. (1972). "Firm and Industry Determinants of the Decision to Invest Abroad: an empirical study". *Review of Economics and Statistics* 54. pp. 254 - 266.
- HORSTMANN, IGNATUS & MARKUSEN, J. R. (1987). "Strategic Investments and the Development of Multinationals". *International Economic Review* 28(1): 109 - 21.
- HORSTMANN, IGNATUS & MARKUSEN, J. R. (1989). "Firm Specific Assets and the Gains from Direct Foreign Investment". Reeditado in: BUCKLEY, PETER (ed.). *International Investment*. Andershot & Brookfield. Edward Elgar. pp.287 - 293.
- HOU, CHI-MING (1965). *Foreign Investment and Economic Development in China*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- HOWE, CHRISTOPHER (1987). "Japan's Economic Experience in China before the Establishment of the People's Republic of China: a Retrospective Balance-sheet". In: DORE, R. & SINHA, R. (eds.). *Japan and World Depression Then and Now: essays in memory of E.F. Penrose*. London: Macmillan. pp. 155 - 177.
- HOWE, CHRISTOPHER (1996). *The Origins of Japanese Trade Supremacy: development and technology in Asia from 1540 to the Pacific War*. Chicago: University of Chicago Press.
- HUBER, J.R. (1971). "Effect on Prices of Japan's Entry into World Commerce after 1858". *Journal of Political Economy*, 79 (3): 614-628.
- HUNSBERGER, WARREN S. (1964). *Japan and the United States in World Trade*. New York: Harper & Row.
- HYMER, S. H. (1960). *The International Operations of National Firms: a study of direct foreign investment*. Cambridge, MA: MIT Press.
- HYMER, S. H. (1968). "Le Grande 'Corporation' Multinationale: analyse de certaines raisons qui pousseent à l'integration internationale des affaires". *Revue Economique*. no. 14, pp. 949 - 973.

- INOUE, TADAKATSU (1984). "A Comparison of the Emergence of Multinational Manufacturing by U.S., European, and Japanese Firms". In: OKOCHI, A. & INOUE, T. . *Overseas Business Activities*. Tokyo: University of Tokyo Press. pp. 3 – 20.
- INTERNATIONAL Directory of Company Histories (1988). Vol I. Chicago & London: St. James Press.
- INTERNATIONAL Directory of Company Histories (1990). Vol II. Chicago & London: St. James Press.
- INTERNATIONAL Directory of Company Histories (1991). Vol III. Chicago & London: St. James Press.
- INTERNATIONAL Directory of Company Histories (1991a). Vol IV. Chicago & London: St. James Press.
- INTERNATIONAL Directory of Company Histories (1995). Vol V. Chicago & London: St. James Press.
- IRIYE, AKIRA (1967). "The Ideology of Japanese Imperialism: Imperial Japan and China". In: GOODMAN, GRANT K. (1967). *Imperial Japan and Asia: a reassessment*. New York: The East Asia Institute, Columbia University. pp. 32-51.
- IRIYE, AKIRA (1970). "Imperialism in East Asia". In: CROWLEY, JAMES (ed.). *Modern East Asia: essays in interpretation*. New York: Harcourt, Brace & World. pp. 112-150.
- IRIYE, AKIRA (1974). "The Failure of Economic Expansionism: 1918 – 1931". In: SILBERMAN, B. S. & HAROOTUNIAN, H. D. (eds.). *Japan in Crisis: essays on Taisho democracy*. Princeton: Princeton University Press.
- IRIYE, AKIRA (ed.) (1980). *The Chinese and the Japanese: essays in political and cultural interactions*. Princeton University Press.
- IWATA, RYUSHI (1974). "Marketing Strategy and Market Structure in Three Nations: the United States, the United Kingdom, and Japan". In: NAKAGAWA, KEIICHIRO. *Strategy and Structure of Big Business*. The International Conference on Business History 1. Tokyo: University of Tokyo Press. pp. 177 – 195.
- JANSEN, MARIUS B. (1985). "Meiji Ishin: the political context". In: NAGAI, MICHIO & URRUTIA, MIGUEL. *Meiji Ishin: restoration and revolution*. Tokyo: United Nations University. pp. 3 – 19.
- JAPAN. Ministry of Finance. Division of External Capital (1945). *Zaigai Zaisan Nado no Hokokuni Kansuru Okurasho Rei* [Regras do Ministério das Finanças para Apresentação de Balanço de Ativos Externos]. Tokyo.
- JOHN, DANIEL SUNGIL (1973). "The Development of Korean Entrepreneurship". In: NAHM, ANDREW C. (ed.). *Korea Under Japanese Colonial Rule*. Kalamazoo: Center for Korean Studies, Western Michigan University. pp. 113 – 134.
- KA, CHIH-MING (1995). *Japanese Colonialism in Taiwan: land tenure, development and dependency, 1895-1945*. Boulder, Colorado: Westview Press.
- KANEKO, FUMIO (1982). "Prewar Japanese Investments in Colonized Taiwan, Korea and Manchuria, a quantitative analysis". *Annals of the Institute of Social Sciences*. no. 23: 82. Tokyo: Institute of Social Sciences. University of Tokyo.
- KANEKO, FUMIO (1996). "Amerika ni Okeru Nihon Shokuminchi Kenkyu Bunken Moruroku" [Referências bibliográficas das pesquisas nos Estados Unidos das colônias do Japão]. *Yokohama Shiritsu Daigaku Ronso Jinbunkagaku Keiretsu*. No. 3. Vol. 47.
- KIM, C.I.E. & MORTIMORE, D.E. (eds.) (1975). *Korea's Response to Japan: the colonial period, 1910-1945*. Kalamazoo: Western Michigan University.
- KIM, HAN-KYO (1973). "The Japanese Colonial Administration in Korea". In: NAHM, ANDREW C. (ed.). *Korea Under Japanese Colonial Rule*. Kalamazoo: Center for Korean Studies, Western Michigan University. pp. 41 – 53.
- KIM, HAN-KYO (1983). "Japanese Colonialism in Korea". In: WRAY, H. & CONROY, H. (eds.). *Japan Examined: perspectives on modern Japanese history*. Honolulu: University of Hawaii Press. pp. 222 – 228.
- KIMURA, M. (1995). "The Economics of Japanese Imperialism in Korea, 1910-1939". *The Economic History Review*. Vol. 48. No. 3. (Aug).
- KINDLEBERGER, C. (1969). *American Business Abroad: six lectures on direct investment*. Yale: Yale University Press.
- KOJIMA, KIYOSHI & OZAWA, TERUTOMO (1984). *Japan's General Trading Companies: merchants of economic development*. Paris: OECD.

- KOJIMA, KIYOSHI & OZAWA, TERUTOMO (1984). "Micro and Macro-Economic Models of Direct Foreign Investment Toward a Synthesis". *Hitotsubashi Journal of Economics*. 25: 1- 20.
- KOJIMA, KIYOSHI & OZAWA, TERUTOMO (1985). "Toward a Theory of Industrial Restructuring and Dynamic Comparative Advantage". *Hitotsubashi Journal of Economics*. 26(2) : 135 - 146.
- KOJIMA, KIYOSHI (1958). "Nihon keizai no ganko keitai teki hatten to boeki no yakuwari" [O papel do comércio externo pelo modelo "flying wild geese" de desenvolvimento econômico japonês]. *Ikko Ronso* 40(5).
- KOJIMA, KIYOSHI (1973). "A Macroeconomic Approach to Foreign Direct Investment". *Hitotsubashi Journal of Economics*. 14: 1- 21.
- KOJIMA, KIYOSHI (1975). "International Trade and Foreign Investment: Substitutes or Complements". *Hitotsubashi Journal of Economics*. 16 (1): 1 - 12.
- KOJIMA, KIYOSHI (1977). "Transfer of Technology to Developing Countries - Japanese Type versus American Type". *Hitotsubashi Journal of Economics*. 17 (2): 1 - 14.
- KOJIMA, KIYOSHI (1978). *Direct Foreign Investment: a Japanese model of multinational business operations*. New York: Praeger.
- KOJIMA, KIYOSHI (1978a). "Direct Foreign Investment to Developing Countries: the issue of over-presence". *Hitotsubashi Journal of Economics*. 19 (1-2): 1 - 17.
- KOJIMA, KIYOSHI (1982). "Macroeconomic versus International Business Approach to Direct Foreign Investment". *Hitotsubashi Journal of Economics*. 23: 1- 19.
- KOJIMA, KIYOSHI (1985a). "Japanese and American Direct Investment in Asia: a comparative analysis". *Hitotsubashi Journal of Economics*. 26(1): 1- 35.
- KOJIMA, KIYOSHI (1985b). "The Allocation of Japanese Direct Investment and its Evolution in Asia". *Hitotsubashi Journal of Economics*. 26(2): 99 - 116.
- KOJIMA, KIYOSHI (1987). "Agreed Specialization and Cross Direct Investment". *Hitotsubashi Journal of Economics*. dec: 87 - 105.
- KOJIMA, KIYOSHI (1989). "Theory of Internalisation by Multinational Corporations". *Hitotsubashi Journal of Economics*. 30 (2): 65 - 86.
- KOJIMA, KIYOSHI (1992). "Internalization vs. Cooperation of MNC's Business". *Hitotsubashi Journal of Economics*. 33: 1 - 17.
- KOMIYA, RYUTARO (1990). *The Japanese Economy: Trade, Industry and Government*. Tokyo: University of Tokyo Press.
- KRUGMAN, PAUL R. & OBSTFELD, MAURICE (1994). *International Economics: Theory and Policy*. New York: Harper Collins. Third edition.
- KRUGMAN, PAUL R. (1986). "New Thinking About Trade Policy". In: KRUGMAN, PAUL R. (1986). *Strategic Trade Policy and the New International Economics*. Cambridge: MIT Press.
- KRUGMAN, PAUL R. (1990). *Rethinking International Trade*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- KRUGMAN, PAUL R. (1991). *Geography and Trade*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- KUBLIN, HYMAN (1959). "The Evolution of Japanese Colonialism". *Comparative Studies in Society and History* 2, 1 (Oct.). pp. 67-84.
- KUPER, ADAM & KUPER, JESSICA (1996). *The Social Science Encyclopedia*. London and New York: Routledge.
- KUWABARA, TAKEO (1985). "The Meiji Revolution and Japan's Modernization". In: NAGAI, MICHIO & URRUTIA, MIGUEL. *Meiji Ishin: restoration and revolution*. Tokyo: United Nations University. pp. 20 - 28.
- KUWAHARA, TETSUYA (1982). "The Business Strategy of Japanese Cotton Spinners: overseas operations". In: OKOCHI, AKIO & YONEKAWA, S. . *The Textile Industry and its Business Climate*. The International Conference on Business History 8. Tokyo: University of Tokyo Press. pp. 139-166.
- KUWAHARA, TETSUYA (1989). "The Japanese Cotton Spinners' Direct Investments into China before the Second World War". In: TEICHOVA, ALICE; LÉVY-LEBOYER, M.; NUSSBAUM, H.. *Historical Studies in International Corporate Business*. Cambridge & Paris: Cambridge University Press & Éditions de la Maison des Sciences de L'Homme. pp. 151-162.

- KUWAHARA, TETSUYA (1990). *Trends in Research on Overseas Expansion by Japanese Enterprises Prior to World War II*. Japanese Yearbook on Business History. Tokyo: Japan Business History Institute. pp. 61 – 81.
- LALL, SANJAYA (1978). "The Pattern of Intra-firm exports by U.S. Multinationals". In: CASSON, MARK (ed.). (1990). *Multinational corporations*. Aldershot and Bookfield: Edward Elgar. pp. 311 - 324.
- LANDES, DAVID S. (1998). *The Wealth and Poverty of Nations: why some are so rich and some so poor*. New York & London: W. W. Norton.
- LEE, CHING H. (1980). "United States and Japanese Direct Investment in Korea: a comparative study". *Hitotsubashi Journal of Economics*. 20 (2): 26 - 41.
- LEE, CHUNG H. (1990). "Direct Foreign Investment, Structural Adjustment, and International Division of Labor: a dynamic macroeconomic theory of direct foreign investment". *Hitotsubashi Journal of Economics*. 31: 61 - 72.
- LIPSEY, ROBERT E. & WEISS, M. Y. (1981). "Foreign Production and Exports in Manufacturing Industries". *The Review of Economics and Statistics*. 63(4): 488 - 494.
- LIPSEY, ROBERT E. & WEISS, M. Y. (1984). "Foreign Production and Exports of Individual Firms". *The Review of Economics and Statistics*. 66(2): 304 - 308.
- MARTIN, SUSAN B. (ed.) (1995). *Notable Corporate Chronologies*. Vols. 1 & 2. Gale Research.
- MASON, R. H. (1980). "A Comment on Professor Kojima's Japanese Type versus American Type of Technology Transfer". *Hitotsubashi Journal of Economics*. 20(2): 42 - 52.
- MAYO, MARLENE J. (1967). "Attitudes Toward Asia and the Beginnings of Japanese Empire". In: GOODMAN, GRANT K.. *Imperial Japan and Asia: a reassessment*. New York: East Asia Institute, Columbia University. pp. 6 – 31.
- MENAMARA, DENNIS L. (1986). "Comparative Colonial Response: Korea and Taiwan, 1895-1919". *Korean Studies*. 10. pp. 54-68.
- MENAMARA, DENNIS L. (1990). *The Colonial Origins of Korean Enterprise, 1910-1945*. Cambridge: Cambridge University Press.
- MENAMARA, DENNIS L. (1996). *Trade and Transformation in Korea, 1876-1945*. Boulder, Colorado: Westview Press.
- MIZOGUCHI, T. & YAMAMOTO, YUZO (1984). "Capital Formation in Taiwan and Korea". In: MYERS, R. H. & PEATTIE, M. R. (eds.). *The Japanese Colonial Empire, 1895-1945*. Princeton: Princeton University Press. pp. 399 – 419.
- MIZOGUCHI, T. (1974). "Foreign Trade in Taiwan and Korea Under Japanese Rule". *Hitotsubashi Journal of Economics* 14 (February). pp. 37-53.
- MIZOGUCHI, T. (1989). "The Changing Pattern of Sino-Japanese Trade, 1884-1937". In: DUUS, PETER; MYERS, RAMON H.; PEATTIE, MARK R. (eds.) (1989). *The Japanese Informal Colonial Empire in China, 1895-1937*. Princeton: Princeton University Press. pp. 10-30.
- MOLONY, BARBARA (1989). "Noguchi Jun and Nichitsu: colonial investment strategy of a high-technology enterprise". In: WRAY, WILLIAM D. (ed.). *Managing Industrial Enterprise: cases from Japan's prewar experience*. Cambridge, MA.: Harvard University Press. pp. 229 – 268.
- MOLONY, BARBARA (1990). *Technology and Investment: the prewar Japanese chemical industry*. Cambridge, MA.: Harvard University Press.
- MORISHIMA, MICHIO (1982). *Why has Japan "succeeded"?: Western technology and the Japanese ethos*. Cambridge: Cambridge University.
- MORRIS-SUZUKI, TESSA (1994). *The Technological Transformation of Japan: from the seventeenth to the twenty-first century*. Cambridge: Cambridge University Press.
- MYERS, R. H. & PEATTIE, M. R. (eds.) (1984). *The Japanese Colonial Empire, 1895-1945*. Princeton: Princeton University Press.
- MYERS, R. H. (1989). "Japanese Imperialism in Manchuria: The South Manchuria Railway Company, 1906-1933". In: DUUS, PETER; MYERS, RAMON H.; PEATTIE, MARK R. (eds.) (1989). *The Japanese Informal Colonial Empire in China, 1895-1937*. Princeton: Princeton University Press. pp. 101-132.

- MYERS, R. H. (1996). "Creating a Modern Enclave Economy: The Economic Integration of Japan, Manchuria and North China, 1932-1945". In: DUUS, PETER; MYERS, RAMON H.; PEATTIE, MARK R. (eds.) (1996). *The Japanese Wartime Empire, 1931-1945*. Princeton: Princeton University Press. pp. 136-170.
- NAHM, ANDREW C. (ed.) (1973). *Korea Under Japanese Colonial Rule*. Kalamazoo: Center for Korean Studies, Western Michigan University
- NAKAGANE, KATSUJI (1989). "Manchukuo and Economic Development". In: DUUS, PETER; MYERS, RAMON H.; PEATTIE, MARK R. (eds.) (1996). *The Japanese Wartime Empire, 1931-1945*. Princeton: Princeton University Press. pp. 133-157.
- NAKAMURA, JAMES I. (1974). "Incentives, Productivity Gaps and Agricultural Growth Rates in Prewar Japan, Taiwan and Korea". In: SILBERMAN, B. S.; HAROOTUNIAN, H. D. (eds.). *Japan in Crisis: essays on Taisho democracy*. Princeton: Princeton University Press. pp. 329 - 373
- NAKAMURA, TAKAFUSA (1980). "Japan's Economic Thrust into North China, 1933-1938: Formation of the North China Development Corporation". In: IRIYE, AKIRA (ed.) (1980). *The Chinese and the Japanese: essays in political and cultural interactions*. Princeton University Press. pp. 220-253.
- NAKAMURA, TAKAFUSA (1983). *Economic Growth in Pre-War Japan*. New Haven & London: Yale University Press.
- NAKAMURA, TAKAFUSA (1996). "The Yen Bloc, 1931 - 1941". In: DUUS, PETER; MYERS, RAMON H.; PEATTIE, MARK R. (eds.). *The Japanese Wartime Empire, 1931-1945*. Princeton: Princeton University Press. pp. 171 - 186.
- NISHIKAWA & SAITO (1985). "The Economic History of the Restoration Period". In: NAGAI, MICHIO & URRUTIA, MIGUEL. *Meiji Ishin: restoration and revolution*. Tokyo: United Nations University. pp. 175 - 191.
- NORTH, DOUGLASS C. (1990). *Institutions, Institutional Chance, and Economic Performance*. Cambridge & New York: Cambridge University Press.
- OH, BONNIE B. (1983). "Meiji Imperialism: 'Phenomenally Rapid'". In: WRAY, H. & CONROY, H. (eds.) (1983). *Japan Examined: perspectives on modern Japanese history*. Honolulu: University of Hawaii Press. pp. 125-130.
- OHKAWA, K. & SHINOHARA, M. (eds.) (1979). *Patterns of Japanese Economic Development: a Quantitative Appraisal*. New Haven & London: Yale University Press.
- OHKAWA, K. (1979). "Aggregate Growth and Product Allocation". In: OHKAWA, K. & SHINOHARA, M. (eds.). *Patterns of Japanese Economic Development: a Quantitative Appraisal*. New Haven & London: Yale University Press. pp. 5 - 33.
- PAULEY, EDWIN W. (1946). *Report on Japanese Assets in Manchuria to the President of the United States*. Washington, D.C.
- PAULEY, EDWIN W. (1946a). *Report on Japanese Assets in Soviet-Occupied Korea to the President of the United States*. Washington, D.C.
- PEATTIE, MARK R. (1983). "Japanese Colonialism: discarding the stereotypes". In: WRAY, H. & CONROY, H. (eds.). *Japan Examined: perspectives on modern Japanese history*. Honolulu: University of Hawaii Press. pp. 208 - 213.
- PEATTIE, MARK R. (1984). "Introduction". In: MYERS, R. H. & PEATTIE, M. R. (eds.). *The Japanese Colonial Empire, 1895-1945*. Princeton: Princeton University Press. pp. 3- 58.
- PEATTIE, MARK R. (1988). "The Japanese Colonial Empire". In: DUUS, PETER (ed.) . *The Cambridge History of Japan*, vol. 6. Cambridge: Cambridge University Press. pp. 217 - 270.
- PENROSE, E.T. (1956). "Foreign Investment and the Growth of the Firm" reprinted in PENROSE, E.T. (1971). *The Growth of Firms, Middle East Oil and Other Essays*. London: Cass.
- RANIS, GUSTAV & SCHIVE, CHI (1985). "Direct Foreign Investment in Taiwan's Development". In: GALESON, WALTER (ed.). *Foreign Trade and Investment: economic development in the new industrializing Asian countries*. Madison & London: University of Wisconsin Press. pp. 85-137.
- RAPP, WILLIAN (1975). "The Many Possible Extensions of Product Cycle Analysis". *Hitotsubashi Journal of Economics*. 16 (1)

- RAWSKI, THOMAS G. (1975). "The Growth of Producer Industries". In: PERKINS, DWIGHT H. (ed.) *China's Modern Economy in Historical Perspective*. Palo Alto: Stanford University Press. pp. 203 - 234.
- RAWSKI, THOMAS G. (1989). *Economic Growth in Pre-War China*. Berkeley: University of California Press.
- REISCHAUER & CRAIG (1978). *Japan: Tradition and Transformation*. Tokyo: Charles E. Tuttle.
- REMER, CHARLES F. (1933). *Foreign Investments in China*. New York: Macmillan.
- ROBERTS, J. G. (1973). *Mitsui: three centuries of Japanese business*. New York: Weatherhill.
- ROEHL, THOMAS (1983). "A Transactions Cost Approach to International Trading Structures: the case of the Japanese general trading companies". *Hitotsubashi Journal of Economics*. 24: 119 - 135.
- RUGMAN, ALAN M. & VERBEKE, ALAIN (1988). "Strategic Responses to Free Trade". *Hitotsubashi Journal of Commerce and Management*. 23 : 69 - 79.
- RUGMAN, ALAN M. & VERBEKE, ALAIN (1990). "Strategic Trade Policy is not a Good Strategy". *Hitotsubashi Journal of Commerce and Management*. 25 : 75 - 97.
- RUGMAN, ALAN M. (1980). "A New Theory of the Multinational Enterprise: Internationalization versus Internalization". *Columbia Journal of World Business*, 15 (1): 23-29.
- SATO, CLÁUDIO S. (1994). *Determinantes do Investimento Direto Estrangeiro na Década de Oitenta: o caso do Japão*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas.
- SCHUMPETER, E.B. (1940). "Japan, Korea and Manchukuo, 1936 - 1940". In: SCHUMPETER, E.B. (ed.). *Industrialization of Japan and Manchukuo, 1930-40: population, raw materials and industry*. New York: Macmillan. pp. 271 - 474.
- SCHUMPETER, E.B. (ed.) (1940). *Industrialization of Japan and Manchukuo, 1930-40: population, raw materials and industry*. New York: Macmillan.
- SHIBAHARA, TAKUJI (1985). "Japan's Modernization from the Perspective of International Relations". In: NAGAI, MICHIO & URRUTIA, MIGUEL. *Meiji Ishin: restoration and revolution*. Tokyo: United Nations University. pp. 61 - 72.
- SHINOHARA, MIYOHEI (1964). "Economic Development and Foreign Trade in Pre-War Japan". In: COWAN, C.D. (1964). *The Economic Development of China and Japan*. New York & London: Frederick A. Praeger. pp. 220-248.
- SIH, PAUL K. T. (1973). *Taiwan in Modern Times*. New York: St. John's University Press.
- SILBERMAN, B. S. & HAROOTUNIAN, H. D. (eds.) (1974). *Japan in Crisis: essays on Taisho democracy*. Princeton: Princeton University Press.
- STORRY, RICHARD (1979). *Japan and the Decline of the West in Asia, 1894-1943*. New York: St. Martin's Press.
- SUH, CHANG CHUL (1978). *Growth and Structural Change in the Korean Economy, 1910-1940*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- SUH, SANG CHUL (1978). "Foreign Capital and Development Strategy in Korea". *Korean Studies* 2. pp. 67-94.
- SUMIYA, MIKIO & TAIRA, KOJI (1979). *An Outline of Japanese Economic History 1603 - 1940; major works and research findings*. Tokyo: University of Tokyo Press.
- SUN, KUNG TU & HUENEMANN, R. (1969). *The Economic Development of Manchuria in the First Half of the Twentieth Century*. Cambridge, MA.: Harvard East Asian Monographs no. 28.
- TEICHOVA, ALICE; LÉVY-LEBOYER, M.; NUSSBAUM, H. (1989). *Historical Studies in International Corporate Business*. Cambridge & Paris: Cambridge University Press & Éditions de la Maison des Sciences de L'Homme.
- TOKUNAGA, SHUJIRO (ed.) (1992). *Japan's Foreign Investment and Asian Economic Interdependence*. Tokyo: University of Tokyo Press.
- TSURUMI, E. PATRICIA (1983). "Colonizer and Colonized in Taiwan". In: WRAY, H. & CONROY, H. (eds.) (1983). *Japan Examined: perspectives on modern Japanese history*. Honolulu: University of Hawaii Press. pp. 214 - 221.
- UNITED NATIONS (1993). *Foreign Investment and Trade Linkages in Developing Countries*. New York: United Nations

- UNITED STATES OF AMERICA (1941). Records of the War Department. General and Special Staffs. Military Intelligence Division. Regional File. *Japan's Foreign Commercial Relations*. RG 165. Box 2121. Washington, D.C.: National Archives and Records Administration.
- UNITED STATES OF AMERICA (1942). Records of the War Department. General and Special Staffs. Military Intelligence Division. Regional File. *Japanese Economic Penetration, Section I, Japan's Foreign Trade Policy after 1931*. RG 165. Box 2120. Washington, D.C.: National Archives and Records Administration.
- UNITED STATES OF AMERICA (1945). Supreme Commander for the Allied Powers (SCAP). Civil Property Custodian. Property Liquidation Division. External Assets Branch. *External Assets Group 7500*. RG 331. Box 3712. Washington, D.C.: National Archives and Records Administration.
- UNITED STATES OF AMERICA (1946). Supreme Commander for the Allied Powers (SCAP). Civil Property Custodian. Property Liquidation Division. External Assets Branch. *External Assets Group 7500 Research by Dr. Noss*. RG 331. Box 3712. Washington, D.C.: National Archives and Records Administration.
- UNITED STATES OF AMERICA (1946a). Supreme Commander for the Allied Powers (SCAP). Civil Property Custodian. Reparations Property Division. Reparations Branch. *Maxell letter, Pauley Commission*. RG 331. Box 4649. Washington, D.C.: National Archives and Records Administration.
- UNITED STATES OF AMERICA (1946b). Supreme Commander for the Allied Powers (SCAP). Civil Property Custodian. Reparations Property Division. Reparations Branch. *Zaibatsu Reparations*. RG 331. Box 4649. Washington, D.C.: National Archives and Records Administration.
- UNITED STATES OF AMERICA (1947). Supreme Commander for the Allied Powers (SCAP). Civil Property Custodian. Property Liquidation Division. External Assets Branch. *Japanese Capital Investments in Principal Areas of Northeastern Asia*. RG 331. Box 3710. Washington, D.C.: National Archives and Records Administration.
- UNITED STATES OF AMERICA (1947a). Supreme Commander for the Allied Powers (SCAP). Civil Property Custodian. Property Liquidation Division. External Assets Branch. *Classification of Japanese External Assets*. RG 331. Box 3711. Washington, D.C.: National Archives and Records Administration.
- UNITED STATES OF AMERICA (1948). Supreme Commander for the Allied Powers (SCAP). Civil Property Custodian. Property Liquidation Division. External Assets Branch. *Japanese External Assets as of August 1945*. Volume I. RG 331. Box 3650. Washington, D.C.: National Archives and Records Administration.
- UNITED STATES OF AMERICA (1948a). Supreme Commander for the Allied Powers (SCAP). Civil Property Custodian. Property Liquidation Division. External Assets Branch. *Japanese External Assets as of August 1945*. Volume II. RG 331. Box 3650. Washington, D.C.: National Archives and Records Administration.
- UNITED STATES OF AMERICA (1948b). Supreme Commander for the Allied Powers (SCAP). Civil Property Custodian. Property Liquidation Division. External Assets Branch. *Japanese External Assets as of August 1945*. Volume III. RG 331. Box 3650. Washington, D.C.: National Archives and Records Administration.
- URATA, SHUJIRO (1991). "The Rapid Increase of Direct Investment Abroad and Structural Change in Japan". In: RAMSTETTER, ERIC D.. *Direct Foreign Investment in Asia's Developing Economies and Structural Change in Asia-Pacific Region*. Boulder and Oxford: Westview Press. pp. 175 - 199.
- URATA, SHUJIRO (1992). *Japanese Foreign Direct Investment and Its Impact on Foreign Trade in Asia*. Tokyo: Waseda University. mimeo.
- URATA, SHUJIRO (1994). "Ajia taiheiyo chiiki ni okeru kigyo kan kankei to chokusetsu toshi" [O investimento direto e as relações inter empresas na região do Pacífico Asiático]. *Sekai keizai hyoron*. Sept.
- VEBLEN, T. (1919). *The Place of Science in Modern Civilisation and Other Essays*. New York: Huebsch.

- VERNON, RAYMOND (1966). "International Investment and International Trade in Product Cycle". *Quarterly Journal of Economics*, 80 (May): 190-207.
- VERNON, RAYMOND (1979). "The Location of Economic Activity". In: DUNNING, JOHN H. (ed.). (1979). *Economic Analyses and the Multinational Enterprise*. London: George Allen & Unwin. 89-114.
- WILLIAMSON, O.E. (1975). *Markets and Hierarchies: analysis and antitrust implications*. New York: Free Press.
- WINCKLER, E. A. & GREENHALGH, S. (eds.) (1988). *Contending Approaches to the Political Economy of Taiwan*. Armonk, New York: M.E. Sharpe.
- WINCKLER, E. A. (1988). "Mass Political Incorporation 1500 - 2000". In: WINCKLER, E. A. & GREENHALGH, S. (eds.). *Contending Approaches to the Political Economy of Taiwan*. Armonk, New York: M.E. Sharpe. pp. 41 - 66.
- WRAY, H. & CONROY, H. (eds.) (1983). *Japan Examined: perspectives on modern Japanese history*. Honolulu: University of Hawaii Press.
- WRAY, WILLIAM D. (1989). "Afterword: The Writing of Japanese Business History". In: WRAY, WILLIAM D. (ed.). *Managing Industrial Enterprise: cases from Japan's prewar experience*. Cambridge, MA: Harvard University Press. pp. 317 - 374.
- WRAY, WILLIAM D. (1989a). "Japan's Big-Three Service Enterprises in China, 1896-1936". In: DUUS, PETER; MYERS, RAMON H.; PEATTIE, MARK R. (eds.) (1989). *The Japanese Informal Colonial Empire in China, 1895-1937*. Princeton: Princeton University Press. pp. 31-64.
- YAMAMURA, KOZO (1976). "General Trading Companies in Japan: their origins and growth". In: PATRICK, HUGH (ed). *Japanese Industrialization and its Social Consequences*. Berkeley: University of California Press.
- YAMAZAKI, HIROAKI (1989). "Mitsui Bussan during the 1920s". In: TEICHOVA, ALICE; LÉVY-LEBOYER, M.; NUSSBAUM, H. (1989). *Historical Studies in International Corporate Business*. Cambridge & Paris: Cambridge University Press & Éditions de la Maison des Sciences de L'Homme. pp. 163-176.
- YAMAZAKI, HIROAKI (1997). "An Introduction to Japanese Company History: stability and change in the ranking of large manufacturing enterprises". In: BANNO, JUNJI. *The Political Economy of Japanese Society: the state or the market ?*. Oxford: Oxford University Press.
- YAMAZAWA, IPPEI & YAMAMOTO, YUZO (1979). *Boeki to Kokusai shushi*. [Comércio internacional e balanço de pagamentos]. Tokyo: Toyokeizai.
- YAMAZAWA, IPPEI (1971). "Keizai hatten to boeki kozo - ganko keitai no sai kosei". [A estrutura do comércio externo e o desenvolvimento econômico - reconstituição do modelo "flying wild geese"]. *Ikko Ronso*. 65 (2): 37 - 52.
- YAMAZAWA, IPPEI (1980). "Manufactured Exports from Thailand and the Japanese Market". *Hitotsubashi Journal of Economics*. 20 (2): 1 - 10.
- YAMAZAWA, IPPEI (1990). *Economic Development and International Trade: the Japanese model*. Honolulu: East-West Center.
- YAMAZAWA, IPPEI (1994). *Kokusai keizaigaku* [International Economics]. Second Edition. Tokyo: Toyokeizai.
- YASUMURO, KENICHI (1984). "The Contribution of Sogo Shosha to the Multinationalization of Japanese Industrial Enterprises in Historical Perspective". In: OKOCHI, A. & INOUE, T. *Overseas Business Activities*. The International Conference on Business History 9. Tokyo: University of Tokyo Press. pp. 65 - 94.
- YOSHIDA, MITSUKUNI (1985). "The Restoration and the History of Technology". In: NAGAI, MICHIO & URRUTIA, MIGUEL. *Meiji Ishin: restoration and revolution*. Tokyo: United Nations University. pp. 192 - 204.
- YOSHIHARA, K. (1978). *Japanese Investment in Southeast Asia*. Honolulu: University of Hawaii Press.
- YOSHINO, MICHAEL Y. (1976). *Japan's Multinational Enterprises*. Cambridge, MA & London: Harvard University Press.

- YOUNG, LOUISE (1996). "Imagined Empire: The Cultural Construction of Manchukuo". In: DUUS, PETER; MYERS, RAMON H.; PEATTIE, MARK R. (eds.) (1996). *The Japanese Wartime Empire, 1931-1945*. Princeton: Princeton University Press. pp. 71 – 96.
- YOUNG, LOUISE (1998). *Japan's Total Empire: Manchuria and the Culture of Wartime Imperialism*. Berkeley: University of California Press.

ANEXOS

Fonte: UNITED STATES OF AMERICA (1948, 1948a, 1948b)

Anexo A - Mapa do Leste Asiático

DECLASSIFIED

Auth: NM775016

By: MDA Date: 11/1/80

Japanese External Assets in Eastern Asia

Estimate of Japanese External Assets
in
KOREA

| Classification by | Estimated Total Value Expressed in US Dollars as of August 1945 |
|-------------------|---|
| Corporate | \$ 7,348,111,939 |
| Government | 218,100,000 |
| Individual | 1,161,429,000 |
| Combined Total | \$ 8,627,640,939 |

*Excluding Military & Naval Equipment

Estimate of Japanese External Assets
in
KOREA

| Classification by | Estimated Total Value Expressed in US Dollars as of August 1945 |
|-------------------|---|
| Corporate | \$ 1,345,874,000 |
| Government | 57,340,000 |
| Individual | 288,000,000 |
| Combined Total | \$ 2,691,214,000 |

*Excluding Military & Naval Equipment

Estimate of Japanese External Assets
in
KOREA

| Classification by | Estimated Total Value Expressed in US Dollars as of August 1945 |
|-------------------|---|
| Corporate | \$ 2,210,874,000 |
| Government | 240,000,000 |
| Individual | 211,000,000 |
| Combined Total | \$ 2,761,874,000 |

*Excluding Military & Naval Equipment

Estimate of Japanese External Assets
in
CENTRAL AND SOUTH CHINA

| Classification by | Estimated Total Value Expressed in US Dollars as of August 1945 |
|-------------------|---|
| Corporate | \$ 1,400,662,000 |
| Government | 59,010,000 |
| Individual | 708,420,000 |
| Combined Total | \$ 2,649,152,000 |

*Excluding Military & Naval Equipment

Estimate of Japanese External Assets
in
CENTRAL AND SOUTH CHINA

| Classification by | Estimated Total Value Expressed in US Dollars as of August 1945 |
|-------------------|---|
| Corporate | \$ 1,313,201,420 |
| Government | 449,000,000 |
| Individual | 490,000,000 |
| Combined Total | \$ 2,252,201,420 |

*Excluding Military & Naval Equipment

Estimate of Japanese External Assets
in
CHINA

| Classification by | Estimated Total Value Expressed in US Dollars as of August 1945 |
|-------------------|---|
| Corporate | \$ 1,005,147,444 |
| Government | 192,047,000 |
| Individual | 250,110,000 |
| Combined Total | \$ 1,857,304,444 |

*Excluding Military & Naval Equipment

Estimate of Japanese External Assets
in
CHINA

| Classification by | Estimated Total Value Expressed in US Dollars as of August 1945 |
|-------------------|---|
| Corporate | \$ 517,000,000 |
| Government | 190,424,660 |
| Individual | 244,000,000 |
| Combined Total | \$ 951,424,660 |

*Excluding Military & Naval Equipment

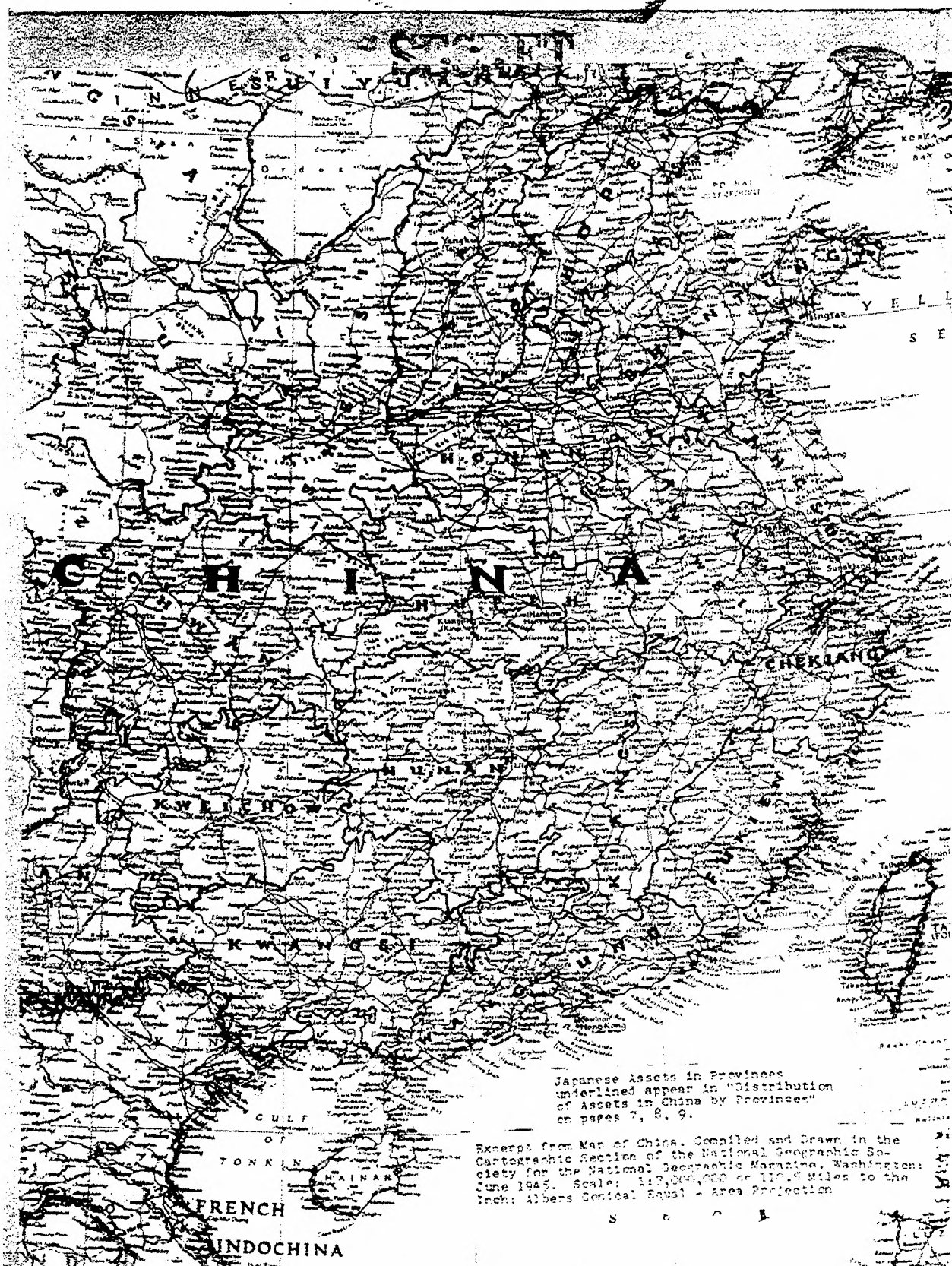
CHINA

Compiled and Drawn on the Cartographic Section of
the National Geographic Society for

MAGAZINE

Anexo B – Mapa da China e de Taiwan

DECLASSIFIED

Authority NND 775019By hga NARA Date 11/1/76

Anexo C - Mapa da Coréia e da Manchúria

UNCLASSIFIED

MM775014

By 100 Date 11/12/60

SECRET

Excerpt from Map of China, Compiled and Drawn in the Cartographic Section of the National Geographic Society for the National Geographic Magazine, Washington: June 1945
 Scale: 1:7,000,000 or 110.5 Miles to the Inch; Albers Conical

Japanese Assets in City and Environs underlined appear in "Distribution of Assets in Manchuria by City & Environs" on pages 5, 6, 7, 8, 9.

